



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Simone Najaim Ribeiro


Os neologismos nas publicações especializadas para adolescentes

Rio de Janeiro

2006

Simone Nejaim Ribeiro

Os neologismos nas publicações especializadas para adolescentes



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador : Prof. Dr. Cláudio Cesar Henriques

Rio de Janeiro

2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/B

R484 Ribeiro, Simone Nejaim.
Os neologismos nas publicações especializadas para adolescentes
/ Simone Nejaim Ribeiro. – 2006.
192 f.

Orientador : Claudio Cezar Henriques.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Neologismos - Teses. 2. Linguística -
Teses. 3. Juventude – Linguagem - Teses. I. Henriques, Claudio
Cezar. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU 806.90-316.1

Simone Nejaim Ribeiro

**Os neologismos nas publicações especializadas para
adolescentes**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Andréa Rodrigues Neylor
Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Lucia Helena Gouvêa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Maria Emília Barcellos da Silva
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Bethânia Mariani (Suplente)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Nícia Verdini Clare (Suplente)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Examinada em 20/ 03 /2006.

Grau: Aprovada com distinção

Rio de Janeiro
2006

Para:

Meu avô NACIB ANTÔNIO NEJAIM (*in memoriam*), pelo amor, orgulho e admiração que sentia por mim.

Minha avó, que sempre me apoiou e rezou por mim.

Meus pais, que tanto me incentivaram e me ajudaram sempre com muito amor.

Meu marido, que sempre me incentivou com muito amor.

Meus irmãos, amigos com quem sempre pude contar.

Meu tio Gilberto, que me ajudou bastante em todos os momentos dessa jornada.

Meu tio Jorge, que sempre rezou e torceu por mim.

Minha cunhada, Mariana, que me ajudou muito com seu apoio e dedicação.

Meus alunos e amigos, que direta ou indiretamente me deram força.

Meu mestre e amigo Claudio Cezar Henriques, que confiou e acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me iluminado e protegido em todos os momentos de minha vida.

Aos professores do curso de Doutorado em Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ, pelos ensinamentos e pela segura orientação.

À Ana Luiza Teixeira Avvad, eterna adolescente, pela ajuda nesta pesquisa.

Adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo.

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas
esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicentemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
- vestida apenas com o teu desejo!

(Mário Quintana)

SINOPSE

Estudo dos neologismos nas publicações especializadas em adolescentes, com vista à descrição e à associação dos itens lexicais a aspectos semânticos, discursivos e estilísticos da língua portuguesa. A linguagem da juventude e as características físicas e psicológicas dessa faixa etária. A linguagem das publicações voltadas para os adolescentes. Lexicografia e Lexicologia. Relação entre léxico e desenvolvimento social. Neologismos. Glossário dos neologismos, com as abonações.

RESUMO

RIBEIRO, Simone Nejaim. *Os neologismos nas publicações especializadas para adolescentes*. 2006. 192f. (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Este trabalho desenvolve um estudo sobre os neologismos encontrados nas revistas especializadas em adolescentes. Considera alguns pontos relacionados com as características físicas e psicológicas dos indivíduos dessa faixa etária. Analisa a linguagem usada pelos adolescentes e a linguagem das revistas que eles lêem. Também se refere à Lexicologia e à Lexicografia enfatizando a relação entre o léxico e o desenvolvimento social. Faz algumas considerações sobre neologia. Organiza uma lista de neologismos usados pelos adolescentes.

Palavras-chave: Lexicologia; Lexicografia; Neologia; Neologismos

ABSTRACT

This work develops a study about the neologisms found in magazines specialized in teenagers. It considers some points related to the physical and psychological characteristics of this age. It analyses the language used by teenagers and the language of the magazines they read. It also refers to lexicography and lexicology, emphasizing the relation between lexicon and society development. It makes some considerations of neology. It organizes a list of the neologisms used by teenagers.

Keywords: Lexicology; Lexicography; Neology; Neologism

RESÚMEN

Este trabajo desenvuelve un estudio sobre los neologismos encontrados en las revistas especializadas en adolescentes. Considera algunos de los puntos relacionados con las características físicas y psicológicas de individuos de esta franja de edad. Analiza el lenguaje usado por los adolescentes y el lenguaje de las revistas que ellos leen. También se refiere a la lexicología y a la lexicografía enfatizando la relación entre el léxico y el desarrollo social. Hace algunas consideraciones sobre neología. Organiza una lista de neologismos usados por los adolescentes.

Palabras clave: Lexicología; Lexicografía; Neología; Neologismo

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a	adjetivo
adv	advérbio
AEXXI	Dicionário Aurélio Século XXI
art	artigo
cap.	capítulo
cf	confira, confronto
compl	complemento
conj	conjunção
DH	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
interj	interjeição
loc adj	locução adjetiva
loc adv	locução adverbial
loc interj	locução interjeitiva
NL	neologismo lexical
NLoc	neologismo locucional
NS	neologismo semântico
num	numeral
pejor	pejorativo
p.ex.	por exemplo
prep	preposição
pron	pronome
q.v.	queira ver
s2g	substantivo de dois gêneros
sf	substantivo feminino
sm	substantivo masculino
v	ver
var	variante
vi	verbo intransitivo
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
vtd	verbo transitivo direto
vtdi	verbo transitivo direto e indireto
vti	verbo transitivo indireto

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas e siglas

1 – Introdução	11
2 - A linguagem da juventude	15
2. 1 - Puberdade e Adolescência	16
2. 2 - A língua do adolescente: linguagem especial ou gíria?	28
3 - A linguagem das revistas	36
3. 1 - As publicações voltadas para adolescentes	40
4 - Lexicologia e lexicografia	42
4. 1 - O léxico e o desenvolvimento social	45
4. 2 - Neologismos	49
5 - Critérios	80
5. 1 - O <i>corpus</i>	81
5. 2 – A organização da nominata	92
5. 3 – A definição dos verbetes	93
6 - Glossário	96
7 - Conclusão	179
8 - Referências bibliográficas	183

1 – INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase na qual ocorrem mudanças no corpo e na mente e quando as sensações se alternam desde uma intensa depressão até a mais profunda felicidade, da total segurança à plena indecisão. O medo do desconhecido habita as mentes em transição assim como a avidez por descobertas. Desse modo, é normal que essas condições físicas e mentais se reflitam na linguagem.

Essas repercussões lingüísticas são variadas, interessando-nos neste trabalho as que ocorrem no campo do léxico, tema que vem ocupando um lugar expressivo nos estudos de língua portuguesa. Considerando que essa é uma fase complexa e de duração prolongada, é importante analisar a influência que os vocábulos usados por seus representantes exercem nas várias camadas da sociedade, pois seus termos passam a fazer parte do linguajar cotidiano e podem, até, interferir na comunicação.

A hipótese que aqui defendemos parte da idéia de que a linguagem de uma faixa etária tão expressiva como a dos adolescentes oferece material bastante rico para os estudos lingüísticos, o que poderá ser comprovado por meio de um estudo do seu léxico.

O ponto que se pretende desenvolver focaliza os neologismos presentes no léxico desse grupo, o que se associa a aspectos semânticos, discursivos, gramaticais e estilísticos da língua portuguesa. Para isso, utilizaremos como *corpus* textos escritos publicados na imprensa e destinados a

esse tipo de público especial. Ressalte-se desde já que se trata de uma manifestação lingüística produzida *para* o jovem e não *do* jovem. Isso porque nosso propósito é estudar um registro que caracterize uma espécie de abonação documentada, institucionalizada por escrito, o que não seria possível com a língua oral.

Foram selecionadas para esse levantamento as revistas *Atrevida* (mensal), *Capricho* (quinzenal) e *Todateen* (mensal), consultadas de julho de 2001 a dezembro de 2004, totalizando o quantitativo de 164 publicações. O estabelecimento desse *corpus* se deu pela coleta dessas fontes, segundo critérios de seleção lexical que se baseiam no confronto com os dicionários *Aurélio Século XXI*, *Houaiss* e com o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. No capítulo 5, intitulado **Crítérios**, serão explicitados, mais detalhadamente, o levantamento do *corpus* e a organização dos verbetes. No decorrer da pesquisa, foi possível perceber que esse *corpus* apresenta uma faceta dupla, já que a fronteira existente entre a linguagem da imprensa e a linguagem do adolescente pode gerar reflexões interessantes na área da linguagem, embora o propósito do presente trabalho não seja o de fazer essa interface: nosso intuito é estudar o léxico e proceder a um levantamento dos neologismos encontráveis nesse *corpus*.

No capítulo 2, intitulado **A linguagem do adolescente**, serão abordados conhecimentos que ultrapassam o campo lingüístico, enveredando por contribuições da Biologia, da Psicologia e da Sociologia. Essa interdisciplinaridade faz com que, num primeiro momento, no item *Puberdade e adolescência*, aborem-se considerações sobre as características fisiológicas do adolescente associadas aos aspectos psicológicos dessa faixa etária.

Em seguida, o adolescente é situado na sociedade contemporânea, caracterizada pelo “culto à juventude”, cheia de apelos e situações que o fazem agir de determinada maneira e ter uma linguagem característica. Po-

derá ser observado, com isso, que os neologismos encontrados nas publicações especializadas para adolescentes refletem, claramente, a sociedade em que eles vivem e os conflitos que enfrentam.

Ainda nesse capítulo, após definir e situar o adolescente na sociedade, retoma-se a visão de língua como fato social. Em decorrência disso, como o trabalho aborda os neologismos de um determinado grupo, é necessário definir se a linguagem do adolescente pode ser classificada como um tipo de gíria ou de linguagem especial. Para tanto, serão vistos os pontos de vista de alguns estudiosos que discutem esse assunto, tentando chegar a uma conclusão que melhor se aplique ao caso.

Como os neologismos levantados são provenientes de publicações voltadas para adolescentes, no capítulo 3 será feita uma abordagem da linguagem usada nas revistas, mais especificamente nas publicações destinadas a essa faixa etária.

O fato de tratarmos dos neologismos retirados das fontes mencionadas inclui esse trabalho no âmbito dos estudos lexicológicos e lexicográficos. Tal fato faz com que o capítulo 4 seja dedicado aos conceitos, objetivos e fatos relacionados à Lexicologia e à Lexicografia. Entram aí as considerações a respeito do léxico, sua relação com a sociedade e sobre o processo de criação vocabular cujo produto é o foco de nosso estudo: a neologia e os neologismos, respectivamente.

No capítulo 5, serão estabelecidos mais detalhadamente os critérios utilizados para a seleção do *corpus*, a organização da nominata e a definição dos verbetes.

No capítulo 6, encontra-se o glossário dos neologismos retirados das publicações mencionadas, com as respectivas abonações. Esse levantamento, porém, não inclui a descrição pormenorizada dos aspectos social e regional dessa faixa etária, já que trabalhamos com a linguagem voltada

para o jovem, focalizado aqui com um perfil intencionalmente amplo.

Nossa pesquisa também se inspira na necessidade de, como educadores e pesquisadores, estarmos sempre atentos às novas formações vocabulares e às novas construções gramaticais que envolvem a linguagem dos adolescentes, com os quais convivemos diariamente e por cuja orientação lingüística somos responsáveis. Com essa motivação, em vez de enveredar por levantamentos exaustivos do léxico, da história, da dialectologia ou da estilística – como conteúdos auto-excludentes –, optamos por levar em conta que, para nossos objetivos, seria mais proveitoso lidar com a contribuição dos neologismos voltados para uma determinada faixa etária cuja linguagem, diferentemente do que se costuma apregoar, muito tem a acrescentar à nossa língua.

Pretende-se, então, verificar a riqueza da expressão lingüística dos adolescentes e sua criatividade, representada pelos neologismos, responsável por imagens e construções frasais extremamente valiosas no contexto dos estudos de linguagem e reflexo das condições “biopsicossociais” dessa faixa etária.

2 – A LINGUAGEM DA JUVENTUDE

Tendo em vista que o presente estudo abrange a linguagem de uma determinada faixa etária – a adolescência –, é importante fazer uma pequena abordagem a respeito dessa fase, normalmente tão conturbada. Isso porque o lado psicológico dos adolescentes influencia bastante seu modo de usar a língua, fato percebido mais claramente no léxico.

Segundo Mônica Rector, em *A linguagem da juventude* (1975: 205),

(...) não podemos deixar de reconhecer que a linguagem estudantil é mais concreta, utilitária, rápida e é a proximidade com a vida objetiva, com a realidade diária, que condiciona a formação de seu vocabulário. É materialista e sentimental, ou seja, as duas maneiras de ser na realidade imediata. Carece, pois, de refinamentos formais. Por isso, ocorre a aceleração na renovação da linguagem.

Diferentemente do trabalho feito por Mônica Rector, este levantamento não leva em conta diferenças diatópicas e diastráticas (com exceção das relativas à idade), já que o *corpus* foi recolhido de uma linguagem produzida *para* o adolescente. Mesmo assim, poderá ser observado que, algumas vezes, as revistas especializadas transcrevem entrevistas nas quais o jovem tem sua fala apresentada. No entanto, é preciso ter cuidado já que o jornalista nem sempre transcreve *ipsis litteris* o que o entrevistado falou.

De todo modo, para organizar um trabalho que examina uma expres-

são lingüística associada ao adolescente, é importante analisar as características físicas e psicológicas dessa fase que a tornam tão peculiar, inclusive no que diz respeito ao vocabulário a ele destinado.

2. 1 – PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

Puberdade e adolescência são dois termos que, muitas vezes, são tomados como sinônimos. Entretanto, embora sejam referentes a uma mesma faixa etária, possuem pontos de vista diversos.

A puberdade tem um aspecto biológico e universal, caracterizada por modificações visíveis, como, por exemplo, o crescimento de pêlos pubianos, auxiliares ou torácicos, o aumento da massa corporal, desenvolvimento das mamas, evolução do pênis, aparecimento da menstruação, etc. Essas mudanças físicas caracterizam a puberdade, neste caso como um ato biológico ou da natureza.

Por outro lado, a adolescência se configura como uma atitude cultural, registrando a postura do ser humano durante uma fase de seu desenvolvimento, que deve refletir as expectativas da sociedade sobre as características desse grupo. A adolescência, portanto, corresponde a um papel social. E esse papel social de adolescente parece sempre ter sido simultâneo à puberdade.

A despeito de parecer para os nossos hábitos algo muito corriqueiro, o conceito de *adolescência* como o que se tem hoje em dia, em que é enfatizado o aspecto psicológico do jovem, não era comum quando o termo surgiu.

O *Dicionário Houaiss* dá a palavra como do séc. XIV (está no Índice do Vocabulário do Português Medieval, de A. G. Cunha) e mostra a seguinte etimologia: lat. *adolescētia, ae* 'adolescência, mocidade, a idade de mancebo'; ver *alt-*; f.hist. sXIV *adolescencia*, sXIV *adolecencia*, sXV *adollacencia*.

O enfoque no aspecto psicológico é relativamente recente na nossa história, tendo surgido no final do século XIX. Pode-se dizer então que a adolescência é uma formulação diferente da *puberdade* já que esta compreende o período de mudanças fisiológicas no corpo que fazem o ser humano adquirir características de um adulto, enquanto a adolescência constitui uma fase que marca a passagem psicossocial da infância para o mundo adulto.

Pode-se constatar que a abordagem tardia da vertente psicológica do termo *adolescência* talvez se deva ao que se poderia chamar de o “novo *status* da juventude”. Esse tema é abordado mais detalhadamente no artigo da psicanalista Maria Rita Kehl, intitulado “A juventude como sintoma da cultura” (NOVAES & VANNUCHI, 2004). Segundo a psicanalista,

O prestígio da juventude é recente. “O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos”, escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre sua infância na rua Alegre. “Os moços não tinham função nem destino. A época não suportava a mocidade.” O escritor estava se referindo aos sinais de respeitabilidade e seriedade que todo moço tinha pressa em ostentar, na primeira metade do século XX. Um homem de 25 anos já portava o bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessários para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18. Homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva / reprodutiva da vida do que quando ainda habitavam o limbo entre a infância e a vida adulta chamado de juventude ou, como se tornou hábito depois da década de 1950, de adolescência. (2004: 90)

A autora afirma ainda que, em todas as culturas, a puberdade aparece como o período de amadurecimento sexual das crianças, marcando a fase de transição do corpo infantil para o adulto, que tem com função procriar.

Da Grécia clássica às sociedades indígenas brasileiras, o(a) púbere é reconhecido(a) como tal, e a passagem da infância para a vida adulta é acompanhada por rituais cuja principal função é reinscrever simbolicamente o corpo desse(a) que não é mais criança, de modo que passe a ocupar um lugar entre os adultos. Mas o conceito de adolescência, que se estende em certos países até o final da juventude (hoje em dia não hesitamos em chamar adolescente a um moço de 20 anos), tem uma origem e uma história que coincidem com a modernidade e a industrialização. A adolescência na modernidade tem o sentido de uma moratória, período dilatado de espera vivido pelos que já não são crianças, mas ainda não se incorporaram à vida adulta. O conceito de adolescência é tributário da incompatibilidade entre a maturidade sexual e o despreparo para o casamento. Ou, também, do hiato entre a plena aquisição de capacidades físicas do adulto – força, destreza, habilidade, coordenação etc. – e a falta de maturidade intelectual e emocional, necessária para o ingresso no mercado de trabalho. O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e, mais recentemente, a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de “adolescente”, dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino. (2004: 91)

Atualmente, vê-se também que crianças assumem, cada vez mais precocemente, o papel social de adolescentes e estes, por sua vez, cada vez mais precocemente, assumem o papel social de adultos – que não se confunde com as responsabilidades sociais dos adultos. Dando asas à imaginação, parece, salvo melhor juízo, que essa adolescência precoce tem arrastado consigo a puberdade precoce, principalmente a feminina, com meninas de nove e dez anos menstruando e desenvolvendo seios.

Assim sendo, já não podemos explicar a adolescência apenas como

sendo fruto da interferência do fator biológico humano (puberdade) no papel social de uma pessoa. Muito pelo contrário, acaba-se tendo de explicar a puberdade precoce de nossas crianças como sendo a interferência do panorama social no biológico humano.

Em 1840, a média de idade em que ocorria a menarca (primeira menstruação) ficava por volta dos dezesseis, dezessete anos, idade claramente coincidente com o momento da incorporação da adolescente na vida adulta, na responsabilidade do casamento e da procriação.

Diferentemente, hoje em dia, nenhuma família se sentiria à vontade se a filha de dezesseis anos assumisse responsabilidades matrimoniais. A despeito disso, aceita-se que esteja integrada plenamente (ou quase) nas liberdades sexuais do mundo moderno. Hoje, antes de completar treze anos, a jovem já teve a menarca e, aos dezesseis, a família e a sociedade esperam que ela estude e se prepare, tendo como objetivo se formar profissionalmente e, com isso, encontrar seu papel na sociedade.

A puberdade, período que se refere às mudanças fisiológicas no corpo, tem início com a maturação do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenalgonadal, cuja secreção é transportada pelo sistema endócrino dos hormônios sexuais. Durante essa fase, a produção e a concentração de hormônios sexuais no organismo aumentam, causando alterações no corpo. Nos dois sexos, a concentração atinge seu nível máximo aos dezesseis anos; contudo, as meninas iniciam sua puberdade em média aos onze anos, dois anos antes da idade em que normalmente isso se dá com os meninos. Até mesmo os aumentos de peso e de altura ocorrem primeiro nas meninas, o que as torna, aos doze anos em média, mais altas e pesadas que os meninos.

As oscilações na concentração dos hormônios sexuais no organismo

podem causar mudanças de humor. Nas mulheres, os baixos níveis de estrogênio provocam depressão. Nos homens, níveis elevados de testosterona têm sido relacionados com agressão e impulsividade, assim como com a libido e a manifestação do impulso sexual. Observa-se que, em diversos aspectos, os efeitos dos hormônios parecem influenciar de forma mais intensa os jovens do sexo masculino.

No entanto, pode-se afirmar que a puberdade, tanto no menino quanto na menina, não gera apenas mudanças físicas, mas, principalmente, psicológicas. As alterações hormonais tornam a sensibilidade sexual mais aguçada e, conseqüentemente, é neste período que muitos adolescentes começam a experimentar as relações sexuais.

Essas alterações hormonais e as eventuais dificuldades de adaptação às alterações físicas proporcionam momentos de depressão, característicos dos adolescentes, que se alternam com períodos de intensa energia física, entusiasmo e muita inquietação. Também é possível observar, em alguns casos, atitudes de rebeldia, de oposição e de certa irritabilidade. Apesar de a maioria dos adolescentes ser dependente economicamente dos pais, em geral eles sentem muita vontade de mostrar a sua própria personalidade e, assim, formar o seu caráter e sua personalidade.

Durante esse período, os adolescentes costumam ansiar fortemente por sensações novas, chegando a fumar, a experimentar bebidas alcoólicas ou a usar drogas, tudo isso como forma de auto-afirmação de sua pseudo-independência.

Portanto, a puberdade é marcada por significativas mudanças biológicas e psicossociais (adolescência). É neste momento que ocorre, simultaneamente, maior separação do filho em relação aos pais e maior busca de novos laços afetivos.

Vejamos neste passo a adolescência como um termo que apresenta

diversas definições que mudam de acordo com critérios psicológicos, sociológicos, médicos ou cronológicos. Cronologicamente, a adolescência costuma ser dividida em três períodos. O inicial vai dos doze aos quatorze anos; o intermediário, dos quatorze aos dezessete; e o tardio, dos dezessete aos vinte e um anos. Não se pode, entretanto, generalizar, pois, como há grandes diferenças individuais, essas divisões são arbitrárias.

A Psicologia dedicou um tratamento secundário à adolescência, especialmente quando comparada à infância, que foi bastante estudada por dois de seus principais teóricos, Piaget e Freud. Para eles, a gênese dos processos mentais (Piaget) e da psique humana (Freud) estava na infância, de modo que as origens de falhas nesses processos deviam ser procuradas nos primeiros anos de vida de uma pessoa.

Freud escreveu sobre a adolescência nos *Três ensaios para uma vida sexual* (1905). O último ensaio, “A metamorfose da puberdade”, aborda a nova finalidade sexual que ocorre na adolescência. Isto porque a sexualidade na infância se caracteriza por um polimorfismo, ao passo que na adolescência há o desenvolvimento dos órgãos genitais, que estão prontos para a função de procriar. Desse modo, segundo Freud, o crescimento dos órgãos genitais externos e dos internos faz com que seja constituído o que ele chama de um complicado aparato que aguarda a sua utilização. Os efeitos dessa espera, no tempo de Freud um pouco mais demorada do que nos dias de hoje, foram examinados por ele em outros textos em que abordava as conseqüências patogênicas do tabu da virgindade ou a relação entre a moral sexual e a neurose.

Nesses três ensaios, Freud nos revela que na adolescência o complexo de Édipo é intensificado devido ao amadurecimento da sexualidade genital. Desse modo, o que não foi resolvido no complexo de Édipo infantil fica em repouso entre os sete e os doze ou treze anos, voltando a produzir

efeitos perturbadores sobre o psiquismo a partir da adolescência. Assim, na psicanálise, a crise da adolescência é concebida como um retorno, em proporções maiores, da crise edipiana.

Jean-Jacques Rassial, um estudioso da adolescência, contemporâneo nosso, no livro *O adolescente e o psicanalista*, afirma que o adolescente se vê “excedido por seu corpo”, sem base para tomar uma atitude, já que não tem sua personalidade formada. Por conta disso, o crescimento físico que acontece nessa fase não é acompanhado na mesma proporção por um amadurecimento psíquico, o que leva o adolescente a se valer de objetos-fetichê, como o sutiã para a menina e o barbeador para o menino, denominados por Rassial como apêndice do corpo. Esses objetos dão o suporte para o crescimento que ele reivindica.

Essa análise nos faz reconhecer que, independente da classe social, o adolescente também possui um lugar de destaque como consumidor – seja potencial, incipiente ou efetivo. Com a expansão dessas condições, uma consequência natural é o oferecimento de produtos voltados para esse público-consumidor que busca nesses acessórios objetos que o ajudam na tarefa difícil de

reinscrever esse novo corpo, estranho até para o próprio sujeito, nesse lugar também de transição entre a infância e a vida adulta que ele passa a habitar. Em nossas sociedades laicas, em que faltam ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta, os objetos de consumo e os espaços próprios para frequência adolescente – a lanchonete, o baile funk, a boate, os megashows de rua – substituem os ritos característicos das culturas pré-modernas. Os jovens também inventam seus próprios ritos. Penso que o consumo de drogas leves como a maconha ou a cerveja funciona como prova ou desafio para decidir a entrada dos novatos em certos grupos, estabelecendo a linha não só entre os que são vistos como ainda crianças e os que já se consideram com um pé na vida adulta. (KEHL, 2004: 95)

Entre os psicanalistas que mais estudaram a adolescência, o nome de Erik Ericson (1902 – 1994) é um dos mais representativos junto à comunidade científica, onde é considerado o “pai do desenvolvimento psicossocial” e “arquiteto da identidade”. Ele desenvolveu o estudo sobre os oito estágios do desenvolvimento humano, segundo o qual os bebês nascem com algumas capacidades básicas e temperamentos distintos. No entanto, passam por mudanças radicais no caminho até a fase adulta. De acordo com Erik Erikson, cada pessoa passa por oito estágios de desenvolvimento, denominados por ele de “estágios psicossociais”. Cada estágio é caracterizado por uma diferente “crise” ou “conflito” psicológico, que deve ser resolvido por cada um antes de passar para o próximo estágio. Se uma pessoa não resolver bem uma crise particular, o resultado será que mais tarde enfrentará essa mesma questão de forma mais difícil. Para Erikson, a seqüência dos estágios é determinada pela natureza.

Para ele, o principal conflito no estágio da adolescência situa-se entre a obtenção da identidade e a confusão de papéis. Sendo a identidade um senso seguro de si mesmo, de uniformidade e conformidade interior, é na adolescência que há a expectativa de deixarmos de ser pessoas dependentes para nos tornarmos independentes.

Nessa fase, a necessidade da busca urgente por um senso de identidade faz com que sejam determinados os padrões de comportamento. Um exemplo disso é a formação de pequenos grupos fechados, isto é, formados por jovens cujas características são comuns. Frequentemente, essas associações entre adolescentes assumem dimensões de intolerância e crueldade, principalmente no que se refere à exclusão de outros que são vistos de alguma forma como “diferentes”, ou seja, como uma espécie de ameaça à identidade dos membros da associação, que se reforçam mutuamente.

Esse anseio por uma definição de identidade também é realizado na preocupação constante com o que seus pares irão pensar deles. Isso se concretiza através da busca por roupas, sinais, gestos, vocabulário e hábitos comuns e pela filiação a ideologias ou grupos considerados radicais pela sociedade. Daí encontrarmos “tribos” intituladas pelos próprios adolescentes como “roqueiros”, “nerds”, “patricinhas” (ou “paty”), “mauricinhos”, “orkuteiros”, “pagodeiros”, “forrozeiros”, entre muitos outros.

Nota-se que até mesmo os primeiros envolvimento amorosos são bastante marcados pela necessidade de se chegar a uma definição de si mesmo – talvez mais até do que os impulsos sexuais. Dessa forma, o amor adolescente busca o senso de individualidade por meio da projeção de uma auto-imagem em construção em uma outra pessoa.

Essa busca de um sentido de identidade caracteriza-se pelo desejo que o adolescente possui de se ver livre dos conflitos de papéis ou identificações contraditórias. Isso pode fazer com que ele chegue ao paradoxo de preferir uma identidade negativa, ou seja, uma identidade baseada nas identificações e papéis que lhe foram apresentados como indesejáveis ou perigosos. Desse modo, o uso de drogas, o envolvimento com atos delinquentes e a prostituição podem ser vistos como a opção por uma identidade “inteira”, mesmo que prejudicial, em detrimento da busca por uma identidade socialmente mais valorizada. O jovem pode julgar esses papéis marginais mais facilmente desempenháveis do que outros, que, apesar de mais aceitáveis, são, em sua avaliação, inatingíveis por meio de seus recursos pessoais – especialmente quando vítima de exclusão social.

Note-se ainda que os próprios parâmetros classificatórios da adolescência vêm sendo revistos. Hoje, a Organização Mundial da Saúde considera adolescentes jovens entre os dez e os vinte anos. Esse período, há até pouco tempo, era compreendido entre treze e dezoito anos. Isso parece

refletir que boa parte dos jovens insiste em não crescer, em não assumir tarefas e responsabilidades típicas da fase adulta – embora queira desfrutar de muitos direitos exclusivos dessa fase.

A educadora Tânia Zagury afirma que, mesmo aos vinte anos, o jovem não pode ser considerado adulto, pois não tem condições de responder de forma independente por todos os segmentos de sua vida, tanto no nível profissional como no afetivo e no financeiro. Para ela, como já mencionamos anteriormente, as crianças estão entrando mais cedo na puberdade e demoram mais a chegar à fase adulta. Existem vários fatores que contribuem para esse alongamento da adolescência, os quais dizem respeito à própria situação atual da nossa sociedade.

Na medida, por exemplo, em que melhoram as condições alimentares, em especial em termos qualitativos, mais cedo se dá o amadurecimento físico e a conseqüente entrada na puberdade. Apesar das desigualdades sociais ainda existentes em muitos países, de uma maneira geral, os estudos indicam que houve uma melhora alimentar qualitativa para grande parte da população mundial. Mais gente está se alimentando – e melhor. Esse fator acarreta nos organismos das crianças um desenvolvimento e amadurecimento precoce. (ZAGURY, 2002: 19)

Além disso, há a forte influência da televisão. Os jovens assistem hoje, desde muito pequenos, a programas e filmes destinados a um público adulto, com temas complexos. A exposição freqüente a esse tipo de programação faz com que as crianças adotem, precocemente, comportamentos, gestos, posturas, modo de vestir, andar, agir e pensar de pessoas adultas. Devido a isso,

não é à toa que, um belo dia, a mãe de um menino de quatro anos o surpreende beijando a amiguinha na boca, a menina de três exibe aos pais e parentes, boquiabertos, uma dança sensual com trejeitos e gestos totalmente incompatíveis com a idade, ou que outra, de dez, sonha fazer um “book”, um ál-

bum fotográfico, no qual pose como uma verdadeira estrela de cinema ou de TV... A TV ensina, modela comportamentos. Cria pequenos clones de artistas. E, assim, hoje, nossas meninas, aos quatro, cinco anos, pintam unhas, lábios, só querem usar roupas colantes e provocadoras, shortinhos supercurtos, adotam andar e poses sensuais, enquanto alguns meninos insistem em comprar revistas tipo Playboy, entrar em sites eróticos na Internet etc. muitas vezes sem ter uma compreensão real do significado daquilo que estão fazendo. (ZAGURY, 2002: 20)

Isso tudo se reflete, como se sabe, não só no comportamento e nas atitudes como também na linguagem, mais especificamente no vocabulário, que se insere em campos semânticos relativos a relacionamentos amorosos (namoro, relação sexual, etc.), que há pouco tempo eram típicos da idade adulta. Nossas crianças, desse modo, vão deixando, ao menos externamente, de ser crianças, pois passam a imitar o que vêem na televisão e no cinema.

Por outro lado, devido às dificuldades e exigências do mercado de trabalho, os jovens demoram um pouco mais para adquirir a independência financeira, decorrente de sua formação profissional. Isso ocorre porque

a complexidade da ciência, a extensão de conhecimentos em todos os campos do saber têm exigido um aumento substancial no período necessário à formação dos profissionais, em especial nas atividades de nível superior. (ZAGURY, 2000: 21)

Assim, o mundo globalizado e suas altas taxas de desemprego tornam cada vez mais complexo o acesso a boas posições de trabalho em várias áreas de conhecimento. Hoje é exigido o domínio de mais de uma língua, além da língua materna, a habilidade no uso do computador, entre outros requisitos recomendados para se obter mais qualificação para o mercado de trabalho de uma sociedade muito competitiva. Por tudo isso, para muitos jovens, a independência financeira demora a chegar e, sem ela, não se

chega à fase adulta.

Outro fato interessante é que, diferentemente das décadas de 60 e 70, o jovem de hoje não tem pressa de ir embora da casa dos pais. A maior liberdade dada a eles certamente contribui muito para a falta de vontade de “ter um cantinho só seu”. Os pais dos adolescentes de hoje não vivenciaram o mesmo grau de liberdade de seus filhos e, devido a isso, deram-lhes a liberdade que não tiveram em suas casas. Atualmente, os jovens das classes mais favorecidas social e economicamente têm seu próprio quarto, têm o respeito do seu espaço, trazem as namoradas para casa, trancam-se quando não querem ser incomodados por ninguém. Diante disso, não há necessidade de sair de casa, ter contas para pagar, preocupações com alimentação, compras, roupa suja, faxina. Como decorrência, jovens de vinte e seis, vinte e sete e, até mesmo, trinta anos continuam, sem pressa alguma, na casa dos pais, onde têm privacidade e respeito.

Além disso, ressalte-se que, nas classes mais favorecidas, os jovens não têm obrigação de ajudar em casa; só têm a obrigação de estudar. Geralmente, quanto maior o nível econômico, menores são suas obrigações e tarefas. Isso contribui para retardar o amadurecimento e, conseqüentemente, para alongar a adolescência. Ainda de acordo com Tânia Zagury, cabe aos pais e aos educadores a tarefa de encurtar esse período ou de, pelo menos, evitar que ele se estenda mais do que o necessário ou se eternize, como tem sido observado em alguns casos.

Tendo em vista que tais mudanças físicas e psicológicas são características dessa fase tão conturbada – e, agora, prolongada – de nossas vidas, a análise do comportamento lingüístico do adolescente, fortemente influenciado pelos fatos abordados, é também uma tarefa que se reveste de especial interesse. E o primeiro ponto a investigar quanto a isso é definir se a expressão lingüística que representa esse tipo específico de grupo pode ser

considerada gíria ou linguagem especial.

2. 2 – A LÍNGUA DO ADOLESCENTE: linguagem especial ou gíria?

Sendo este um estudo que envolve aspectos lingüísticos e sociais, relembremos a visão da língua como um fato social e façamos também uma distinção entre linguagem especial e gíria – já que abordamos os neologismos presentes nas publicações voltadas para o adolescente. Para isso, tomaremos por base o artigo escrito por Celso Cunha em 1941, “Em Torno dos Conceitos de Gíria e Calão” (PEREIRA, 2004: 237-262).

Podemos afirmar que nas linguagens especiais encontramos fatores psicológicos e sociais, entre outros, que agrupam as pessoas de acordo com a profissão, a religião, as atividades esportivas, etc. Tais grupos se expressam através do sistema lingüístico comum a todos, fazendo uso de certas particularidades expressivas e representativas desse sistema.

Sabemos que a gíria dá um novo significado a formas já existentes ou que tenham sido alteradas nesse sistema lingüístico comum. O objetivo da gíria é não se fazer entender por quem não pertence a um determinado grupo. Logo, ela pretende manter a identidade e a consciência de um grupo social específico.

Por isso, a diferença básica entre a gíria e a linguagem especial está no paradoxo existente entre a originalidade e o anonimato. Ou seja: a criação de termos e expressões pode servir ao desejo de não se fazer entender por estranhos ao grupo, mas a esse objetivo pode-se acrescentar a natural necessidade de auto-afirmação desse mesmo grupo, o que o levaria a bus-

car meios de imposição de sua expressão lingüística. De sua parte, a comunidade geral tende a receber essas inovações também de forma antagônica, demonstrando sentimentos de conservadorismo e de curiosidade. Estamos assim diante de um dos mecanismos mais interessantes no que tange à evolução da língua.

Diz Celso Cunha que:

Em todos os grupos humanos organizados, desde o momento em que adquirem a consciência de sua unidade, os que não pertencem ao círculo, os não iniciados, passam a ser vistos como profanos. E é justamente daí que decorre o antagonismo entre a ação uniformizadora da sociedade geral, procurando estagnar a língua, pela resistência da inércia coletiva a toda invenção lingüística, e a ação dos grupos particulares tentando diferenciá-la, principalmente quando se trata de um grupo mais ou menos fechado e autônomo. (2004: 244)

O autor acrescenta que a linguagem especial pode passar à gíria sob certas condições especiais, ou seja,

desde o momento em que deixe de ser uma proteção involuntária do grupo, mas no instante em que este, tomando consciência do caráter enigmático de sua linguagem, passe a usá-la voluntariamente, em ocasião oportuna, como arma não só de defesa mas também de ataque aos profanos. (IDEM)

Para Dino Preti, em *A gíria e outros temas*, a criação de uma linguagem especial pode

não apenas atender ao desejo de originalidade mas também servir a finalidades diversas, como, por exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por indivíduos do grupo, sem ser entendido pelos demais da comunidade, de onde advém seu caráter hermético.

A partir do momento em que essa linguagem especial serve ao grupo como elemento de autoafirmação, de verdadeira realização pessoal, de

marca original, ela se transforma em *signo de grupo*. Foi o caso, por exemplo, nos idos de 60, da linguagem dos “hippies”, com vocabulário, fraseologia e até formas de chamamento específicas, em flagrante oposição ao uso da comunidade. Ou também, em certos casos, em todas as épocas, da linguagem dos estudantes das grandes universidades, dos militares, dos marginais do crime, dos vendedores ambulantes etc.

Essa oposição ao *uso* provoca, de imediato, duas reações diversas na comunidade: a primeira, de crítica, de condenação, porque ela infringe os padrões lingüísticos, opõe-se agressivamente à tradição, mantida em especial pela escola; a segunda, de curiosidade, dado que toda e qualquer reação às regras sociais vigentes causa admiração, e o *uso restrito* evoca hábitos, atitudes, atividades pouco coerentes e, muitas vezes, contestatórias. (1984: 2-3)

Como se vê, toda gíria é uma linguagem especial, mas nem toda linguagem especial é obrigatoriamente uma gíria, o que se poderia condensar na definição dada por Zélio dos Santos Jota (1976: 154), ou seja, a gíria é uma "linguagem especial de conteúdo expressivo vigente em um grupo social".

Continuando no caminho das referências acerca desse termo, examinemos mais alguns depoimentos sobre o verbete "gíria".

[gíria é] em sentido lato, [a] linguagem especial de um grupo social ou classe profissional; em sentido restrito, linguagem particular de um grupo caracterizada por deformações intencionais, criações anômalas, transformações semânticas, de caráter burlesco, jocoso ou depreciativo. (LUFT, 1973: 91)

[num sentido lingüisticamente] mais técnico: representa exclusivamente uma forma de língua na qual o léxico específico está ligado a um grupo social, ou porque o grupo tem uma vida fechada (*a gíria politécnica*), ou porque ele elaborou uma língua secreta que o protege (*a gíria dos malfeitores, a gíria dos mercadores, comerciantes*).¹ (MOUNIN, 1993: 40)

¹ il désigne exclusivement une forme de langue dont le lexique spécifique est lié à un groupe social, soit parce que le groupe a une vie fermée (*l'argot de Polytechnique*), soit parce qu'il a élaboré une langue

[a gíria é uma] variedade lingüística compartilhada por um grupo restrito (por idade ou por ocupação), que é falada para excluir da comunicação as pessoas estranhas e para reforçar o sentimento de identidade dos que pertencem ao grupo. ² (CARDONA, 1991: 159)

Essas definições confirmam o vínculo entre “gíria” e “grupo”, o que também se retoma nas palavras de Preti (1984: 3), para quem a gíria se caracteriza por um “vocabulário especial” e “surge como um *signo de grupo*, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita”, que pode ser – segundo seus exemplos – a dos marginais, da polícia, dos estudantes ou de outros grupos e profissões. Em seguida, alerta que:

quanto maior for o sentimento de união que liga os membros de pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação. (IDEM)

Frise-se também que, de um modo geral, a criação dessas línguas especiais atende a uma necessidade do falante, que emprega vocábulos que dão mais clareza a um conceito ou que designam significações novas.

Observando o léxico das línguas especiais, vê-se que ele é organizado pela formação de novos vocábulos, a partir de elementos da língua comum, por meio de significação nova, ou pelo uso de estrangeirismos. Encontramos também muitos casos de elipse e de troca de classe gramatical, o que serve de excelente material para a comprovação da vitalidade da língua. Além disso, mesmo nas vezes em que os vocábulos originais ou os

secrète qui le protège (*l'argot des malfaiteurs, l'argot des maquignons*). (MOUNIN, 1993:40)

² Variedad lingüística compartida por un grupo restringido (por edad o por ocupación) que es hablada para excluir a las personas ajenas de la comunicación y para reforzar el sentimiento de identidad de los que pertenecen al grupo. (CARDONA, 1991: 159)

oriundos de línguas estrangeiras não são entendidos da forma como deveriam, isso não impede sua utilização, ainda que foneticamente alterada ou adaptada pela pronúncia. Como esses vocábulos são utilizados por muitas pessoas, acabam sendo incorporados com as eventuais modificações provocadas pelo princípio do menor esforço ou da economia de energia ou pela analogia.

A gíria é, portanto, derivada de contribuições variadas da língua comum, incorporando arcaísmos, neologismos, aspectos estilísticos, mudanças sintáticas e outros recursos que, a princípio, teriam o objetivo de tornar uma linguagem irreconhecível. No entanto, como o termo *gíria* pode ter também uma conotação negativa, a maneira de falar específica de um grupo profissional pode receber a denominação de "linguagem especial" ou "tecnoleto" ou "microlíngua", conforme suas características intrínsecas.

Além disso, muitos estudiosos e teóricos vêem a gíria como o conjunto de expressões pertencentes ao linguajar popular e aos modismos de certas épocas.

Assim, se for seguida a tendência de considerar a linguagem especial dos adolescentes um modo de comunicação que se destina somente aos iniciados, aqueles que estão a par de seus significados simbólicos, ela será tomada como gíria. A esse respeito, é interessante observar o fato de muitas revistas se especializarem em assuntos que envolvem os gostos e interesses dos adolescentes, formando um público especial, que conhece os termos usados. Sob este prisma, somente esse público iniciado entenderia, a princípio, tal linguagem. Apesar disso, embora inicialmente restrita a um pequeno grupo, muitas vezes ela passa a fazer parte da língua cotidiana. Por isso, é natural a oscilação entre considerar ou não a "língua do adolescente" um caso de gíria, pelo menos no que tange às definições técnicas desse termo. Como a gíria está em contato com a língua comum, muitas de

suas leis são iguais às da língua comum, com diferenças apenas no léxico.

A propósito, a definição de Lázaro Carreter para gíria mostra de que forma o enquadramento rigoroso da linguagem do adolescente como gíria ou como língua especial é tarefa pouco confortável:

Língua especial de um grupo social diferenciado, usada por seus falantes apenas enquanto membros desse grupo social. Fora deste, falam a língua geral.³ (1974: 251).

Por esse conceito, a língua do adolescente não é gíria porque pretende atingir de forma original as pessoas de fora do seu grupo, a fim de incorporá-las a ele. Todavia, não deixa de ser gíria porquanto, fora do universo do adolescente, seus falantes adotam a língua geral.

Essas definições confirmam que o termo "gíria" pode ser tomado ou empregado de maneiras variadas, o que também se depreende das palavras de Mattoso Câmara Jr.:

Em sentido estrito, uma linguagem fundamentada num "vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes" (Marrouzeau, 1943, 36), o que corresponde ao que também se chama JARGÃO. Os vocábulos da gíria ou jargão coexistem ao lado dos vocábulos comuns da língua: "a gíria só se torna tal porque se projeta num fundo de tela que não é gíria" (Krapp, 1927, 64); ela abrange o vocabulário propriamente dito e a fraseologia. A origem pode estar em: - a) derivações anômalas (ex.: *bestialógico*, da gíria dos estudantes), b) deformação de vocábulos usuais (ex.: *brilharetur*, *idem*), c) metáforas ou metonímias (ex.: *burro*, *idem*, para um texto grego ou latino com tradução literal), d) especialmente digna

³ Lengua especial de un grupo social diferenciado, usada por sus hablantes sólo en cuanto miembros de ese grupo social. Fuera de él hablan la lengua general. (CARRETER, 1974: 251)

de nota a gíria dos malfeitores, designada como ca-lão. Há gírias em classes e profissões não só populares, mas também cultas, sem qualquer intenção de chiste e petulância, que comumente caracteriza as primeiras; mas em todas há uma atitude estilística. Quando se trata de mero vocabulário técnico, sem essa atitude, tem-se a LÍNGUA ESPECIAL, como a dos médicos baseada em helenismos técnicos. Em sentido lato, a gíria é o conjunto de termos que, provenientes das diversas gírias em sentido estrito, se generalizam e assinalam o estilo na linguagem coloquial popular, correspondendo aí ao papel da língua literária na linguagem poética. Amplia-se com o uso de termos obscenos ou pelo menos grosseiros para a expressão de uma violenta linguagem afetiva. (1986: 127)

No caso dos adolescentes, citando a situação específica da linguagem dos estudantes, assim se expressa Mônica Rector:

A “gíria” dos estudantes é uma linguagem especial, própria de um grupo social e etário. Trata-se de termos e expressões que se referem a uma determinada atividade. No caso dos estudantes, a linguagem empregada tem a intenção de fazer com que não sejam compreendidos, principalmente pelos professores, e sejam identificados como alunos. Assemelha-se ao que I. Jordan (p. 632-34) chama de “argot”: a) pertence a uma categoria social determinada, a um grupo de indivíduos que, ao lado da gíria, usam a língua comum, e b) pode ser utilizada com a finalidade de não ser compreendida pelas pessoas que não pertencem ao respectivo grupo. Tem a intenção de “impressionar” e “chamar a atenção” dos não iniciados, sobretudo por parte dos universitários. (1975: 101)

Dino Preti também faz menção à gíria usada pelos jovens:

A chamada *gíria jovem*, linguagem de grupo restrito, com seu vocabulário herdado, em parte, das comunidades marginais (da própria gíria dos malandros, ou da antiga gíria dos “hippies”), tornou-se um signo grupal bem definido na sociedade moder-

na das grandes cidades, onde o jovem já passou, de fato, a ser classe social, muito mais que simples faixa etária da população. Nestas últimas décadas, mais que nunca, essa linguagem espelha com fidelidade o conflito das gerações.

Aliás, essa gíria reflete bem certa feição catártica da linguagem das classes marginais, entendendo-se por estas não apenas os marginais do crime propriamente ditos (malandros, punquistas etc.), mas também grupos intelectuais, como estudantes universitários, por exemplo, pequenas comunidades muito preocupadas em ditar hábitos lingüísticos originais (e, por isso, sempre renovados). (1984: 3-4)

Deve-se ressaltar, no entanto, que os termos *adolescentes* e *estudantes*, embora aproximados pelo contexto escolar e pela prática pedagógica mais usual, não podem ser tomados como sinônimos.

Portanto, para os objetivos a que nos propomos, será adotada aqui a posição de que a linguagem do adolescente é um caso particular de linguagem especial, pois contém características da gíria, mas, ao mesmo tempo, se insere nas relações comunicativas com a língua comum. Fora do rigor técnico, pode-se todavia classificá-la como gíria ou jargão, entendendo-a como um conjunto de expressões estilísticas de cunho popular.

3. A LINGUAGEM DAS REVISTAS

O vocábulo “revista” está assim explicado no Dicionário Houaiss:

Substantivo feminino (1833 cf. Antônio Geraldo da Cunha) COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA publicação periódica, destinada a grande público ou a um público específico, que reúne, em geral, matérias jornalísticas, esportivas, econômicas, informações culturais, conselhos de beleza, moda, decoração etc. [Algumas revistas destinam-se a um público especializado, assumindo, portanto, um determinado formato: jornalístico, científico, literário, esportivo etc.] - ETIMOLOGIA tradução do inglês *review* 'publicação periódica dedicada principalmente a críticas e ensaios'; ver *vid-* - SINÔNIMO/VARIANTE ver sinonímia de *resenha* - COLETIVO hemeroteca - HOMÔNIMO ver ¹*revista*

Vê-se, por essas palavras, que as revistas fazem parte da *mídia* impressa e são formas muito populares, cujo número de leitores é difícil de ser estimado. A pessoa que as adquire tem em sua família e nos amigos outros leitores potenciais. Além disso, essas revistas estão normalmente disponíveis em lugares públicos, como nas salas de espera dos consultórios médicos, nos salões de cabeleireiros, nas ante-salas de escritórios e empresas, etc. Ao contrário dos jornais, que perdem sua utilidade informativa no dia seguinte à sua publicação, as revistas têm vida menos efêmera.

Nelas, há ainda um outro aspecto que, no caso dos títulos destinados

ao público adolescente, favorece sua aceitação e, na maioria das vezes, preferência em relação a outras publicações impressas: seu *layout*.

Geralmente, as revistas destinadas a adolescentes são bastante coloridas, com notícias e artigos polêmicos e com ídolos ou personalidades veneradas por essa faixa etária. A maneira como são dispostos os artigos, os desenhos, as fotos... tudo é estrategicamente escolhido para despertar a atenção do público-alvo.

Sobre isso, Linda McLoughin, em *The Language of Magazines* diz:

A capa é a mais importante propaganda de uma revista, mas também serve para rotular quem a compra. ‘A imagem da capa e as chamadas das matérias de uma revista são ferramentas de persuasão para a venda. Eles motivam os leitores – confrontados com prateleiras de capas disputando sua atenção – a comprar nossas revistas e não as outras’. Essa citação da carta do editor da Tatler mostra a grande competição que os produtores de texto enfrentam. Não é bobagem, então, pensar que eles fazem de tudo para que suas revistas saltem de suas prateleiras. É através de truques de linguagem que isso é atingido, mas imagens visuais, layout e grafologia também têm um papel importante. A capa de uma revista nos ajuda a distinguir uma da outra e, embora elas estejam mudando constantemente para variar e se manter em dia, mantêm traços suficientes para marcar suas identidades.⁴ (2000: 5)

Confirma-se que a capa e o *layout* de uma revista caracterizam tam-

⁴ The front cover is the magazine’s most important advertisement but it also serves to label its possessor. (...) ‘A magazine’s front-cover image and coverlines are persuasive selling tools. They motivate readers – confronted with shelves of front covers competing for their attention – to buy our magazine rather than another.’ This quote from the editor’s letter of Tatler acknowledges the vast competition which text producers face. It is little wonder then that they go to great lengths in order to make their particular magazine jump out at us from shelves. It is through tricks of language that this is chiefly achieved, but visual images, layout and graphology also play their part. The cover of the magazine helps us to distinguish one magazine from another and although they are constantly changing in order to create variety and to keep up-to-date, they retain sufficient features to mark out their own identity. (McLOUGHLIN, 2000: 5)

bém quem a lê, e a linguagem usada nos textos das revistas voltadas para os adolescentes não apenas reflete o modo de falar dessa faixa etária mas também, ao mesmo tempo, pode ser formadora de opinião, já que se aproxima bastante de seu público-alvo.

Além disso, é importante considerar a variedade no tamanho dos artigos, nas imagens vinculadas a eles e na disposição em que se encontram em uma página. Tudo isso tem um papel importante no apelo de uma revista. No caso específico dos adolescentes, esse tipo de apelo é fundamental para despertar o interesse.

Quanto à linguagem utilizada nas revistas, pode-se constatar que ela influencia ou determina o modo de se perceber o mundo. Sendo assim, quem escreve os artigos apresenta um determinado ponto de vista e pretende que os leitores sigam suas idéias e seu modo de perceber o mundo.

A partir disso, vê-se que os jornalistas que escrevem para as revistas manipulam diferentes aspectos da linguagem para darem ao assunto abordado credibilidade e, assim, conquistar o leitor.

Então, é pertinente enfatizar que o que interessa, neste trabalho, é averiguar como o vocabulário é trabalhado nas revistas e na mídia impressa destinada a adolescentes. De um modo geral, pode-se afirmar que a linguagem da *mídia* impressa encabeça as transformações e as mudanças de aceitabilidade social das palavras. Segundo Dino Preti, no artigo “Variação lexical e prestígio social das palavras”, isso pode ser observado no que diz respeito à gíria e aos vocábulos ou expressões obscenas, que

ganham maior aceitabilidade em gêneros jornalísticos, como os *cartuns* e seções humorísticas, ou em programas televisivos, em que se procuram representar certos tipos populares, aliando sua imagem e situação de *comunicação* a seu vocabulário de fundo expressivo e emocional. (2003: 56)

Para Preti, na passagem da língua oral para a escrita, o caso mais

expressivo e generalizado de mudança de prestígio social das palavras ocorre com a gíria, que teve seu uso demasiadamente ampliado. Inicialmente, o vocabulário gírio era restrito a grupos fechados; no entanto, foi sendo, aos poucos, incorporado ao léxico comum. Pode, a princípio, ocorrer um estranhamento, mas a reiteração do uso faz com que diminua ou desapareça o eventual desconforto que aquele termo ou emprego pode provocar. Uma etapa seguinte consiste na sua incorporação às variadas situações na fala espontânea, passando a aparecer nos jornais, artigos, manchetes, revistas, etc.

Atente-se também para o fato de que no Brasil há um espaço privilegiado para a língua oral, na qual é permitido fugir ao controle de certas regras prescritivas, mais específicas da escrita. Por causa disso, a tendência da oralidade é distanciar-se das construções mais conservadoras, através da adoção de formas não previstas nessas normas.

Segundo Mary A. Kato, em *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística*,

A avalanche do uso oral ao lado do uso relativamente insignificante da escrita pode fazer com que, a longo prazo, as formas do oral venham afetar as formas da escrita. O que se está prevendo aqui é que, se nas sociedades altamente letradas as pessoas procuram simular a escrita na fala, em um país como o Brasil, a força da oralidade marca a própria escrita (...), havendo necessidade de um policiamento cada vez mais consciente por parte do escritor, se ele quiser seguir os padrões institucionalmente aceitos. (2002: 40)

Até mesmo os falantes letrados mostram essa primazia do oral. Isso é observado, por exemplo, quando há uma certa preferência em procurar uma informação oral em lugar de se consultar um guia, um manual, regi-

mentos, leis, enciclopédias, livros técnicos. Por isso, segundo Mary A. Kato, é comum ouvirmos que o Brasil é o país dos assistentes técnicos, dos assessores técnicos, e dos advogados – incluem-se aqui, obviamente, os consultores gramaticais.

Esse fato é muito importante quando tratamos de revistas voltadas para uma determinada faixa etária – no caso, a dos adolescentes –, pois a língua registrada em suas páginas está fortemente impregnada de traços da oralidade que identifica seus leitores preferenciais.

3.1 – AS PUBLICAÇÕES VOLTADAS PARA ADOLESCENTES

Normalmente, a linguagem dos jovens é analisada com o objetivo crítico de julgá-los falantes incompetentes ou de criticar a escola. Os jornais e a mídia em geral têm voltado, porém, sua atenção para ouvir os adolescentes e procurar valorizar a fala de sua faixa etária, vendo-a (e vendendo-a) como uma linguagem criativa e de algum prestígio social, considerando os limites de seu grupo e as situações em que se envolvem.

Isso pode explicar por que surgiram tantas publicações voltadas para adolescentes ⁵, que refletem a linguagem usada por eles. Daí a ressalva que fizemos na introdução a respeito do fato de ter-se optado neste trabalho pelo estudo de uma linguagem *para* o adolescente. É importante lembrar que nessas publicações há, com frequência, entrevistas com adolescentes, onde é captada a sua própria linguagem.

⁵ Nas bancas de revistas no Rio de Janeiro, por ocasião do início desta pesquisa, o número habitual de revistas destinadas a adolescentes ficava em torno de dez títulos.

Vê-se, pela análise dessas revistas, que o jovem tem consciência de que fala uma linguagem diferente da usada por seus pais e professores, por exemplo, e orgulha-se disso. Observa-se, aí, que para esse grupo sua variante é dotada de enorme prestígio social, pelo menos do ponto de vista prático de sua conversação.

Falar uma linguagem que os “coroas” e os “caretas” não entendem faz com que o adolescente se sinta orgulhoso. E é nesse momento que a mídia jornalística entra, divulgando vocábulos e expressões dos adolescentes, tidas a princípio como de baixo prestígio social ou estranhas, mas que – por conta dessa “promoção” – acabam ingressando na linguagem espontânea dos falantes em geral, assumindo outros níveis de prestígio social.

Diante dessa propagação do vocabulário dos jovens, acabam-se encontrando em jornais e revistas voltados para o público adulto muitas dessas expressões que ganham aceitabilidade social e passam a fazer parte não só do discurso falado mas também do escrito.

Como já foi dito, o mundo moderno valoriza a juventude. Todos buscam uma forma de permanecerem jovens, seja fisicamente, com a procura por medicamentos e procedimentos cirúrgicos; psicologicamente, com adultos tendo comportamento de adolescentes; ou socialmente, por meio da maneira de se vestir e de falar. Isso explica o fato de encontrarmos mães e pais tentando falar e se vestir como seus filhos, no intuito de não dar mostras de sua idade ou de seu “desajuste” com a juventude. Enfim, constata-se hoje, no que diz respeito à linguagem, uma grande divulgação do vocabulário do jovem em todas as camadas da sociedade.

4. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

Trabalhar com neologismos é enveredar pelo campo do léxico e, em conseqüência, estabelecer relações com outras áreas de conhecimento. Isso porque enquanto a gramática se constitui em um sistema fechado, composto por um número limitado de elementos, o léxico – com certa fixidez de longo prazo – se estabelece em um sistema aberto, ilimitado, onde a criação individual é uma prática habitual. No léxico, entretanto, juntamente com a relativa estabilidade de alguns termos, há uma renovação rápida de outros.

Pode-se dizer que as palavras se distribuem no léxico por campos semânticos e por famílias léxicas. Ao se estudarem fatos de natureza lexical, analisa-se, na realidade, a relação do homem com o mundo em que vive, na medida em que ele se utiliza dos signos para estabelecer a comunicação. Maria Emília Barcellos da Silva, no artigo “Competência e perspectivas dos estudos de base lexical”, ressalta o que move o interesse pelos estudos lexicais:

O interesse pela competência e perspectivas dos estudos léxicos decorre do fato incontestado de que a língua se vale dos recursos de natureza léxica – no seu sentido o mais amplo – para cumprir os propósitos comunicativos dos grupos humanos, que, ao se realizarem, atendem as exigências das transformações de ordem social *lato sensu*, lançando mão dos processos de ampliação vocabular que dão conta da aquisição e alteração a que o signo se submete por força de pressões fônicas e semânticas com as quais se ritualizam as pressões de uso de-

correntes da interação de sociedades postas frente a frente, em que pese estarem, não raro, inseridas em estádios civilizatórios diferenciados. (In: OLIVEIRA, & ISQUERDO, 1998: 115)

As definições de léxico não envolvem conceitos contraditórios como vimos com a palavra gíria, mas contemplam igualmente graus distintos de amplitude, como nos lembram Othon Moacyr Garcia, em *Comunicação em Prosa Moderna*, Mário Vilela, em *Léxico e Gramática*, e Maria Teresa Biderman, no artigo “A estrutura mental do léxico”, publicado nos *Estudos de Filologia e Lingüística*.

O léxico é um conjunto de vocábulos de um idioma, e, como tal, ordinariamente empregado como sinônimo de “dicionário”, que é um “repertório aberto”, quer dizer, capaz de se enriquecer sempre (com neologismos, por exemplo). Mas, à luz de correntes lingüísticas mais em voga, “léxico” pode até, em certo sentido, opor-se tanto a “dicionário” – quando compreende apenas o elenco das palavras utilizadas por um autor, uma ciência ou uma técnica – quanto a “vocabulário”, pois o léxico, lato sensu, pertence à língua (“langue”), ao passo que o vocabulário pertence ao discurso (“parole”). (GARCIA, 1988: 199)

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado (= shared knowledge). (VILELA, 1995: 13)

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma

que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico.
(BIDERMAN, 1981: 138)

Tendo em vista as muitas formas de se tomar o léxico como objeto de pesquisa, diz-se que cabe à Lexicologia o estudo científico da unidade lexicológica enquanto geradora e representante de um recorte específico. Nesse caso, a Lexicologia não tem como função inventariar todo o material incluído no léxico, mas dar um suporte teórico e delinear as linhas que coordenam o léxico de uma língua. Tem como função, portanto, apresentar as informações sobre as “unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma” (VILELA, 1994: 10).

Nesse sentido, é preciso não esquecer que a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, ao se ocupar do léxico e da palavra, leva em consideração a dimensão significativa. A Lexicografia estuda a descrição da língua feita pelos dicionários, a elaboração de dicionários, o que se concretiza por meio dos conhecimentos fornecidos pela Lexicologia. Mas pode também ser definida como o estudo da técnica de elaborar dicionários. Segundo Ieda Maria Alves, em *Neologismo: criação lexical* (1994), a Lexicografia está no domínio da Lexicologia e tem o objetivo de organizar e analisar os dicionários. Para a autora, a confecção dos dicionários cabe à *dicionarística*, cujos métodos baseiam-se nos princípios da Lexicologia e da Lexicografia.

A Lexicografia é uma atividade antiga e tradicional. No Ocidente, remonta aos princípios dos tempos modernos, tendo tido como precursores os glossários latinos medievais, obras que se resumiam a listas explicativas para o auxílio do leitor nos textos bíblicos e da antigüidade clássica. Quanto à língua portuguesa, pode-se dizer que a Lexicografia nasceu dos vocabulários bilíngües que confrontavam o latim e as línguas vulgares. Os

primeiros dicionários relevantes em língua portuguesa são o *Vocabulário Português-Latino*, de Rafael Bluteau, obra bilíngüe em oito volumes (publicada entre 1712 e 1728), e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813).

Francisco da Silva Borba aponta um duplo aspecto pelo qual a lexicografia pode ser vista:

(i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para a seleção de nomenclaturas e ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes. (2003: 15)

Lembramos, por fim, que os produtos lexicográficos, em sua essência, são descrições “incompletas” da língua, já que o léxico não está fechado. Na verdade, quando se termina de confeccionar um dicionário, palavras novas com certeza já terão surgido.

4.1. O LÉXICO E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Língua e sociedade mantêm uma relação bastante estreita. Muitos estudiosos já abordaram essa interação de variadas maneiras. Utilizaremos, aqui, os pontos de vista Mikhail M. Bakhtin, Erving Goffman e Émile Benveniste.

Para analisar a influência da transformação social na linguagem, deve-se escolher que falantes estarão envolvidos. Isso porque, dependendo

da faixa etária, há uma abertura maior ou menor às mudanças e transformações lingüísticas e sociais. Os falantes mais velhos apresentam uma resistência maior às mudanças, ao passo que os mais jovens estão mais abertos às novidades. Quando analisamos, portanto, a linguagem dos adolescentes, vemos mais facilmente a marca das transformações sociais e lingüísticas de uma determinada época presentes na sintaxe, na fonética e, mais fortemente, no léxico, parte da língua mais sensível às mudanças – palavras surgem e envelhecem muito rápido.

É importante, antes de tudo, termos consciência de que o falante possui uma competência lexical que abrange, como diz Margarida Basílio, três aspectos:

- a) conhecimento de uma lista de entradas lexicais;
- b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens;
- c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais). (1980: 9)

A partir disso, podemos afirmar que o falante de uma língua se utiliza de uma lista que compreende não só palavras mas também afixos, desinências, que não constituem palavras. Sendo assim, o falante tem internalizado o léxico mental, “formado por toda e qualquer forma lingüística que a pessoa conhece ou utiliza.” (ROCHA, 2003: 75) Cabe, portanto, ao lingüista explicitar, por meio de técnicas adequadas, as formas utilizadas intuitivamente pelo falante. Devido a essa competência lexical, o léxico de uma língua pode ser constantemente renovado.

Nesse sentido, o léxico é a parte mais dinâmica da língua, pois é nele que se configura lingüisticamente o que há de novo. É nele que se refletem mais claramente as mudanças científicas, políticas, econômicas, culturais e

sociais. Por isso, Biderman nos diz que “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos” (1978: 139). Isso pode ser comprovado através de mudanças semânticas, de empréstimos e de formação de palavras a partir de elementos da própria língua. Daí, Mario Vilela afirmar que

a urgência em serem satisfeitas as necessidades de comunicação e expressão dos falantes, a exigência em configurar o que de novo surge na comunidade e a necessidade em manter a sistematicidade da língua, são as maiores forças que se manifestam no léxico. (1994: 14)

Bakhtin abordou essa interação e descreveu como as enunciações são organizadas a partir do exterior, isto é, do social, e não do interior, ou seja, da própria língua. Goffman, posteriormente a Bakhtin, chamou a atenção para a importância da situação social. Para ele,

é quase impossível citar uma variável social que quando surge não produz um efeito sistemático sobre o comportamento lingüístico: idade, sexo, classe, casta, país de origem, geração, região, escolaridade; pressuposições cognitivo-culturais, bilingüismo e assim por diante. (1998: 11)

Voltando então ao caso específico do léxico do adolescente, mesmo que seja através de publicações que o têm como alvo preferencial – logo, um léxico *para* esse público –, podem-se notar fatos que demonstram mudanças e transformações sociais de uma determinada época.

Como lembra Émile Benveniste, a língua e a sociedade mantêm entre si uma relação semiótica de interpretante (língua) e interpretado (sociedade). Nesse caso, pode-se dizer que a língua contém a sociedade, já que aquela explica (diz) esta. Para o autor,

a língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo

tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar de semantismo social. (...) O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. (1989: 100)

A esse respeito, Bakhtin explicita mais claramente a relação língua-sociedade e reconhece a via de mão dupla que as liga quando afirma que “a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (1992: 282).

Diante do que diz Benveniste, pode-se concluir que o léxico é o nível lingüístico em que a relação língua-sociedade é mais explícita. No entanto, como ressalta o autor, não se pode examinar o léxico fora de sua enunciação. A língua, desse modo, deve ser analisada em relação à sua realidade social.

Os testemunhos que a língua dá deste ponto de vista [do vocabulário] só adquirem seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados à sua referência. Existe aí um mecanismo complexo cujos ensinamentos é preciso interpretar prudentemente. O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. (...) O que se chama polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de subsumir em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação. (BENVENISTE, 1989: 100)

Beth Brait, no artigo “Interação, gênero e estilo”, reporta-se às palavras de Bakhtin, que também se posicionou a esse respeito, defendendo a idéia de que, “durante o processo de elaboração de um enunciado”, nossas escolhas lexicais nem sempre são feitas a partir “do sistema da língua, da

neutralidade lexicográfica” (In: PRETI, 2002: 155).

Costumamos tirá-la de outros enunciados, e, acima de tudo, de enunciados que estão aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo a especificidade de um gênero. (IDEM)

Essas afirmações sobre a relação arbitrária entre designação e referente são antigas, mas relevantes para um trabalho que envolve a análise do léxico, que só poderá ser interpretado adequadamente se for analisado dentro do contexto em que foi enunciado, isto é, a partir da sua enunciação, da relação enunciado-enunciação. Isso significa que, no caso do levantamento dos neologismos presentes nas publicações voltadas para os adolescentes, terá relevância a passagem textual em que foram empregados, de modo a propiciar o entendimento do contexto em que foram enunciados. Só assim, poder-se-á analisar melhor sua formação e seu significado.

4.2 NEOLOGISMOS

Como falantes de uma língua, temos a impressão de que ela é estática. Essa aparência, no entanto, não é gratuita. Segundo Martinet,

Tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e homogeneidade da língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem de como falavam dez ou vinte anos antes. (1975: 177)

Tal situação ocorre por dois motivos. Um deles deve-se ao fato de os

elementos da língua estarem em sincronia, isto é, apresentarem-se em um estado de língua onde se apreende uma estrutura. O outro decorre de o falante estar sincronizado com sua língua a ponto de não percebê-la em movimento, já que a continuidade da língua se confunde com sua própria continuidade enquanto sujeito histórico (COSERIU, 1979: 208). Dessa forma, dentro de um estado de língua encontramos alternativas que sugerem caminhos a serem ou não seguidos dentro de um falar que possa ser compreendido numa comunidade lingüística. Pode-se dizer, assim, que há uma dinamicidade na língua que faz com que ela “se faça” e “se realize” com o passar do tempo.

Os estados da língua não são estáticos: fazem parte da própria sistematização da língua, que apenas aparentemente é inerte. Deve ficar claro, contudo, que a mudança de que se fala não corresponde às que ocorrem nos seres vivos que nascem, crescem e morrem. Na verdade, como diz Coseriu, “os objetos culturais têm desenvolvimento histórico e não ‘evolução’ como os objetos naturais” (1979: 157).

Por conta desse desenvolvimento histórico, tudo admite mudança numa língua – o que Martinet assim explica:

Tudo pode mudar numa língua: a forma e o valor dos monemas, ou seja, a morfologia e o léxico; a ordem dos monemas no enunciado, quer dizer, a sintaxe; a natureza e condições de emprego das unidades distintivas, isto é, a fonologia. Aparecem novos fonemas, novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de freqüência e caem no esquecimento. (1975: 177)

Vê-se assim que, nesse processo de mudança lingüística, há o que se chama de inovação, isto é, tudo aquilo que se afasta dos modelos existen-

tes na língua. Dependerá dos falantes da língua a aceitação, a adoção dessa inovação, fato que levará à mudança na língua. Essas fases (inovação, adoção e mudança) confundem-se pela simples razão de que, quando tomamos consciência da inovação, ela já foi adotada pelos falantes e, portanto, já ocorreu a mudança.

Não se pode, contudo, chegar ao indivíduo criador da inovação nem ao momento em que ela ocorreu. Segundo Saussure, as inovações devem-se à coletividade dos indivíduos, à massa falante. Isso acontece, obviamente, devido às mudanças de ordem social que não são observadas independentemente dos indivíduos. Na verdade, as modificações sociais são feitas pelos indivíduos. Fato análogo se verifica com as mudanças lingüísticas.

Este trabalho enfocará, como já se mencionou, a dinamicidade dessas mudanças no léxico, que se deve, como diz Antônio Pio de Assunção Junior, em *Dinâmica Léxica Portuguesa*, aos

múltiplos processos responsáveis pela criação e aquisição de novos signos e significados; pela alteração de significantes tradicionais e, ainda, pela seleção de significados e significantes equivalentes, ocorrências que, sob inspiração naturalista, se tem resumido, metaforicamente ou não, como “vida e morte” das palavras. (1986: 23)

Na verdade, é a partir das necessidades comunicativas dos falantes que ocorre a evolução de uma língua, e elas se devem ao desenvolvimento social, intelectual e econômico da comunidade lingüística.

De modo a atender às transformações socioeconômicas e culturais, a língua se vale da criação de novos termos ou de novos significados para termos já existentes. Esse fenômeno recebe o nome de neologia, processo de criação lexical cujo produto é o neologismo. A palavra nova pode ser formada através de mecanismos da própria língua, por empréstimo ou por processos autóctones.

Ieda Maria Alves, no artigo “Os conceitos de neologia e neologismo segundo as obras lexicográficas, gramaticais e filológicas da língua portuguesa”, afirma que as primeiras atestações do termo neologismo, de acordo com Guiraud, mostram-nos que o vocábulo alemão *Neologimus* e em seguida o inglês *neologism* designaram durante muito tempo uma nova doutrina, segundo a qual se devia “confiar apenas na razão e admitir nos dogmas religiosos somente o que ela reconhece como lógico e adequado, de acordo com a nova luz (*lumière nouvelle*).” (In: HORTA, José Nunes. & PETTER, Margarida, 2002: 203)

O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* data o termo *neologismo* no português em 1813 e *neologia*, em 1858. Nele, o verbete *neologismo* recebe as seguintes informações:

Substantivo masculino. (1813 cf. no *Diccionario da Lingua Portuguesa* (3ª edição), por Antônio de Moraes e Silva) LINGÜÍSTICA **1** emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não **2** atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua - ETIMOLOGIA *neologia* + *-ismo*; ver *ne(o)-* e *-logia* - ANTÔNIMO arcaísmo - HOMÔNIMO neologismo (flexão: neologismar)

Além de *neologia* e *neologismo*, o *DH* consigna os termos *neológico*, *neólogo*, *neologista*, *neologismar*, *neologizante*, *neologizar*.

José Pedro Machado, no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, informa que o termo português *neologismo* é atestado no século XVIII, em Filinto Elísio. Antônio Geraldo da Cunha, no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, consigna que *neologia* é de 1858; *neologismo*, do século XVII; *neologista*, de 1881 e *neólogo*, de de 1858, mesma datação apresentada no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

Ieda Maria Alves expõe outras informações sobre a origem e os significados dos termos *neologismo* e *neologia*:

Em francês, *néologisme* nasceu no século XVIII para designar uma afetação mundana quanto à maneira de expressão e o termo *néologie*, alguns lustros depois, foi criado para designar a arte de inovar segundo o progresso das idéias (DEROY, 1971, p. 5). Jean Guiraud (...) especifica os primeiros empregos de *néologue*, em carta datada de 06-11-1723, escrita por J. -B. Rousseau ao abade d' Olivet; *néologique*, em *Dictionnaire néologique*, publicado em 1726 por Pierre-François Guyott Desfontaines e Jean-Jacques Bel; *néologisme*, em *L'ennuyeux persiflage et lê néologisme (Lê pour et contre)*, vol.6, p. 1735; *néologien*, sinônimo efêmero de *néologue*, em *Le sage (La valise trouvée)*, datado de 1740 (In: HORTA, José Nunes. & PETTER, Margarida, 2002: 203)

Lembra a autora que o termo *neologismo* aparece no *Diccionario da lingua portugueza* (1813, vol. 2, p. 340), de Morais Silva, com a definição de “uso freqüente de palavras novas”.

O *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*, de Frei Domingos Vieira (1871-4, vol. 4, p. 425), tem, em sua introdução, escrita por Adolpho Coelho, uma referência à neologia:

Ao passo que as linguas perdem palavras muitas novas vão apparecendo n'ellas. O neologismo é uma outra phase da sua metamorphose. Em cada uma das linguas modernas há hoje milhares de palavras que em vão se buscarão nos escriptores dos seculos precedentes. Essas palavras saem ou 1) do fundo de cada lingua, isto é, são produzidas por novas combinações de seus elementos proprios, ou 2) são tiradas já formadas das linguas classicas ou produzidas pelas combinações d'elementos principalmente d'essas linguas (o grego e o latim), o que se dá principalmente na tecnologia scientifica, ou 3) são introduzidas das outras linguas modernas. (Adolpho Coelho, 1871-4, vol. 1, p. XXV) (In: HORTA, José Nunes. & PETTER, Margarida, 2002: 204)

Outros dicionários, como a 10ª edição de Morais Silva (1949-59, vol. 7, p. 246) e o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de

Laudelino Freire, (1957, vol. 4, p. 3592), não fazem distinção entre *neologismo* e *neologia*, colocando-os como sinônimos.

Na obra de Caldas Aulete (1970, vol. 4, p. 2491), há a distinção entre *neologia* e *neologismo*. Além disso, são introduzidos os verbetes *neologofobia* (sentimento de aversão ao neologismo) e *neologofilia* (a doutrina do neologófilo, aquele que gosta de neologismos).

Os termos *neologia* e *neologismo* também aparecem nas obras de muitos gramáticos e filólogos do Brasil e de Portugal, muitas vezes, em oposição a *arcaísmo*. Nessas obras, é focado o fato de neologismos e arcaísmos serem frutos da necessidade de grupos sociais.

O conceito de neologia, relativo a todos os fenômenos novos que atingem uma língua, foi definido em termos lexicais por Louis Guilbert (1975: 31) como “a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical”. Ele também inclui no estudo da neologia os empréstimos lingüísticos.

Para Guilbert, o neologismo é imperiosamente solicitado e qualquer um pode criar palavras novas, independente de elas se tratarem de descobertas científicas, de progressos da indústria, de modificações da vida social, de momentos de pensamento, de maneiras de se sentir ou compreender, entre outros fatos. Na obra *La Créativité Lexicale*, o autor nos apresenta quatro tipos de criatividade lexical: denominativa, criação neológica estilística, neologia da língua e poder gerador de certos elementos constituintes.

No que diz respeito ao primeiro tipo, Guilbert se refere às criações decorrentes da necessidade de nomear novas realidades provenientes, na maioria das vezes, dos avanços tecnológicos, como por exemplo na informática, na saúde, na política, na economia. A criação neológica estilística diz respeito aos neologismos encontrados na linguagem literária, tornando

o texto altamente expressivo. O terceiro tipo engloba os neologismos encontrados na linguagem coloquial para traduzir momentaneamente uma idéia. O quarto tipo é referente a palavras novas formadas por elementos históricos de uma língua – no nosso caso, oriundos do latim e do grego.

Outro importante autor que estudou a neologia foi Jean-Claude Boulanger, que definiu neologismo da seguinte maneira:

Um neologismo é uma unidade do léxico, palavra, lexia ou sintagma, cuja forma significante ou a relação significante / significado não estava realizada no estágio imediatamente anterior de um determinado sintagma. ⁶(1971: 65)

No artigo *Neologia e tecnoletos* (In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998), Ieda Maria Alves comenta que, através da história das línguas, é possível observar que a incorporação de unidades lexicais neológicas sempre acompanhou o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas. Devido a isso, os estudos sobre neologia, especialmente no século XX, refletem a importância dada ao fenômeno neológico no âmbito lexical.

É Nelly Carvalho quem afirma que, quando se fala em neologismo, temos sempre como referência os conceitos de mudança, evolução, novidade, novo, criação, surgimento, inovação. E acrescenta:

Além de testemunhar a criatividade e a imaginação fértil de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as manifestações do mundo exterior e as mais diversas áreas de conhecimento. (1987: 9)

O fato é que, a partir da década de 50, surgem trabalhos, em francês, que abordam o neologismo de forma sistemática. Isso reflete, na verdade,

⁶ Un néologisme est une unité du lexique, mot, lexie ou syntagme, dont la forme signifiante ou la relation signifiant-signifié, supposant un fonctionnement effective dans un modèle de communication déterminé, n'était pas réalisée au stade immédiatement antérieur du code de la langue. (BOULANGER, 1971: 65)

a possibilidade de se acompanhar o desenvolvimento dos métodos de análise estrutural e da Lexicologia enquanto subárea da Lingüística. Em sintonia com essa afirmação, Ieda Alves reporta-se às palavras de Jean Dubois, em *Le vocabulaire politique et social em France de 1869 a 1872*:

Embora o progresso da lingüística sincrônica e dos métodos de análise estrutural permita um conhecimento mais completo dos fenômenos lexicais e a utilização de meios técnicos aperfeiçoados imprima mais segurança às conclusões da Lexicologia, a própria definição de seus princípios e de seus termos essenciais ainda sofre hesitações e incertezas inerentes a uma ciência no início de seu desenvolvimento. (In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998: 23)

O primeiro trabalho de cunho lexicológico dedicado ao estudo da neologia, *La formation du vocabulaire des chemins de fer em France*, de Peter Wexler, foi publicado em 1950. A partir desse trabalho pioneiro, que descreve a formação, em francês, do vocabulário das ferrovias, surgiram outros como: *Le vocabulaire politique et social em France de 1869 a 1872*, de Dubois; *La formation du vocabulaire de l' aviation*, de Guilbert; *Le vocabulaire de l' astronautique*, também de Guilbert. Nesses estudos, o vocabulário técnico ou científico é descrito morfológica e semanticamente, através do estudo dos processos de formação que constituem as novas unidades lexicais e também as relações semânticas.

Para Ieda Maria Alves, a atividade neológica passa a refletir, com esses estudos, as duas vertentes vinculadas à Lexicologia, disciplina de caráter estrutural: Morfologia e Semântica Lexical. A autora observa ainda que, a partir da década de 70, o conceito de neologia, que até então se referia apenas aos aspectos lingüísticos da formação de novas unidades lexicais, passou a ser polissêmico, em razão das políticas de planejamento lin-

güístico que passaram a circular por várias comunidades lingüísticas.

A neologia estabelece, assim, relações mais estreitas com a Terminologia, já que o ato de nomear começa também a ser realizado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e de intervenção lingüísticas. (In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998: 24)

Por causa disso, Jean-Claude Boulanger apresenta atribuições contemporâneas para o conceito de neologia. Ieda Alves refere-se a elas e cita atividades como:

- processo prático de criação de novas unidades lexicais, na língua geral ou nos tecnoletos, por meio do recurso consciente ou inconsciente aos mecanismos de criatividade lexical habituais de uma língua;
- estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais: os processos de criação, os critérios de reconhecimento, aceitabilidade e difusão de neologismos, os aspectos sociais e culturais da neologia;
- atividade institucional, organizada sistematicamente para coletar, registrar, difundir e implantar as inovações lexicais, no âmbito concreto de uma política da língua;
- tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes, ou com lacunas que necessitam de intervenção;
- relação com os dicionários, tanto gerais unilíngües como específicos (dicionários de neologismos, de palavras selvagens, de empréstimos...). (In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998: 25)

Comparando os neologismos da língua comum e os dos tecnoletos, Ieda Maria Alves (In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998) mostra que os dois conjuntos possuem pontos em comum, mas divergem em alguns aspectos. No caso da língua comum, “os neologismos constituem unidades lexicais, as unidades do léxico geral da língua.” Diferentemente, nos tecnoletos, os neologismos “constituem elementos que integram uma termi-

nologia”, empregada no texto como o “conjunto dos termos que representa um sistema de conceitos de uma subárea particular” (Norme ISO 1087) .

Os neologismos tecnoletais surgem de uma criação motivada, devido a uma necessidade de denominação pertencente ao desenvolvimento das ciências e das técnicas. Por isso, há regras que são seguidas na criação desses neologismos. Isso faz com que eles reflitam um caráter normativo e relativamente estável na língua.

Os neologismos criados no âmbito de um tecnoleto pertencem a uma rede conceitual. Desse modo existe, idealmente, uma relação unívoca entre a designação e o conceito dos neologismos tecnoletais, relação essa que determina o caráter denotativo e internacional desses elementos: o mesmo conceito é distintamente denominado, sob forma de equivalentes, nas diferentes línguas. A relação idealmente unívoca entre designação e conceito não impede, entretanto, que variações lexicais também sejam observadas nos tecnoletos, possibilitando que criações lexicais de caráter sinonímico possam corresponder a um único conceito.

No que diz respeito à formação, tanto na língua geral como nos tecnoletos, são os mesmos os processos que presidem à criação de novos elementos: derivação, composição, transferência semântica, truncção, formação sintagmática e por siglas, empréstimos oriundos de outros sistemas lingüísticos. (In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998: 26)

Voltando ao conceito de neologismo na língua comum, observa-se, nos estudos mais recentes, que sua definição vem sempre vinculada a uma tipologia: neologismos formais, semânticos, de vocábulo, de significação, de sentido, completos, incompletos, estrangeiros, intrínsecos e extrínsecos, científicos, literários, populares.

Independente da tipologia, o importante é notar que nos neologismos encontra-se o verdadeiro retrato da sociedade de uma determinada época.

Neles estão presentes novidades no que diz respeito à economia, à política, aos esportes, à arte, à tecnologia, à faixa etária. A criação neológica reflete a dinâmica de uma língua e a liberdade que os falantes possuem.

Com relação à faixa etária, um dos casos mais produtivos é o da linguagem dos adolescentes. Para eles, a criação de palavras novas ou de significados novos para palavras antigas reforça o desejo de auto-afirmação e de não se fazer entender pelos que não pertencem ao seu grupo.

Assim, o neologismo empregado em texto destinado ao adolescente faz com que, num primeiro momento, a mensagem pareça comprometida com sua linguagem, explicitando uma cumplicidade entre o texto e o leitor.

A contribuição que os neologismos dão à língua já foi confirmada por muitos estudiosos que se dedicaram ao seu estudo. A leitura desses trabalhos mostra a coerência dos critérios aqui adotados na organização do *corpus* de neologismos dos adolescentes.

Em primeiro lugar, reconheçamos o interesse despertado pelo estudo dos neologismos, inclusive no que tange a sua classificação como “um vício de linguagem”. Desde a época de José de Alencar até a de Rui Barbosa, os neologismos foram estigmatizados por gramáticos e filólogos. De acordo com o artigo “De neologismos”, de Edith Pimentel Pinto, publicado na Revista Confluência IV,

Sobressaem nesse grupo, além do pontífice Castro Lopes, alguns nomes que, por seu prestígio, formaram a opinião dominante, como Júlio Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro e Maximino Maciel. Quase todos esses e outros gramáticos renomados da época praticamente só tratam de neologismos culturais importados, considerando-os como “vícios de linguagem”: “Os neologismos não passam de deturpadores da língua” (Júlio Ribeiro, *Gramática Portuguesa*, p. 353), Eduardo Carlos Pereira, cuja influência no ensino gramatical cobre toda a pri-

meira metade do século, nas sucessivas edições de sua *Gramática expositiva* jamais deixou de incluir os neologismos entre os “vícios de linguagem”, deixando, assim, de acusar a desativação do purismo, que se esgotou durante esse período. Limitou-se a justificar o emprego de neologismos quando necessários para a expressão de idéias novas e quando são bem formados, isto é, de acordo com o “gênio da língua” – as regras do sistema – como se verificava nos vocábulos então recentes: **ferroviário, ferrovia, bisar**. Em contrapartida, rejeitava certos francesismos recentes, a seu ver evitáveis, como avançar, comitê, constar, deboche, debutar, departamento, detalhe, fuzil, fuzilar, governante, interdito, sucesso, toaleta (Op.cit., p. 251). Abria exceção, contudo, para os já fixados no léxico da língua, como **audacioso, bandido, boné, crachá, conduta, comportamento, degelar, emoção, envelope, felicitação, garantir, garantia, isolado, imbecil, jornal, pretensioso, ponto de vista, rotina, regressar, susceptível**. (Ib., loc.cit.) (PINTO, Edith P.: 26)

No mesmo artigo, a autora distribui os neologismos em dois grupos, os culturais e os literários. Distingue-os, a um só tempo, por sua gênese, seu modo de circulação e sua finalidade textual. Para a autora, são neologismos culturais aqueles que têm o uso coletivo como referencial, “fonte, meio de circulação e base de projeção, no âmbito da língua escrita” (p. 25). Os neologismos literários, ou estilísticos ou de autor, são os que têm como referencial seu criador, em função da língua escrita, na qual, comumente, “eles vicejam e morrem, sem atingir o uso coletivo” (p. 25). Pimentel ressalta que, embora João Ribeiro (*Gramática portuguesa – Curso Superior*, p. 363) não condenasse expressamente os neologismos, também incluía entre os “vícios de linguagem” os francesismos e os anglicismos. Entretanto, no seu *Dicionário Gramatical*, considerava admissíveis os neologismos que acontecessem por necessidade e se não implicassem abuso de formações por derivação.

Maximino Maciel, em sua *Gramática descritiva*, fala em neologis-

mos técnicos, literários, populares e semânticos e aponta a moda, a influência e a criação de algum objeto como responsáveis pela criação dos neologismos, que representavam, para ele, uma forma de reposição vocabular, cujo intuito seria compensar o desgaste provocado pelo envelhecimento e desuso das palavras. Devido à sua linha de pensamento evolucionista, Maximino Maciel (1912) considerava que havia “duas grandes leis da biologia”: a assimilação, correspondendo aos neologismos, e a desassimilação, aos arcaísmos.

A censura gramatical feita aos neologismos literários, desde Alencar, inibia os escritores. Somente os neologismos culturais decorrentes dos avanços tecnológicos, da ciência e da filosofia eram capazes de romper essa barreira. O mesmo acontecia com as palavras novas vindas da Europa, principalmente francesismos. Os puristas preferiam recuperar arcaísmos a aceitar os neologismos.

Com o tempo, mais especificamente a partir do Modernismo, ficou claro que os neologismos literários têm um grande valor expressivo e podem surgir a qualquer momento, no texto oral e no escrito, a despeito da indiferença de alguns gramáticos que restringem esse assunto para os manuais de estilística.

Na *Gramática secundária* de Said Ali, de 1923, os neologismos de importação eram tratados em uma parte intitulada “Sintaxe e estilística” e eram justificados pelo fato de serem úteis por não haver expressões portuguesas para dizerem a mesma coisa.

Sousa Lima, em sua *Gramática expositiva da língua portuguesa*, de 1937, trata do assunto no capítulo “Da importação de palavras”, quando aborda a constituição do léxico português. O autor justifica essas importações na história da língua, contanto que sejam obedecidas as regras de formação de palavras.

Evanildo Bechara, na edição de 1961 da *Moderna gramática da língua portuguesa*, tratava dos neologismos em um “Apêndice”, mas os situava entre os “Vícios e anomalias da linguagem”, considerando-os consequência de um processo natural de assimilação cultural, só condenados quando desnecessários, por encontrarem vocábulos equivalentes no vernáculo.

Já na 37ª edição (revista e ampliada), de 2003, Bechara aborda rapidamente os neologismos na parte intitulada “Estrutura das unidades: análise mórfica”, no item “Formação de palavras do ponto de vista constitucional”. O tema, que é abordado sob o título “Renovação do léxico: criação das palavras”, apresenta os neologismos como “as palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras” (2003: 351), diferente dos arcaísmos, que se colocam em lado oposto a esse movimento criador. Os empréstimos lingüísticos, citados como uma das fontes de renovação lingüística, são mencionados no mesmo capítulo, mas encontram-se detalhadamente explicitados no “Apêndice”, entre os “Vícios e anomalias de linguagem”.

A *Gramática normativa da língua portuguesa* de Rocha Lima (1989) não aborda o assunto no âmbito gramatical. Não há menção alguma aos neologismos, nem mesmo no capítulo intitulado “Rudimentos de estilística e poética”. O mesmo acontece na *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), onde o tema também não é abordado.

Voltemos então ao que diz Edith Pimentel em suas conclusões sobre essas constatações históricas, pois coincidem com o que também constatamos nas obras de referência que consultamos. Esses levantamentos mostram que, no que diz respeito aos neologismos, as criações de autores (os neologismos literários) não sofrem maiores restrições, por se circunscreve-

rem aos domínios da estilística. Quanto aos neologismos culturais, especialmente os de importação, constata-se que foram perdendo espaço, chegando a desaparecer das gramáticas.

Outro ponto que nos importa são os mecanismos de que se vale o usuário da língua para criar o neologismo. Antônio José Sandmann, em *Morfologia Lexical*, explica que uma língua como a portuguesa se serve de três recursos para ampliar seu vocabulário: dois marginais e outro central ou básico.

Os recursos secundários utilizados são o empréstimo de outras línguas e a criação por assim dizer do nada. A formação de palavras que acabamos de chamar de “criação do nada” é, na verdade, uma criação apenas a partir de fonemas ou sílabas e não de palavras ou morfemas já existentes na língua. É um recurso extremamente raro, sendo prova disso o fato de, em seguidos anos de pesquisa, só termos encontrado uma forma: tititi, diz-que-diz-que, mexerico (Jornal do Brasil, 14/12/84, 1º Caderno, p. 11, coluna 3), em que temos a repetição da sílaba semanticamente vazia *ti* formando um vocábulo onomatopaico, sendo que apenas à palavra plena se pode atribuir significado. (1992: 22)

Sobre os empréstimos, tipo mais produtivo do que o caso “gratuito” citado acima, Sandmann subdivide-os em “adaptados (líder, do ingl. *leader*) e não-adaptados”, sendo que essa não-adaptação pode ser só ortográfica (*show*), fonológica e ortográfica (*joint venture*) ou morfossintática (*campi*, plural de *campus*). E acrescenta ainda estas particularidades de ocorrência:

Há empréstimos lexicais, isto é, sem tradução / substituição de morfemas / palavras (*esputinique*, *videoteipe*, *pulôver*), empréstimos semânticos, isto é, com tradução / substituição de morfemas / palavras, com alteração de estrutura (*spaceship* = *nave espacial*) e sem alteração da estrutura (*spaceship* =

espaçonave). E há, finalmente, empréstimos estruturais: são aqueles formados com recursos do português mas segundo modelo estrutural estrangeiro: *cineclube, motogincana*. (1992: 23)

Sandman também explica o critério a ser adotado para se avaliar se “o empréstimo está bem adaptado à língua-destino” e diz que um indício seguro para isso “é a existência de palavras derivadas do mesmo”, como acontece em: “ingl. *bluff* = *blefe* (*blefar*), ingl. *knock-out* = *nocaute* (*nocautear*), ingl. *lunch* = *lanche* (*lanchar, lancheira, lancheiro, lancheria*).” (IDEM)

O autor faz a ressalva de que, para alguns, o empréstimo dessas unidades lexicais estrangeiras, principalmente do inglês, no caso da língua portuguesa no Brasil, possa não parecer tão secundário assim. Entretanto, ele observa que há muito mais neologismos formados a partir de prefixos (*anti-*, *des-*, *hiper-*, *super-*, etc.), sufixos (*-ista*, *-ismo*, *-izar*, *-ção*, *-mento*, etc.) e até compostos, principalmente de substantivo + substantivo (*trem-bala*), e cruzamentos vocabulares (*amazonóia*) do que empréstimos.

Isso nos leva a constatar que o recurso principal de que uma língua se serve para ampliar o léxico é a formação de palavras a partir de palavras ou morfemas preexistentes, pela derivação (prefixação e sufixação) e pela composição.

Vejamos o que diz Margarida Basílio:

O léxico, portanto, não é apenas um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante. (2004: 9)

Considerando a língua um sistema de comunicação, Basílio explica

que “a expansão lexical é efetivada sobretudo pelos processos de formação de palavras”, cuja finalidade é “garantir a máxima eficiência desse sistema”. E acrescenta que esses processos

são fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico. Por meio desses padrões, podemos formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam mas que não conhecíamos anteriormente. (2004: 10)

Quanto aos motivos pelos quais se formam novas palavras, concordamos com Margarida Basílio quando nos aponta, para isso, duas funções centrais, a semântica e a sintática, com a possibilidade de uma terceira, a discursiva. Levando-se em conta tal subdivisão, a autora cogita de “pelo menos três funções fundamentais para a formação de palavras”:

a função de denominação, que corresponde, naturalmente, a necessidades semânticas; a função de adequação discursiva e a função de adequação sintática. Entretanto, não se pode descartar a possibilidade de que estas funções sejam mescladas, pelo menos em alguns casos. (1987: 67)

Dessa forma, quando se nomeiam coisas ou seres, objetos novos, fatos culturais novos, fatos da nossa realidade, fenômenos da natureza, entre outras coisas, é dada uma função semântica à formação de palavras.

A função sintática ou a função de adequação sintática (que aparece principalmente na frase) se manifestará quando um processo de formação de palavras implicar a mudança de classe gramatical.

Quanto à função discursiva, André Valente, no artigo “Produtividade lexical: criações neológicas”, publicado no livro *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*, afirma que

os estudos lexicológicos ignoraram, durante certo tempo, os aspectos discursivos da linguagem. De outra parte, os trabalhos sobre discurso nem sempre deram a devida atenção à seleção lexical. Atualmente, tem-se valorizado a integração de lexicologia e discurso na leitura e na produção de textos vários, quer literários, quer não-literários. (2005: 129)

A respeito do papel discursivo dos processos de formação de palavras, cabe incluir novamente as opiniões de Sandmann (1992), que destaca dois pontos: a função de expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado (feita, principalmente através de sufixos, com destaque para os de cunho pejorativo) e a função de adequação discursiva ou de adequação à estrutura do texto como um todo. Ele menciona também que, às vezes, por razões de ordem estilística, as restrições à produtividade lexical e ao bloqueio da produtividade lexical podem ser rompidas.

Vistos esses conceitos acerca de variadas abordagens que se pode fazer no estudo dos neologismos, resta examinar mais detidamente os “processos de formação neológica”. Ieda Maria Alves, em *Neologismo, criação lexical* (1994), indica as seguintes possibilidades: neologia fonológica, neologia sintática (derivação, composição, formação por siglas, composição sintagmática), neologia semântica, neologia por empréstimo, conversão, entre outros processos.

Os neologismos fonológicos são o resultado da criação de um vocábulo cujo significante é totalmente inédito. Esse tipo de neologia não é muito comum, pois para que um vocábulo seja considerado neologismo, é preciso que ele seja compreendido pelo receptor. Nesse caso, a criação de um significante inédito comprometeria a comunicação, fato que torna a neologia essencialmente fonológica raríssima.

Poderiam ser incluídas na neologia fonológica as onomatopéias. No

entanto, esse tipo de formação não é totalmente arbitrário. Há, embora imprecisa, uma relação entre o vocábulo formado e ruídos e gritos. É, na verdade, a imitação de um som.

Os neologismos sintáticos, bem mais freqüentes, são formados através da combinação de elementos já existentes na língua portuguesa.

Classificados em derivados, compostos, compostos sintagmáticos e compostos formados por siglas ou acronímicos, são denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical. (ALVES, 1994: 14)

No caso da conversão, processo também conhecido como derivação imprópria, a formação lexical se dá através de alterações em sua distribuição sem que ocorram mudanças na forma. No caso da linguagem do adolescente, podem ser citados como exemplos *maluquinho* e *neguinho*, que passam a ser pronomes indefinidos.

Os neologismos semânticos ou conceptuais são aqueles em que uma unidade léxica já existente adquire um novo significado. É o que Nelly Carvalho explica como “conceitos novos introduzindo novos hábitos, ou velhos hábitos vistos por um prisma diferente” (1987: 23). Muitos desses novos significados podem ser atribuídos a uma forma por meio de metáforas, metonímias, sinédoques, entre outros processos estilísticos.

Segundo Ieda Maria Alves, há também neologismo semântico,

quando um termo, característico de um vocabulário, extrapola os limites desse vocabulário e passa a integrar outra terminologia ou a fazer parte da língua geral. Da mesma maneira, a passagem de um ele-

mento da língua corrente para um vocabulário específico é igualmente possível. (1994: 65)

Esse tipo de neologismo semântico ocorre bastante na linguagem do adolescente, que se caracteriza pelo emprego de um vocabulário que tem “a intenção de dificultar a compreensão por parte daqueles que não integram um determinado grupo” (ALVES, 1994: 65). Nesse caso, a neologia é bastante produtiva.

A difusão do neologismo conceitual é a prova de que foi aceito pela comunidade lingüística. A partir daí, haverá a inserção da nova acepção nos dicionários. Assim, vão sendo acrescentados ao significado básico de um item léxico os que forem criados através da neologia semântica.

Dentro dos outros processos citados por Ieda Maria Alves, encontram-se: a) a truncação (processo pelo qual há uma abreviação em que uma parte da seqüência lexical, na maioria das vezes a última, é eliminada: *finde, churras, refri, pati, descontrol, emo, prô, pretê, visu, sussa, vagal*); b) a palavra-valise (tipo de redução em que dois itens lexicais são privados de seus elementos para formarem um novo: um perdendo sua parte final e o outro, a parte inicial: *micabraço, brasiguaio, showmício*); c) a reduplicação (processo pelo qual a mesma base é repetida duas ou mais vezes: *trança-trança, tchu-tchu*); d) a derivação regressiva (processo em que a formação lexical resulta da supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal: *pega, xaveco*).

Há também – como já vimos – os neologismos por empréstimo, frequentemente encontrados em vocabulários técnicos (esportes, economia, informática) e em algumas linguagens especiais como a da publicidade e a das colunas sociais. Os estrangeirismos se integram à língua por adaptação gráfica, morfológica ou semântica. No período de integração é que o estrangeirismo tem sua fase propriamente neológica. Nesse grupo, inclui-se

ainda o decalque, tipo de empréstimo em que há a versão literal do item estrangeiro para a língua que o recebe.

Segundo Ieda Maria Alves (1994), o falante, ao criar um neologismo, tem consciência, muitas vezes, de que está inovando, gerando novas unidades léxicas. Isto ocorre tanto com os processos de formação vernácula quanto com os estrangeirismos. A sensação de neologia é traduzida graficamente pelo uso de aspas, maiúsculas e itálico, recursos que ajudam a realçar a inovação no léxico. Quanto ao estrangeirismo, o fato de ele ser traduzido revela que o falante percebeu o caráter neológico dessa forma não-vernácula.

A autora acrescenta que, no que diz respeito à inserção do neologismo no dicionário, sua simples criação não é motivo suficiente para que ele seja incorporado ao “acervo lexical de uma língua”. E prossegue:

É, na verdade, a comunidade lingüística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. (1994: 84)

Em outros termos: se o neologismo for bastante freqüente, será incorporado em obras lexicográficas e considerado parte do sistema lingüístico. Não podemos desconsiderar, porém, duas realidades a respeito desse mecanismo de “dicionarização” de um neologismo. A primeira, que se refere à freqüência, mostra que a reiteração estatística, por si só, não deve ser motivo suficiente para se incorporar um vocábulo a um dicionário geral da língua. Palavras derivadas ou compostas a partir de antropônimos de políticos (malufista, valerioduto...), artistas (caetanear, beatlemaníaco...) ou figuras do esporte (domingada, maradonismo...), por exemplo, dificilmente são “promovidas” aos “tesouros” porque, a despeito de sua insisten-

te utilização nos meios de comunicação, têm um prazo para desaparecer (que coincide com o ostracismo, o final da carreira ou mesmo o falecimento de seu “inspirador”). A outra reconhece uma certa arbitrariedade no que se refere ao modo de agir dos lexicógrafos. Às vezes, termos muito usados são esquecidos e outros pouco difundidos fazem parte de seus dicionários. Apesar disso, essas obras lexicográficas são os parâmetros disponíveis para tomarmos conhecimento se um item léxico pertence ou não ao acervo lexical de uma língua.

Sobre a neologia semântica, tomemos a síntese que André Valente, no artigo “Letras de música nas aulas de português: estilo, cultura e cidadania” (2004), faz das idéias de M. Louis Guilbert, para quem esse tipo de neologismo é uma mudança de sentido “que se reproduz em um dos três aspectos significantes do lexema, sem que intervenha simultaneamente uma modificação na forma desse lexema.” A explicação prossegue:

A primeira forma de neologia semântica é aquela que se opera na modificação do agrupamento dos semas aferentes a um lexema, segundo modalidades diversas. Estas foram descritas pelos retóricos sob o nome de sinédoque, metáfora, comparação, metonímia.

A segunda forma de neologia semântica é a que afeta a categoria gramatical do lexema, e que é chamada, às vezes, neologia por conversão. A essência da modificação nos parece de caráter semântico, sendo a categoria gramatical apenas um meio de realização da mutação.

A terceira forma de neologia semântica é o que poderia se qualificar de sociológica. Acontece com os termos técnicos que passam para o vocabulário geral usual, com as palavras de autores as quais se disseminam na massa falante. (In: HENRIQUES & SIMÕES, 2004: 202)

Uma autora que não utiliza a expressão “neologismo sintático” é Nelly Carvalho (1987: 23), que chama de “neologismo formal” as palavras que ainda não aparecem como verbete de dicionário. Sob essa denomina-

ção encontram-se os casos de derivação, composição, redução, siglas, empréstimos, derivação imprópria. A autora defende, porém, a idéia de que “a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é através de construção e sim de mudança de sentido.” (1987: 23)

Maria Aparecida Barbosa é outra pesquisadora que enfatiza ser o estudo da renovação lexical muito importante, na medida em que mostra de maneira clara as transformações pelas quais passa o sistema de valores compartilhados por um grupo. No artigo “Da neologia à neologia na literatura”, Barbosa afirma que

não é pelo fato de uma palavra ter caráter inédito que passa a ser imediatamente considerada neológica. Com efeito, há vários momentos importantes na criação do neologismo: a) o instante mesmo de sua criação; b) o momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo lingüístico cultural; c) o momento em que começa a dar-se a sua desneologização. Na criação lexical, devem distinguir-se duas fases: aquela que considera o neologismo no instante em que é produzido no quadro enunciativo e aquela em que é apreendido e registrado pelos falantes-ouvintes do grupo. (In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1998: 35)

Obviamente, o primeiro momento de um neologismo é o de sua criação. Seu segundo momento diz respeito à recepção e à aceitabilidade pelos destinatários, assim como sua inclusão no conjunto das unidades léxicas memorizadas. Para Aparecida Barbosa, a partir do momento em que o neologismo é criado, ele só passa a ter esse estatuto, se for usado generalizadamente a ponto de ser um vocábulo disponível para pelo menos um grupo de indivíduos e se, depois, começar a ser empregado, difundindo-se. Às vezes, pode ocorrer de um termo ser rejeitado, intencionalmente ou

não, e desaparecer logo após ser criado. Essa aceitabilidade se processa no meio social, isto é, depende de um consenso social e cultural.

Assim, segundo a autora, o neologismo pode completar seu percurso, perdendo a consciência de fato neológico, ou seja, pode ocorrer a desneologização. Isso vai ocorrendo na medida em que seu uso se expande, diminuindo, portanto, seu impacto de novidade lexical.

Barbosa ainda chama a atenção para o fato de o conceito de neologismo ser relativo, já que pode ser analisado do ponto de vista diacrônico, diatópico, diastrático e diafásico.

Segundo a perspectiva diacrônica, o neologismo criado em determinada etapa da língua, caso não desapareça, integra-se à norma, isto é, se desneologiza. Se quisermos conhecer os neologismos de uma determinada época, será preciso ter como parâmetro fontes dessa época, como jornais, revistas, cartas e dicionários para confrontá-los com as de etapas posteriores.

Já o neologismo diatópico pode ocorrer das seguintes maneiras.

Um neologismo pode ser criado, por exemplo, numa única região, ficando a ela restrito. Ainda na perspectiva diatópica, pode ocorrer, que um vocábulo pertencente a uma norma regional e exclusivo dessa região, às vezes até um arcaísmo, passe para outra região, se torne conhecido nesta, onde é adotado com função neológica. Trata-se de um fenômeno comum, favorecido pelas correntes migratórias, pelo comércio ou pela difusão através da mídia, etc., como, por exemplo, no caso do vestuário, das comidas típicas, da dança. (1998: 37)

Com relação a essa “viagem” das palavras entre regiões, cabe aqui citar Sérgio Correa da Costa, em *Palavras sem fronteiras*, ao enfatizar que algumas,

ao contrário de outras, ultrapassam as fronteiras dos

países onde nasceram e se tornam portadoras de uma espécie de marca registrada de suas origens. Essas palavras de vocação cosmopolita circulam pelo mundo e acabam por integrar uma espécie de “vocabulário sem fronteiras” que aumenta sem cessar e aproxima as culturas. (2000: 19)

Nesse sentido, podemos dizer que o neologismo diatópico nem sempre se limita às fronteiras de um país. Fato semelhante acontece com o neologismo diastrático. Segundo Maria Aparecida Barbosa, vocábulos característicos de uma camada social, ou mesmo os neologismos que já sofreram o processo de desneologização, podem ser introduzidos em outra camada social, como uma novidade lexical, como um neologismo. As causas dessa “viagem” de vocábulos são as mesmas dos neologismos diatópicos.

A autora também tece considerações sobre o que se dá com os neologismos diafásicos:

Algo comparável, embora mais complexo – em virtude do número de universos de discurso co-ocorrentes, sobretudo nas sociedades heterogêneas, industriais e pós-industriais – sucede na variação diafásica. Desse modo, um termo metalingüístico, técnico-científico, específico de uma ciência, onde surgiu, no passado, como neologismo específico, mas que naquele já se desneologizou, já integra a norma discursiva daquele universo de discurso, pode ser adotado noutra área de conhecimento, onde é assumido justamente por sua função neológica, para designar novo recorte; da mesma forma, vocábulos de normas técnico-científicas passam para o universo de discurso político, econômico, até para o discurso coloquial, onde são adotados como o já mencionado impacto da novidade lexical. De maneira geral, pois, um vocábulo que já se desneologizou num universo de discurso se neologiza noutro universo de discurso. (1998: 37)

Diante dessas perspectivas de análise dos neologismos e tomando como parâmetro os objetivos apresentados no presente trabalho, poderíamos incluir os “neologismos etários”, que surgidos inicialmente em um

grupo de uma determinada faixa etária, podem se incorporar à norma, se desneologizar, ou “viajar” para outro grupo de faixa etária diferente, como um neologismo “mutante”.

Dessa forma, poderíamos concluir, citando as considerações feitas por André Valente, em “As letras de música nas aulas de português”, que resume e acrescenta alguns conceitos relevantes, classificando a criação de novas palavras em português em dois grandes grupos: formações vernáculas e formação por empréstimos.

No primeiro grupo, utilizam-se fundamentalmente a derivação e a composição, o que também se aplica às criações neológicas.

Neologismos

(1) vocabulares (formais) → neologia de forma

(2) semânticos (conceituais) → neologia de sentido

(In: HENRIQUES. & SIMÕES, 2004: 200)

No segundo grupo, Valente se refere a um estudo de Antônio Sandmann (1992), que expõe os “tipos de empréstimos lingüísticos”:

- empréstimo lexical: sem tradução ou substituição de fonemas; pode ser não adaptado fonológica ou graficamente (jazz, smoking), só ortograficamente (freezer, show) ou morfossintaticamente (campus/campi, corpus/corpora).

- empréstimo semântico: com tradução ou substituição de fonemas; empresta uma idéia, um significado sem os significantes, com ou sem alteração da estrutura (hot-dog/cachorro quente, com alteração de estrutura; haute-couture/alta costura, sem alteração de estrutura).

- empréstimo estrutural: não importa morfemas ou palavras, mas sim um modelo (videolocadora, com determinante + determinado, contrariando a ordem do Português; também em motogincana; ainda em nomes de lojas e empresas como Lucy Calçados).(IDEM: 201)

No mesmo artigo, Valente acrescenta que, nos estudos de morfologia lexical e de criações neológicas, é importante destacar os conceitos de

bloqueio e desbloqueio. O bloqueio, fenômeno citado pela primeira vez por Mark Aronoff, em 1976, consiste em uma forma não ocorrer pelo fato de outra já existir. Funciona, na verdade, como uma restrição aos processos de formação de palavras. Pelo fato de um item lexical já existir na língua, um novo termo não é formado, apesar de possuir todas as condições de produtividade necessárias. Por exemplo, por já existirem “golpista” e “governista”, não houve a criação de “golpeiro” e “governheiro”.

É a mesma situação que Luiz Carlos de Assis Rocha aborda no artigo “Guimarães Rosa: criação lexical, bloqueio e desbloqueio”, publicado no livro *Veredas de Rosa*, de 2000, quando afirma que

Em português existe a conhecida relação paradigmática *jogar / jogador, treinar / treinador, namorar / namorador, paquerar / paquerador*, a partir da qual é possível fixar a RFP (*regra de formação de palavras*, grifo meu) da língua ($V \rightarrow S -dor$). Com base em *fabricar*, a língua não apresenta, porém, (?) *fabricador*, porque a casa lexical do agentivo derivado de *fabricar* está preenchido por *fabricante*, produto formado por outra RFP da língua ($V \rightarrow S -nte$), ou seja, por meio de uma regra recorrente. Caracteriza-se desse modo o bloqueio, fenômeno que, como dizíamos, impede a formação de inúmeros itens lexicais do português. (2000: 365)

Segundo o autor, agora em *Estruturas morfológicas do português*, há quatro tipos de bloqueio: o paradigmático, o heterônimo, o homofônico e o parônimo.

O bloqueio paradigmático ocorre quando “não se cria uma determinada palavra simplesmente pelo fato de já haver outra correspondente com o mesmo sentido e/ou função.” (ROCHA, 2003: 141)

A CASA LEXICAL do adjetivo correspondente a *braço* já está preenchida por *braçal*. Os falantes não vêem necessidade de criar (?) *braçar*, (?) *braçano*, (?) *braçário*, (?) *braceiro* etc. O mesmo se diga com relação a família: por que criar (?) *famili-*

al, (?) *familiano* ou (?) *familiário*, se já existe *familiar*? (2003: 141)

O bloqueio heterônimo consiste no fato de que

certas formações deixam de ser produzidas na língua, por existirem outras palavras – com raiz diferente da raiz de base em questão – que bloqueiam o surgimento dos possíveis produtos. É assim, por exemplo, que (?) *ensinador* é bloqueado por *professor*, (?) *aprendedor* é bloqueado por *aluno*, (?) *anelheiro* é bloqueado por *joalheiro* e assim por diante. (2003: 143)

Para Assis Rocha, na língua há formações que não são produzidas por conta de um bloqueio homofônico, isto é,

a nova palavra não é criada por existirem outras formações com o mesmo aspecto fonético, mas com significado diferente:
terra (?) *terreiro* (bloqueado por *terreiro* = *quintal*)
sala (?) *saleiro* (bloqueado por *saleiro* = recipiente onde se coloca o *sal*)
cobre (?) *cobreiro* (bloqueado por *cobreiro* – doença) (2003: 144)

O bloqueio parônimo ocorre quando certas formas não se realizam porque a língua apresenta parônimos que inibem o surgimento delas:

cabelo (?) *cabeleiro* (bloqueado por *cabeleireiro*, que tem como base *cabeleira*)
vidro (?) *vidreiro* (bloqueado por *vidraceiro*, que tem como base *vidraça*)

Assis Rocha acrescenta que

o bloqueio não é, porém um mecanismo que produza efeito “geral e irrestrito”, como fazem supor alguns morfólogos. O fenômeno contrário, o desbloqueio, também ocorre na língua. A existência de uma formação consagrada não impede a criação de outra forma concorrente. (2000: 365-366)

O desbloqueio ocorre quando, mesmo existindo uma forma, é criada outra com fins estilísticos. Como exemplos, André Valente (In: HENRIQUES & SIMÕES, 2004: 201) cita "apitador" (para mau juiz de futebol ou mau árbitro) e "pintador" (para mau pintor). Na MPB, André destaca, ainda, o uso de "sambeiro" por "sambista", empregado numa canção popular: Depois que o visual virou quesito / Na concepção desses sambeiros / O samba perdeu sua pujança / ao curvar-se à circunstância/Imposta pelo dinheiro ("Visual", de Neném e Pintado).

Assis Rocha reconhece quatro tipos de desbloqueio:

a - Desbloqueio rotulativo

A par do nominal consagrado, a língua pode apresentar nominais específicos de profissões e ocupações ou de situações especiais, em que se quer acrescentar à formação nominalizada um componente semântico novo:

ligação / ligamento (termo médico) / ligadura (termo médico)

batida / batimento (termo médico)

caída / caimento (termo da costura)

salvamento / salvação (no sentido espiritual)

aparecimento / aparição (no sentido espiritual)

indução / induzimento (aspecto dinâmico)

apoio / apoioamento (aspecto dinâmico)

estímulo / estimulação (aspecto dinâmico)

b – Desbloqueio cumulativo

Uma formação nominalizada, além de ser 'ato de X', pode apresentar também um outro componente semântico, caracterizando o que se pode chamar de semântica de segundo grau. Nos exemplos que se seguem, extraídos da linguagem coloquial, os nominais desbloqueados são também interativos, pois denotam que se trata de ações repetidas:

batida / bateção

chamada / chamadação

abertura / abrição

estudo / estudação

mudança / mudação

c – Desbloqueio esporádico

Na fala espontânea, o produto consagrado de uma regra de nominalização pode ser substituído por ou-

tro, com base em uma regra recorrente. Isso é feito de maneira esporádica, ou seja, há uma espécie de “escorregadela”, em que o falante troca o sufixo acidentalmente. Esse “descuido” se dá em consequência da coerção exercida pelo padrão lexical, $V \rightarrow S$ suf., que é muito forte na língua e que é operacionalizado por meio de vários sufixos, como *-ção*, *-mento*, *-zero*, *-agem*, *-ura*, etc. É o caso, por exemplo, de *acoplação* (por *acoplamento*), *contemplamento* (por *contemplação*), *degeneramento* (por *degeneração*), *aceleramento* (por *aceleração*), *delineamento* (por *delineação*), *destinamento* (por *destinação*), *gravamento* (por *gravação*), *atrasamento* (por *atraso*), *transportamento* (por *transporte*), etc.

d – Desbloqueio estilístico

Uma formação nominalizada pode ser desbloqueada por razões estilísticas, ou seja, o que se pretende é que a formação nova seja mais expressiva, como se pode deduzir dos contextos:

Vou dar um chego na minha casa. (em vez de chegada).

O ladrão deu uma limpa no escritório. (em vez de limpeza)

Amanhã vai ter um agito na Praça do Papa. (em vez de agitação)

Você precisa sair desse sufoco. (em vez de sufocamento ou sufocação)

Mamãe vai te dar um xingo daqueles. (em vez de xingamento) (ROCHA, 2000: 366-367)

Como se vê, muitos são os exemplos de neologismos e suas respectivas terminologias. Mas é preciso fazer ainda uma distinção entre os neologismos criados pelo falante comum e aqueles inventados pelos literatos.

Michel Riffaterre, em *A produção do texto* (1989), afirma que os neologismos literários apresentam certas especificidades, ausentes nos neologismos dos falantes comuns, que são vistos como anomalias. Os neologismos da língua, segundo o autor, são criados para a expressão de um referente ou de um significado novo. Desse modo, seu uso depende da relação existente entre as palavras e as coisas (fatores não lingüísticos). Já os neologismos literários, dentro de seu contexto e uso, se inserem em rela-

ções pertencentes somente à linguagem.

Com tantos conceitos expostos, percebemos que o neologismo é a prova da existência de uma renovação lexical feita, na maioria das vezes, por mecanismos próprios do sistema lingüístico. Isso significa que o potencial criativo de um falante está intimamente relacionado ao seu domínio lingüístico.

5. CRITÉRIOS

Optamos neste trabalho por delimitar nosso campo de investigação e análise privilegiando a função de interação social da linguagem, através de neologismos que circulam na língua escrita em prosa.

Tomando por base o artigo “Competências e perspectivas dos estudos de base lexical”, de Maria Emília Barcellos da Silva, poderíamos encaixar este trabalho na competência dos estudos lexicais que “trata o léxico como o *locus observandi* do percurso social dos usuários de uma língua dada”. (In: OLIVEIRA, & ISQUERDO, 1998: 117) Essa competência

promove a possibilidade de o falante configurar e arquivar não só a realidade extralingüística mas também o saber lingüístico de uma comunidade, propiciando que, simultaneamente, se possa apreciar a língua e a cultura de um grupo: incontestavelmente, a palavra é o lugar de observação dos fatos e dos feitos que pontuam o fazer das gentes (...). (IDEM)

Nossa investigação tem o propósito de “levantar propriedades sintático-semânticas do léxico”, como lembra Francisco da Silva Borba, e por isso

tem que começar por verificar quais são as grandes linhas de circulação vocabular em todos ou num registro determinado das duas modalidades básicas de manifestação da língua: o oral e o escrito. A primeira impressão que se tem é de dispersão ou de difusão um tanto desordenada ou arbitrária, que dá lugar, em seguida, à percepção de uma estreita relação texto/contexto associada à variação de acepções. (2003: 17)

Desse modo, o levantamento dos termos utilizados pelos adolescentes foi feito com base nas principais publicações voltadas para esse público. Foram selecionadas as seguintes revistas: *Capricho*, *Todateen*, *Atrevida*, consultadas a partir de julho de 2001 até dezembro de 2004, como reprodutoras da linguagem utilizada pelos adolescentes. Na realidade, como já foi mencionado, o vocabulário levantado retrata uma linguagem *para* o jovem.

5.1 O CORPUS

O estabelecimento do *corpus* se deu pela coleta das fontes mencionadas, segundo critérios de seleção lexical (neologismos lexicais, semânticos e locucionais) que se baseiam no confronto com os *Dicionários Houaiss e Aurélio XXI* e o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Quanto ao último, por suas características específicas, observamos apenas a existência do verbete, constatando-se se a inovação ocorreu na forma (neologismo lexical).

A exemplificação recolhida de ocorrências retrata a expressividade semântica, gramatical e estilística, próprias dessa faixa etária, como em: *superlindo*, *supersério*, *supergamado*, *superchato*, *superposter*, *superlegal*, *superfeliz*, *supertriste*, *superbem*, *supermaquiada*, colhidos da revista *Todateen*, que mostram a produtividade do prefixo *super-*.

Com base nos estudos apresentados acerca de neologismos e neologia, adotaremos a divisão que nos pareceu mais adequada ao *corpus* coletado. Chamaremos de **neologismos semânticos** os verbetes já dicionariza-

dos com acepção não dicionarizada (nos casos em que um substantivo passa, na linguagem do adolescente, a ser usado como adjetivo ou advérbio, não consideraremos que houve neologia semântica por todas essas classes fazerem parte de um mesmo grupo – os nomes). **Neologismos lexicais** será a terminologia utilizada para verbetes não dicionarizados. Classificaremos de **neologismos locucionais** expressões cujos componentes, separadamente, estão dicionarizados, mas que, juntos, têm um valor semântico novo. Toda vez que julgarmos pertinente, haverá a inserção de uma nota logo após o(s) exemplo(s).

Quanto aos neologismos locucionais, cabem algumas observações a respeito da formação desses sintagmas. Vemos, em *La langue française de la technique et de la science*, de Rostislav Kocourek que

A formação das unidades lexicais com várias palavras (os sintagmas lexicais) é a lexicalização (a formação sintagmática). Os sintagmas lexicais que têm uma definição especializada chamam-se os termos-sintagmas. Os termos-sintagmas e os termos-palavras constituem a terminologia..⁷ (1984: 116)

O autor afirma que o problema da lexicalização terminológica merece uma atenção particular, pois o número de termos-sintagmas ultrapassa o número de termos-palavras. Apresenta, então, uma lista com pares de sintagmas:

- terras raras e sentimentos raros
- ácidos graxos e alimentos gordurosos⁸ (IDEM)

⁷ La formation des unités lexicales à plusieurs mots (des syntagmes lexicaux), c'est la lexicalisation (la formation syntagmatique). Les syntagmes lexicaux pourvus d'une définition spécialisée s'appellent les termes-syntagmes. Les termes-syntagmes et les termes-mots constituent la terminologie. (KOCOUREK, 1984: 116)

⁸ - terres rares et sentiments rares // - acides gras et aliments gras (IDEM)

Vemos que os sintagmas da esquerda possuem uma especificidade da qual é difícil não se dar conta, mas que não é fácil de compreender. Na sua acepção específica, as “terras raras” são óxidos dos metais vizinhos ao lantânio, os “ácidos graxos” são monoácidos orgânicos especiais. A estes sintagmas, o autor chama de sintagmas lexicais, supondo-se que eles constituam as unidades lexicais com várias palavras.

Quanto aos sintagmas da direita, observa-se que são desprovidos dessa especificidade. Por esta razão, o autor os considera sintagmas livres (não lexicalizados, eventuais, fortuitos, acidentais). Pode-se afirmar, também, segundo Kocourek, que

A extensão dos sintagmas lexicais é muito mais limitada que aquelas dos sintagmas livres, ou, na feliz formulação de Guilbert “a construção lexemática” é mais limitada que a “construção sintagmática”.⁹ (1984: 120)

Desse modo, ao usarmos a nomenclatura **neologismos locucionais**, estaremos nos referindo aos sintagmas lexicais, definidos por Kocourek.

O *corpus* levantado foi selecionado de modo a ser representativo das classes gramaticais e das composições sintagmáticas, muito comuns na linguagem do adolescente.

Seguindo os critérios mencionados, verificou-se no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de 1986, que vocábulos como antenado (adjetivo), barraco (substantivo), bolado (adjetivo), desencanar (verbo), ficar (verbo), malhado (adjetivo), pegação (substantivo), vazar (verbo) ainda não estavam registrados com os significados dados pelos adolescen-

⁹ L’*étendue des syntagmes* lexicaux est beaucoup plus limitée que celle des syntagmes libres, ou, dans la formulation heureuse de Guilbert (’70: 119), <la construction lexématique> est <plus limitée que la construction syntagmatique>. (KOCOUREK, 1984: 120)

tes.

No entanto, os dicionários *Aurélio Século XXI* (1999) ou *Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) já incorporaram esses significados usados na linguagem dos adolescentes. Portanto, pelos nossos critérios, deixaram esses exemplos de ser neologismos semânticos, desneologizaram-se, fazendo parte do léxico da língua comum – ainda que indicados nessas fontes como brasileirismos ou acepções populares.

Selecionamos sete desses vocábulos, suas ocorrências e significados. Transcreveremos, em seguida, as definições do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (NDALP)*, de 1986 e do *Dicionário Aurélio Século XXI (AEXXI)*, de 1999. Quando for necessário, também será utilizada a transcrição do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS)*, de 2001.

1) *Antenado*, por exemplo, é um adjetivo dado à pessoa que está informada sobre tudo o que acontece. Vejamos nos exemplos:

Ela está sempre **antenada** às novidades e informações. (*Todateen*, Julho/2001, p. 5)

É preciso ficar **antenado** às novidades do mercado da informática. A todo momento surgem novidades que podem nos ajudar tanto na escola quanto na vida pessoal. (*Atrevida*, Agosto/2002, p.56)

Estou sempre **antenado**. Nada me escapa. Qualquer novidade chega até mim pela internet, jornais, e-mails, etc. (*Capricho*, Junho/2003, p.23)

O verbete *antenado* encontra-se com as seguintes definições:

antenado. [De *antena* + -ado] Adjetivo 1. Provido de antenas. 2. Mandibulado. Substantivo masculino 3. Mandibulado. (*NDALP*, 1986: 128)

antenado [De *antena* + -ado1.]Adjetivo 1. Que tem antenas. 2. Figurado Gíria Que se mantém, ou procura se manter bem informado a respeito do que se passa, do que é atual; ligado, conectado. (*AEXXI*:148)

2) O vocábulo *barraco* é um substantivo masculino usado com o significado de vexame, confusão. Aparece com esse significado apenas no *Dicionário Aurélio XXI*.

Na hora do ciúme, não adianta dar **barraco**; a melhor coisa é o diálogo. (*Atrevida*, Agosto/2001, p.34)

Ela sempre arma o maior **barraco** se sentir que o seu namorado está xavecando outra. Aí a casa cai e a confusão está formada. (*Capricho*, Março/2003, p.34)

Se a garota com quem estou ficando arma **barraco**, finjo que não conheço e sumo da vida dela. Barraco não dá. (*Todateen*, Abril/2003, p. 67)

Vejamos as definições do verbete *barraco* encontradas nos dicionários mencionados:

barraco. [De barraca] Substantivo masculino. Brasileirismo, do Rio de Janeiro. Habitação tosca, improvisada, construída geralmente nos morros, com materiais de origem diversa e adaptados, coberta com palha, zinco ou telha, onde vivem favelados; barracão: “A porta do barraco era sem trinco. / Mas a lua, furando o nosso zinco, / Salpicava de estrelas nosso chão...” (Orestes Barbosa, *Chão de Estrelas*, p. 275.) (*NDALP*, 1986: 234)

barraco. [De barraca] Substantivo masculino. Brasileirismo, do Rio de Janeiro. Habitação tosca, improvisada, construída geralmente nos morros, com materiais de origem diversa e adaptados, coberta com palha, zinco ou telha, onde vivem favelados; barracão: “A porta do barraco era sem trinco. / Mas a lua, furando o nosso zinco, / Salpicava de estrelas nosso chão...” (Orestes Barbosa, *Chão de Estrelas*, p. 275.). Locução **Armar (o maior) barraco**. Brasileirismo. Gíria. Pejorativo. 1. Criar confusão, rolo, quizumba. 2. Partir para briga. (*AEXII*: 272)

barraco. Substantivo masculino. (1913 cf. Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, 2 volumes, 3ª ed.) 1 casa mal construída ou malconservada 2 (1958) RJ casa tosca, feita sem planejamento, originalmente construída nas encostas dos morros e com paredes de tábuas e teto de zinco, pela população de baixa renda; barracão ETIMOLOGIA barraca com alteração da vogal temática -a para -o, tomado como desinência de masculino; ver barrac- COLETIVO favela. (*HOUAISS*, 2001: 406)

3) O verbete *bolado* não aparece no *NDALP*, 1986. No *AEXXI* e no *HOUAISS* está com o sentido de chateado, aborrecido.

Isso tudo me deixa muito **bolado**. Como pode um país como o nosso ainda ter habitantes tão miseráveis. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 78)

Foram encontradas as seguintes definições de *bolado*:

bolado. [De bola + -ado1.] Adjetivo. Brasileirismo. Gíria. 1. Diz-se de indivíduo sob efeito de tóxicos. 2. Preocupado; grilado, amolado. (*AEXXI*, 1999: 314)

bolado *adjetivo. Brasil informal*. 1 surpreso e confuso com determinada atitude ou reação de outrem <ficou b. com o fora que levou> 2 aborrecido, chateado, amolado <ficou b. com a namorada por motivo bobo> 3 sob efeito de tóxicos; doidão E-TIMOLOGIA origem obscura. (*HOUAISS*, 2001: 480)

4) O verbo *desencanar*, isto é, “não se preocupar à toa; desistir”, aparece, nos exemplos abaixo, como verbo intransitivo (1º) e como transitivo indireto (2º).

O jeito é **desencanar** e curtir o momento. (*Todateen*, Julho/2001, p.13.)

Finalmente **desencanou** do cara. Ele não dava a mínima para ela que ficava correndo atrás dele. Era deprimente ver aquela cena. (*Capricho*, 11 de abril de 2004, p. 37)

O verbete *desencanar* aparece com as seguintes acepções:

desencanar. [De des- + encanar1] Verbo transitivo direto. Tirar ou desviar do cano. (*NDALP*, 1986: 557)

desencanar1 [De des- + encanar1.] Verbo transitivo direto 1. Tirar ou desviar de cano.

desencanar2 [Corruptela de desencanar, possivelmente.] Brasil. Gíria. Verbo transitivo indireto 1. Desencanar (3). Verbo intransitivo 2. Despreocupar-se, desapontar-se; tranquilizar-se; desligar-se. (*AEXXI*, 1999: 646)

Embora o verbo *desencanar* já apareça no *Dicionário Aurélio XXI* e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* com o significado usado pelos adolescentes, o mesmo não ocorre com o verbo *encanar*, com o sentido de cismar com alguma coisa. Por essa razão, os verbetes *encanar*, assim como *encanação* e *encanador* aparecerão, mais adiante, como neologis-

mos semânticos. Nos dois exemplos abaixo, o verbo *encanar* é transitivo indireto.

Não adianta **encanar** com ciúme. (*Todateen*, Julho/2001, p.14)

Os meninos **encanaram** com aquela brincadeira de agarrar as garotas. No início foi divertido, mas, depois, perdeu a graça. Mas eles não pararam. Aí tivemos que ser grosseiras. (*Atrevida*, Maio/2003, p. 47)

Encanar aparece com os seguintes significados:

encanar 1. [De en-3 + cano1 + -ar2.] Verbo transitivo direto 1. Conduzir por cano ou canal; canalizar: encanar as águas pluviais. 2. Abrir raias longitudinais em (uma coluna). [Presente do indicativo: encano, etc. Confrontar incano.]

encanar 2. Verbo transitivo direto 1. Cirurgia Pôr (o osso fraturado) em talas, ou canas, em direção para se soldar. 2. Brasil Gíria Meter em cana1 (5); prender. Verbo intransitivo 3. Criar canas [ver cana1 (1)]: O milharal já encanou. [Presente. indicativo: encano, etc. Confrontar incano.] (*NDALP*, 1986: 642)

encanar 1 [De en-2 + cano1 + -ar2.] Verbo transitivo direto 1. Conduzir por cano ou canal; canalizar: 2 2. Abrir raias longitudinais em (uma coluna). [Presente do indicativo: encano, etc. Confrontar incano.]

encanar 2 [De en-2 + cana1 + -ar2.] Verbo transitivo direto 1. Cirurgia Pôr (o osso fraturado) em talas, ou canas, em direção para se soldar. 2. Brasil Gíria Meter em cana1 (4); prender. Verbo intransitivo 3. Criar canas [ver cana1 (1)] : 2 Presente. indicativo: encano, etc. Confrontar incano.] (*AEXXI*, 1999: 745)

encanar 1 verbo. (antes de 1649 cf.. João Pinto Ribeiro, *Relação*) **1 transitivo direto.** conduzir através de cano ou canal; canalizar **2 transitivo direto.** fazer raias ou sulcos longitudinais em (uma coluna) ; ETIMOLOGIA ¹en- + ¹cano + -ar; ver *can(i)-*; f.hist. a1649 *encanado*, a1697 *encanar* ; ANTÔNIMO desencanar ; PARÔNIMO encano(1ª pessoa do singular)/ *incano*(adjetivo.)

encanar 2 verbo. (*século XX*) **1 transitivo direto.** proteger (o osso fraturado) por meio de talas ou canas, mantendo-o em posição adequada ao processo curativo <*teve de encanar o braço*> **2 transitivo direto.** pôr em cana, pôr na cadeia; encarcerar, prender <*a polícia encanou o punquista*> **3 intransitivo.** adquirir formato ou aspecto de cana <*o trigo já encanou*> ; ETIMOLOGIA ¹en- + ¹cana + -ar; ver *can(i)-* ; ANTÔNIMO desencanar ; PARÔNIMO ver ¹*encanar* (*HOUAISS*, 2001: 1132)

5) O verbo *ficar*, que aparece no *Dicionário Aurélio XXI* e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* com a acepção de ter uma relação amorosa sem compromisso cuja duração pode ser apenas de algumas horas ou uma noite, dará origem aos neologismos lexicais *ficação*, *ficada*, *fican-*

te, *ex-ficante*, como veremos no capítulo 6.

Hoje em dia só há namoro firme depois que os adolescentes **ficam** várias vezes para testar se vale a pena. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p.23)

Ficar por **ficar** não rola. Tem que haver alguma coisa no cara que me faça querer a ficada. Se não tiver uma química, não fico de jeito nenhum. (*Capricho*, 11 de Julho/2003, p.78)

Encontram-se as seguintes definições do verbo *ficar*:

ficar [Do latim vulgar *figicare, freq. de figere, 'fixar'.] Verbo transitivo circunstancial. 1. Estacionar (em algum lugar); não sair dele; permanecer: *ficar em casa*. 2. Estar situado: “*Para o romano, o mundo dos prodígios ficava a Ocidente.*” (Aquilino Ribeiro, *Os avós dos nossos avós*, p. 39) & *Brasília fica no Planalto Central*. 3. Não dever ser conhecido senão por (uma ou mais pessoas): *Isto fica entre nós*. 4. Albergar-se, pernoitar: *Anoiteceu e ficamos num rancho próximo*. 5. Restar, sobrar: *Não lhe ficou um só livro*. Ser adquirido pelo preço de; custar: *Cada um dos livros ficou em 25 reais*. 6. Ajustar, combinar, assentar: “*Aceitei o oferecimento e a moça ficou de vir à noite.*” (Coelho Neto, *Turbilhão*, p.295) Permanecer por algum tempo: *Casou-se e assim ficou por 15 anos*. Verbo transitivo indireto 7. Ser adiado, transferido, procrastinado: *Esse assunto fica para amanhã*. 8. Não dizer mais; não ir além de: *Disse três palavras e nisto ficou*. 9. Obrigar-se (a alguma coisa); prometer: *Ficou de trazer resposta hoje*. 10. Convir, concordar: *Afinal ficamos de voltar imediatamente*. 11. Provir, proceder, resultar: *Da abundância de pau-brasil na Terra de Santa Cruz lhe ficou o nome de Brasil*. 12. Caber por quinhão; tocar por sorte: *Recebeu a parte da herança que lhe ficou*. 13. Adquirir, comprar: *Reclamou do preço, mas acabou ficando com a mercadoria*. 14. Ser cometido; contrair: *ficar com sarampo, com caxumba*. 15. Ajustar-se, quadrar: *Esta roupa lhe fica bem*. 16. Estar sob a responsabilidade (de alguém): *Isto fica por sua conta*. Verbo transitivo direto e indireto 17. Afiançar, assegurar, prometer: *Fiquei-lhe que lhe faria o prometido*. Verbo predicativo. 18. Permanecer em determinada disposição de espírito ou situação: *Durante dias ficou triste*. & *Sai e ele ficou acamado*. 19. Continuar, permanecer: *Isto não ficará assim*. & “*Fica agora assim ... que a luz do entardecer está batendo nos seus cabelos e eu quero guardar ... esta imagem de você tão linda.*” (Caio Fernando Abreu, *Estranhos Estrangeiros*, p.14) 20. Converter-se em; tornar-se: *As tábuas, depois de batidas, ficam mesa*. 21. Vir a estar em determinado estado ou situação; tornar-se, fazer-se: “*Os campos ficaram tristes.*” (Antônio Feliciano de Castilho, *Amor e Melancolia*, p. 25) & “*E assentado entre as formas incompletas / Para sempre fiquei pálido e triste.*” (Antero de Quental, *Sonetos*, p. 159) 22. Ser nomeado ou escolhido para cargo: *ficou para chefe*. Verbo intransitivo. 23. Conservar-se através dos tempos; durar, perdurar, subsistir: *Vão-se os homens, porém suas obras ficam*. & “*A história das minas jaz na escuridão. Como fazer de uma vez um trabalho que fique?*” (Capistrano de Abreu, *Ensaio e Estudos*, 1ª série, p. 199) 24. Parar de repente, estacar: *Ao ver-me, ficou*. 25. Restar, sobrar: *Trouxe o que pôde, porém muita coisa ficou*. 26. Não dar mais passo; parar: *Seguiram todos e ele ficou-se*. Verbo pronominal 27. Permanecer, conservar-se, demorar-se, deter-se, quedar-se: *Vai à serra e fica lá um mês*. & “*E os olhos de azeviche, ardentes e tran-*

qüilos, / Ficam-se horas a olhar as sombras do montado” (Conde de Monsaraz, *Musa Alentejana*, p. 204) 28. Reter em seu poder: *Na herança, ficou-se com a parte melhor*. 29. Entregar-se à guarda e proteção de alguém. 30. Cessar de comprar cartas em alguns jogos. 31. Fazer-se, tornar-se: “*Mais te procuro, mais te ficas alto...*” (Hermes-Fontes, *Gênese*, p. 63) 32. Seguido da preposição por mais verbo no infinitivo, expressa que não se praticou a ação indicada por esse verbo: *O trabalho ficou por fazer*. 33. É usado também como auxiliar: *Ficou sabendo de tudo*. [Conjugação: ver trancar.] **Ficar ao pintar**. 1. Quadrar, convir, assentar excelentemente. **Ficar atrás de**. 1. Ser inferior a; ter menos mérito que: *Apesar de bom poeta, Junqueira Freire fica atrás de Castro Alves*. 2. Ter uma qualidade qualquer em grau inferior: *Se Paulo é rico, Pedro não lhe fica atrás*. & “*Era um velho conversador. Pajeú não ficava atrás: gostava de bater um papo.*” (Adalberon Cavalcanti Lins, *Curral Novo*, p. 112) [Mais usado negativamente.] **Ficar bem**. 1. Quadrar, convir. **Ficar bonitinho**. Bras. Gír. 1. Expressão com que se ameaça alguém, aconselhando-o a não se intrometer, não agir. **Ficar de fora**. 1. Ser excluído; não ser contemplado. **Ficar de mal com**. Bras. 1. romper relações com; incompatibilizar-se, brigar com; pôr-se de mal com. **Ficar falando sozinho**. 1. Ser desprezado, abandonado, sem a convivência de pessoa querida. 2. Não ser objeto de atenção, de apreço; não ser levado em conta; não ser ouvido. **Ficar limpo**. 1. Perder ou gastar todo o dinheiro. **Ficar mal a**. 1. Não ser próprio ou digno de; ser desabonador para: *Fica-lhe mal agir dessa maneira*. **Ficar mal com**. 1. Não se harmonizar ou não combinar com: *Esta blusa fica mal com a saia*. **Ficar por isso mesmo**. 1. Não haver punição de falta ou crime cometido: *Pratica as maiores violências e fica por isso mesmo*. **Ficar sobrando**. 1. Ser relegado, ser esquecido; sobrar: *Os demais irmãos foram convidados, só ele ficou sobrando*. 2. Não ser procurado ou atendido; não ser alvo de atenção; sobrar: *Várias pessoas conseguiram audiência, e eu fiquei sobrando*. **Ficar sujo**. 1. Desmerecer no conceito alheio. (NDALP, 1986: 774)

ficar [Do latim vulgar *figicare, freq. de figere, 'fixar'.] Verbo transitivo circunstancial. 1. Estacionar (em algum lugar); não sair dele; permanecer: *ficar em casa*. 2. Estar situado: “*Para o romano, o mundo dos prodígios ficava a Ocidente.*” (Aquilino Ribeiro, *Os avós dos nossos avós*, p. 39) & *Brasília fica no Planalto Central*. 3. Albergar-se, pernoitar: *Anoiteceu e ficamos num rancho próximo*. 4. Ser adiado, transferido, procrastinado: *Esse assunto fica para amanhã*. 5. Ser adquirido pelo preço de; custar: *Cada um dos livros ficou em 25 reais*. 6. Permanecer por algum tempo: *Casou-se e assim ficou por 15 anos*. Verbo transitivo indireto 7. Restar, sobrar: *Não lhe ficou um só livro*. 8. Não dever ser conhecido senão por (uma ou mais pessoas): *Isto fica entre nós*. 9. Não dizer mais; não ir além de: *Disse três palavras e ficou nisto*. 10. Provir, proceder, resultar: *Da abundância de pau-brasil na Terra de Santa Cruz lhe ficou o nome de Brasil*. 11. Caber por quinhão; tocar por sorte: *Recebeu a parte da herança que lhe ficou*. 12. Adquirir, comprar: *Reclamou do preço, mas acabou ficando com a mercadoria*. 13. Estar sob a responsabilidade (de alguém): *Isto fica por sua conta*. 14. Ser cometido; contrair: *ficar com sarampo, com caxumba*. 15. Estar, permanecer em companhia: *Não quis vir, preferiu ficar com a mãe*. 16. Bras. Pop. Namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo (às vezes, por uma noite): *Na festa de formatura, F. ficou com sua melhor amiga*. Verbo transitivo direto e indireto 17. Afiançar, assegurar, prometer: *Fiquei-lhe que lhe faria o prometido*. Verbo predicativo. (...). (AEXXI, 1999: 899)

6) O adjetivo *malhado* caracteriza quem se preocupa com o corpo e pratica exercícios físicos:

Sou, na verdade, um cara **malhado** que curte uma aventura e se preocupa com o corpo. (*Capricho*, Julho/2001, p.20)

A garota deve ser **malhada** de um modo normal, sem parecer um homem. Músculo demais fica parecendo jogador de futebol. (*Atrevida*, Julho/2002, p.45)

Ficar bem **malhada** é o meu objetivo. Quero ter meu corpo todo definido. Acho muito maneiro e lindo. (*Todateen*, Abril/2003, p. 67)

Malhado aparece com os seguintes significados:

malhado1 [Particípio de malhar1] Adjetivo. Que se malhou; batido ou calçado com malho.

malhado2 [De malha2 + -ado] Adjetivo. 1. Que tem malhas ou manchas: touro malhado; Substantivo masculino. 2. Brasileirismo. Certo arbusto pitosporáceo. (*NDALP*, 1986: 1071)

malhado1 [Part. de malhar1.] Adjetivo. 1. Que se malhou; batido ou calcado com malho. 2. Brasileirismo. Gíria. Diz-se de droga (4) adulterada com misturas. 3. Brasileirismo. Gíria. Moldado (o corpo ou parte dele) em consequência de ginástica e exercícios intensos; sarado.

malhado2 [De malha2 + -ado1.] Adjetivo. 1. Que tem malhas ou manchas: touro malhado Substantivo masculino. 2. Brasileirismo. Botânica. Certo arbusto pitosporáceo. (*AEXXI*, 1999: 1262)

7) O substantivo feminino *pegação*, apresenta duas acepções utilizadas pelos adolescentes. Uma é o ato de ficar atormentando alguém com perguntas, questionamentos, exigências que aborrecem uma pessoa:

É bom ter uma garota par sair e se divertir numa boa, sem compromisso sério ou **pegação** no pé. (*Capricho*, Julho/2001,p.10)

Pai e mãe adoram ficar com aquela **pegação** no pé com perguntas, que mais parecem um interrogatório da polícia. Assim não dá. (*Todateen*, Maio/2003, p.45)

A outra é o ato de ficar abraçando e beijando alguém de maneira exagera-

da:

Sempre nas baladas rola a maior **pegação**. Minha mãe já está acostumada; já desencanou. (*Todateen*, Julho/2002, p.24)

Quando a garota fica na **pegação** a festa inteira, só dá para ficar; não rola algo mais sério. (*Atrevida*, Agosto/2002, p.54)

Esse vocábulo não aparece no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de 1986, nem no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, de 1999, mas está registrado no *Dicionário Aurélio Século XXI*, de 1999, e no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de 2001 .

pegação [De pegar + -ção.] Substantivo feminino. Brasileirismo Gíria. 1. Bolinagem, esfregação: “*Patrice Bowman, 30, conheceu William Kennedy Smith, em Au Bar, um bar de pegação em Palm Beach, Flórida.*” (Paulo Francis, em *O Estado de São Paulo*, 8.12.1991) (*AEXXI*, 1999: 1527)

pegação substantivo feminino. Brasileirismo informal mesmo que bolinação ; ETIMOLOGIA pegar + -ção; ver peg- ; SINÔNIMO/VARIANTE ver sinonímia de esfregação. (*HOUAISS*, 2001: 2166)

É interessante chamar a atenção para o fato de que, como poderemos comprovar mais adiante, no levantamento dos neologismos, embora o vocábulo *pegação* já esteja registrado nos dicionários, os substantivos *pega* e *pegada*, o adjetivo *pegador* e o verbo *pegar*, pertencentes ao mesmo campo semântico de *pegação*, surgem como neologismos semânticos.

Com essa breve amostragem em um *corpus* específico (publicações voltadas para adolescentes), é possível notar a movimentação existente no léxico, como ele se renova e se enriquece a todo o momento.

5.2 A ORGANIZAÇÃO DA NOMINATA

Quando se elaboram verbetes de um dicionário ou de um glossário, é preciso adotar um critério que organize esse processo de um modo coerente. Para os objetivos deste trabalho, os critérios que nortearam a composição do glossário foram os seguintes:

Em primeiro lugar, há que se considerar a identificação da unidade léxica que constituirá entrada no levantamento proposto. Isto porque a definição de palavra engloba vários problemas teóricos com reflexos na sua identificação e tratamento ortográfico e lexicográfico.

Sabe-se que o lexema é uma entidade abstrata que, no nível do discurso, pode manifestar-se em formas fixas ou assumir formas variáveis.

Tomamos como base a nomenclatura de André Martinet, que considera como unidade mínima que estabelece a relação entre significado e significante o *monema*. Este compreende o *lexema*, que constitui o conceito do mundo exterior, e o *morfema*, que carrega o conceito gramatical.

A combinação do lexema com o morfema dará origem ao *vocábulo*, conjunto de conteúdo significativo. No presente trabalho, empregamos os termos *vocábulo* e *palavra* indiscriminadamente.

Cada verbete, no nível lexical, está identificado por sua classe gramatical, do tipo de neologismo (lexical, locucional ou semântico), da sua definição, da abonação e, se necessário, será feita uma observação ao final do verbete, com comentários a respeito da sua formação, da etimologia (no caso dos neologismos semânticos e locucionais), alguns comentários históricos, sociais, e lingüísticos.

A classificação gramatical segue indicada por abreviaturas. O critério adotado para a determinação da classe gramatical foi baseado no valor

estabelecido pelo contexto, o que será possível comprovar-se nas abonações. Desse modo, de acordo com o contexto, uma palavra poderá ser classificada como adjetivo, substantivo ou advérbio.

Quanto ao gênero, foi levado em conta o critério adotado por Mattoso Câmara Jr., em *Estrutura da Língua Portuguesa*, em que os nomes são divididos em *de um gênero* (masculino ou feminino) e *de dois gêneros*, com ou sem flexão.

Com relação aos substantivos originados de verbos, tanto por derivação sufixal como por regressão, foi usado o termo *deverbal*. E, no caso de ser mencionado o processo de formação, privilegiou-se o critério sincrônico.

Ao final de cada verbete, segue a abonação com diferentes citações acompanhadas da fonte de onde foram retiradas. Elas colaboram para o entendimento da definição e para a identificação da classe gramatical.

Um campo complementar indicará as formas variantes porventura encontradas.

5.3 A DEFINIÇÃO DOS VERBETES

No que diz respeito à definição dos termos utilizados pelos adolescentes, é preciso mencionar os critérios levados em conta quando elaboramos o texto de uma definição. Isto porque, como veremos adiante, há, normalmente, um padrão de enunciado definatório cristalizado devido a uma tradição de texto. Segundo Maria José Bocorny Finatto, no artigo “O

Papel da Definição de Termos Técnico-científicos”, publicado na *Revista da Abralín*,

O enunciado que define uma noção, processo ou objeto é um elemento-chave na constituição e na veiculação do conhecimento especializado, tecnológico e científico. Afinal, expressa um segmento de relações de significação de uma determinada área do saber. (Julho/2001: 74)

No entanto, é importante lembrar que não se pode generalizar esse padrão, pois, dependendo da situação, será preciso “quebrá-lo” em favor das diferentes situações de texto de comunicação.

(...)Mas, algumas vezes, com o objetivo de buscar padrões lógicos estritos e uma homogeneidade estanque para a apresentação da definição, esquecemos que as diferenças e as homogeneidades são inerentes à Linguagem. Isso, conseqüentemente, condicionaria ou espelharia padrões lógicos, subjacentes ou expressos, peculiares para as diferentes áreas do conhecimento. (IDEM)

O enunciado que explica ou define o verbete de um dicionário precisa ter clareza e objetividade. Entretanto, como explica Finatto,

um excesso de normatividade lógica, tanto tomado como medida de análise, quanto cobrado da sua apresentação, pode gerar alguns problemas quando se lida com definições concretas, reais. Portanto, colocar ou requerer um padrão de formulação uniforme, absoluto ou invariável, que possa valer para qualquer situação, ou privilegiar apenas uma forma lógica seria uma medida pouco inteligente na medida em que nos distancia da realidade da linguagem em geral e também de uma determinada linguagem técnica ou científica em uso. Afinal, a variação é um traço constitutivo da linguagem *in vivo*, seja ela especializada ou não. (IDEM)

Dessa forma, tentaremos seguir um padrão definitório que poderá,

todavia, ser rompido em favor de um esclarecimento mais preciso, de acordo com a necessidade.

6. GLOSSÁRIO DOS NEOLOGISMOS NAS PUBLICAÇÕES VOLTADAS PARA OS ADOLESCENTES

achar-se vi

NS

Vangloriar-se; gabar-se.

Não é por nada não, mas hoje os garotos estão **se achando**. Querem ficar com várias garotas na balada e acham que todas estão disponíveis para isso. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p.25)

A Marcela, por exemplo, fica **se achando** só porque tem o cabelo lisinho e não precisa de chapinha. (*Atrevida*, Abril/2002, p.45)

Ele dá em cima de meninas na sua frente. E, por causa dessa atitude, **se acha**. Cruzes! (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 79)

Meus amigos dizem que eu sempre brilho mais entre eles. Falam que eu **me acho** um pouquinho. Não é que eu **me acho**, entende? Eu curto o jeito que eu sou. Eu digo: “Pode falar a verdade. Eu sou linda!” E eles tiram sarro. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 8)

Sabe aquela pinta de “Eu **me acho**” dos meninos? É pura casca. Eles têm muitas dúvidas sobre o próprio corpo. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 72)

Obs.: O verbo apresenta nova acepção e predicação. O pronome *se* é parte integrante do verbo.

afinção a

NL

Muito interessado em algo ou alguém.

A gatinha Jéssica Thaís Delambert Hireschberger foi a grande vencedora do Concurso Cultural “Cantadas Oi Pegação”. Sua frase foi “Estava eu oizorando e fiquei **afinzona** de te dar uma flechada para saber tudo sobre eu e você, e te levar para o mundo Oi ...” (*Atrevida*, Junho/2004, p.7)

Obs.: Formado a partir da locução *a fim de*, com o aproveitamento da palavra fonológica como base para a derivação.

agitar vtd / vtdi

NS

Arrumar namorado para si ou para outrem.

Caio namora há cinco meses uma colega de escola que ele já xavecou para um amigo. “Eu era a fim dela, mas achava que não tinha chance. Por isso quando o menino mais bonito da escola me pediu par **agitá-la**, quis ficar bem na fita com o cara e tentei mas ela disse que o achava muito convencido. Logo depois a amiga dela me contou que na verdade ela era a fim de mim.” (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 95)

Ouvimos a conversa de Mateus, 17 anos, e Felipe, 18, na volta da balada, em São Paulo. Sandra, uma conhecida de Felipe, pediu para ele **agitar** o Mateus pra ela. Só que o Mateus não estava nem um pouco a fim. (*Capricho*, 11 de julho de 2004, p. 67)

Numa rave fui **agitar** uma supergata para meu amigo, e logo que comecei a falar dele ela disse que estava a fim de outra pessoa. Perguntei: ‘Eu conheço?’. E ela mandou: ‘Claro, é você’. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 95)

“Quem **agita** as meninas para os amigos geralmen-

te é o cara mais alegre e autoconfiante do grupo. E isso encanta qualquer uma”, diz João Bernardes, 16, outro que sempre faz o papel do cupido. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 95)

Quando você quer **agitar** uma amiga sua para algum amigo dele, qual a reação do gatinho? (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 72)

Obs.: A nova acepção parte do significado de *mexer-se para fazer alguma coisa* – neste caso, arrumar namorado(a) para alguém. Na predicação original, *achar-se* aparece, no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, como pronominal com o sentido de estar em um local ou em determinada condição, situação ou estado; encontrar-se Ex.: <acha-se fora da cidade> <acha-se numa situação difícil> ou como transitivo direto predicativo e pronominal, com o sentido de ter determinado pensamento ou avaliação acerca de; julgar(-se) considerar(-se), reputar(-se) Obs.: ver uso a seguir Ex.: <acham-no louco> <acha-se dono da verdade>”

alemão sm

NS

Aquele que denuncia um amigo; rival.

É chato ter no seu grupinho um **alemão** que a qualquer hora pode te trair. É melhor deixar que ele perceba que não é bem-vindo no grupo. (*Todateen*, Dezembro/2002, p. 19)

Como não queria dar uma de **alemão**, não me intrometi no assunto e saí de fininho. Em assunto de marido e mulher, mesmo que eles sejam seus pais, não se deve meter a colher. (*Capricho*, Novembro/2002, p. 25)

Obs.: Neologismo diastrático. O substantivo, inicialmente utilizado por marginais para se referir ao inimigo, foi incorporado ao vocabulário do adolescente.

amigo-cupido sm

NL

Aquele que arruma namorada para um amigo.

Um tipo desses já deve ter chegado em você na balada ou na escola. Eles fazem o serviço duro: jogar o xaveco para convencer a garota de que vale a pena ficar com o amigo. A parte boa – beijar – fica com o outro. Mas, ao contrário do que parece, de bobo o **amigo-cupido** não tem nada. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 95)

O **amigo-cupido** costuma ser o cara mais popular da galera: além de ter uma superfacilidade de interagir com as garotas, e transitar à vontade entre elas, são admirados pelos amigos. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 95)

Obs.: Composição por justaposição dos substantivos *amigo* (indivíduo com quem se tem amizade, companheirismo; camarada) e *cupido* (deus do amor (para os gregos, Eros), representado ger. com asas, às vezes de olhos vendados, e provido de arco e flechas, para acertar os corações).

balada sf

NS

Festa, evento social.

Na hora da **balada**, o lance é usar uma roupa bem transada e confortável. (*Todateen*, Julho/2001, p. 55)

“Quando a gente liga, as meninas ficam metidas”, justifica Rafael Nunes, 19. Ele explica que só pede o telefone quando está muito a fim. Em geral rola uma garota por **balada**. (*Capricho*, Abril/2004, p. 25)

Você vê um gatinho na **balada**. O que é imprescindível saber antes de ficar com ele? (*Capricho*, Abril/2004, p. 27)

Obs.: O termo, preferido pelos adolescentes de São Paulo, tem como equivalente, no Rio de Janeiro, o estrangeirismo *night* (q.v.). Com relação à *balada*, há uma relação entre o seu significado na linguagem dos adolescentes e o tradicional. Isso porque balada, no *DH*, aparece como “substantivo feminino **1** Rubrica: música.composição musical de caráter épico **2** Rubrica: música.composição instrumental sem forma definida **3** Rubrica: literatura, música. composição poética popular antiga, acompanhada ou não de música **4** Rubrica: literatura. poema em estrofes que ger. narra uma lenda popular ou uma tradição histórica, podendo ser acompanhada por instrumentos musicais **5** Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: dança.dança executada com esse fundo musical **6** Rubrica: versificação.poema ger. constituído de três estrofes com rimas recorrentes, um *envio* (tb. dito *oferta*, *ofertório*) e um refrão que finaliza cada parte **7** Rubrica: música. canção sentimental, em ritmo lento, interpretada por cantores de música *pop*, acompanhada por conjuntos de instrumentos modernos, como guitarra, teclado etc.Ex.: uma b. dos Beatles”. Desse modo, em uma festa e em um evento geralmente há música. Daí a associação.

baladeiro a

NL

Que frequenta baladas.

Mariana é muito **baladeira**; não perde uma balada por nada desse mundo. (*Capricho*, Novembro/2002, p.13)

Ser **baladeiro** é quase uma filosofia de vida. O importante é selecionar as baladas. Ser arroz de festa é queimação de filme. Só se deve aparecer nas baladas mais quentes e especiais. (*Atrevida*, Março/2003, p.80)

Bolsinhas com gancho para pendurar no passador da calça ou da saia são perfeitas para a **baladeira** – dá para dançar despreocupada. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 58)

Os **baladeiros** adoram as noites de terça-feira, quando só vão às baladas pessoas selecionadas, se é que vocês me entendem. Final de semana é muita muvuca, muito farofeiro. (*Capricho*, Agosto/2002, p. 65)

Obs.: Derivação sufixal (-eiro) de *balada*.

básico a

NS

Simples, sem muito luxo.

Gosto de me vestir bem **básica**, sem frescuras. Não uso muita maquiagem. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 67)

Sabendo escolher a cor do gloss, você fica **básica** e fashion e pode fazer uma boca simples e, ao mesmo tempo, sofisticada – repare como o brilho laranja-metálico deu um ar de festa à produção. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 28)

Obs.: *Básico*, que em seu sentido denotativo significa mais importante; fundamental, primordial, essencial, passou a ser usado como sinônimo de simples, sem luxo.

beata sf

NS

Vagabunda.

Detesto essas **beatas**. Elas não prestam e se orgulham disso. Alguns carinhas gostam desse tipo. Eu não procuro me envolver com meninas direitas. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 81)

Não freqüento baladas com **beatas**. Elas queimam o filme de qualquer um. Posso ser confundida com uma delas. (*Todateen*, Janeiro/2003, p. 67)

Obs.: Por antonímia, *beata* assume o significado de “vagabunda”.

beijação sm

NL

Ato ou efeito de beijar em demasia.

Nessa balada rolou a maior **beijação**. Foi irada.
 Não dava para perder. (*Capricho*, 26 de dezembro
 de 2004, p. 78)

Obs.: Verbete registrado no VOLP. O sufixo -ção é utilizado para dar a idéia de repetição. Segundo o *DH*, -ção é um “ elemento de composição pospositivo, composto da vogal -a- temática da 1ª conj. + -ção, por sua vez oriundo do -t- do rad. do supn. dos v. da 1ª conj. (*amatum, cantatum, datum, placatum*), seguido do suf. lat. -iō, iōnis, formador de subst. verbais de ação provindos do rad. do supn., extremamente fecundo em lat.cl. e continuando-o no lat.vulg. sob a f. -iōne(m), que dá o port.arc. -om, mod. -ão, no caso vertente -çom > -ção; em princípio, qualquer v. port. da 1ª conj. tem um subst. nessas condições, mesmo que para uso *ad hoc* por parte do decisor, mas quase sistematicamente aceito pelo ouvinte ou legente; seria, assim, ocioso dar exemplificação com os mais de dez mil v. da 1ª conj.; impõe-se, porém, levar em conta que o subst. corrente pode ser outro, com outro suf. de igual fim (*casamento* em face de *casação*, *passamento* em face de *passação*, *beliscadela* em face de *beliscação*, além de coexistências semanticamente distintas, como *chupação:chupadela:chupamento* etc.); ver **-ão (1)**.

beleza interj

NS

Forma de saudação equivalente a *como vai?*, *como vão as coisas?*

Quando chego na balada e não conheço muito bem o pessoal, digo “E, aí, **beleza?** (*Todateen*, Janeiro/2003, p. 34)

blogar vtd

NL

Participar de um “blogue”.

Blog-se. Entre no nosso blog e faça parte da nossa turma. Vai ser demais. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 28)

Obs.: Derivação sufixal do anglicismo *blog* (abreviação de “we-blog” – web + log -, termo da informática que significa “diário virtual”), com a peculiaridade ortográfica de ainda não ter grafado o dígrafo *gu*, representando o fonema /g/. Isso explica a forma “blog-se”, até o momento sem outras flexões registradas: **bloguem-se*, **blogou-se* ... (cf. *plugado* < *plugue*).

blogueiro sm

NL

Participante assíduo de um “blogue”.

Bloguês de gringo. Você pensa que só no Brasil os **blogueiros** se comunicam através de uma língua esquisita e própria? Dê uma conferida no bloguês dos americanos. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 78)

bloguês sm

NL

O linguajar dos participantes de um “blogue”.

Bloguês de gringo. Você pensa que só no Brasil os blogueiros se comunicam através de uma língua esquisita e própria? Dê uma conferida no **bloguês** dos americanos.

cu = See you (até mais)

gal = Get a life (sai dessa vida)

kiss = keep it simple, stupid (não complica, burrão/burrona) (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 78)

bombado a

NL

Que é forte devido ao uso de anabolizantes.

O cara **bombado** pensa que arrasa, mas, na verdade, não está com nada. É todo artificial. (*Todateen*, Janeiro/2003, p. 57)

Dá logo para ver se o cara é chegado a uma malhação saudável ou é **bombado**. (*Atrevida*, Junho/2003)

Obs.: Derivação sufixal – pelo verbo “bombar” (q.v.) – do substantivo “bomba”, informalmente usado para designar “qualquer medicamento forte, ou com efeitos colaterais nocivos. Refere-se também, especificamente, a medicamento anabolizante usado por atletas, desportistas, fisiculturistas.” (HOUAISS)

bombar vi

NL

Fazer sucesso; ser popular.

Essa roupa vai **bombar** geral. É superfashion e confortável. (*Atrevida*, Janeiro/2003, p.56)

O hip-hop está **bombando** nas baladas de todo o país. (*Todateen*, Abril/2003, p. 3)

Fui deixá-la na casa dela e depois voltei para a balada. Consegui camarote e coloquei as amigas dela e umas amigas da Karina lá comigo. Tava **bombando**. Aí essa amiga da Karina ficou me xavecando forte. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 93)

10 coisas que vão **bombar** no futuro: piercing no olho, coleira elétrica para namorado galinha, namorado de aluguel... (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 28)

Obs.: *Bombar* e *bombado* têm usos/significados diferentes.

botar na fita

NLoc

Colocar alguém em situação favorável.

Sempre que ele pode, me **bota na fita** de umas gatas sensacionais. Por isso é que gosto dele. (*Todateen*, Maio/2003, p. 45)

Eu já **botei** minha prima **na fita** dos meus amigos, mas nunca rolou nada. Ela é muito devagar. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 38)

Obs.: O sintagma toma o significado do substantivo “fita” como sinônimo de “filme”.

brotar vi

NS

Aparecer em algum lugar.

A mauricéia está **brotando** em Angra direto. Todos se concentram nas festas das ilhas, causando um congestionamento de lanchas. (*Atrevida*, Julho/2003, p. 81)

Obs.: *Brotar*, que tem seu sentido denotativo “ter origem; nascer, medrar”, é utilizado para plantas. Na linguagem do adolescente, está associado a pessoas, que aparecem, ou “nascem como plantas”, em determinado lugar.

bunda lisa

NLoc

Bobo, tolo, otário.

Eu sou muito romântico, cavalheiro. Não admito ser chamado de **bunda lisa**. (*Todateen*, Agosto/2002 p.38)

bv s2g

NL

Sigla de “boca virgem”, pessoa que nunca beijou.

Todo mundo é **BV** pra sempre?

“99, 9% das dúvidas sobre beijo são de meninas **BV**. TODAS as minhas amigas já beijaram!”, escreveu uma leitora. A galera quer saber: com quantos anos pega mal dizer que ainda é **BV** e como começar beijando bem?”

Vamos lá. Em primeiro lugar, uma espécie de consolo: todo mundo já foi **BV** na vida. Sei que isso não diminui o pânico do primeiro beijo (ou o pânico da falta dele), mas já dá um conforto saber que todo mundo já passou pelo mesmo drama. Não há uma idade para deixar de ser **BV**, já que é uma coisa que depende de oportunidade, sorte e – principalmente – de uma outra pessoa disponível. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 31)

A **BV**

“Quando dei meu primeiro beijo, as minhas amigas ficaram superfelizes e começaram a gritar feito loucas ‘a Vicky não é mais **bv**!’ (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 81)

Obs.: A grafia “bevê” não foi registrada.

bvl s2g

NL

Sigla de “boca virgem de língua”, pessoa que nunca deu um beijo “de língua”.

Não sou mais **bv**, mas a galera fica me cobrando porque sou **bvl**. Só por isso. (*Capricho*, Abril/2004, p. 81)

Obs.: A grafia “bê-vê-ele” não foi registrada.

caça sf

NS

Ato de conquistar.

Agora apresentamos o Dossiê 2004 da ficção, mas de um jeito diferente: 1438 garotas de todo o país responderam no nosso site a uma enquete sobre como agem, interagem e caem fora na hora da “**caça**”. (*Capricho*, 13 de junho/2004, p. 80)

Obs.: O ato de conquistar se associa a uma relação do homem com sua “presa”.

caô sm

NL

Mentira.

Quando cheguei tardão em casa, joguei o maior **caô**. Disse que tinha ficado no hospital com um amigo que tinha passado mal. (*Atrevida*, Julho/2003, p. 48)

Obs.: Possível adaptação da sigla KO (<knock-out), com metáfora. O uso decorre de uma expansão do campo semântico do anglicismo, já aportuguesado como “nocaute”.

capa sm

NS

Camisinha, preservativo.

Entrei com a mulé pra dentro do vestiário de 20 cabines, joguei a mulé pra uma cabine e aí pá! Foi direto, sem **capa**! É, aquele dia foi legal! Mas tava muito bêbado, tava amarradão na situação. É lá de Laranjeiras ela. (*Capricho*, 20 de fevereiro de 2005, p. 81)

caraca interj

NL

Indica surpresa, espanto, irritação.

Quando eu vi aquele gato, **caraca**, fiquei vidrada. Ele era tudo de bom. (*Capricho*, Junho/2002, p. 43)
Caraca! Dava para xavecar o gato na maior. (*Todateen*, Janeiro/2002, p. 40)

Ela apareceu no meio da pista, me puxou com força e falou: “Me dá um beijo agora”. Aí eu pensei “**caraca**” e falei: “Vamos no bar, eu vou pegar uma bebida”. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 93)

- pra caraca loc adv

Muito; em demasia.

Esse filme é bom **pra caraca**. Todos devem assistir porque vão gostar. (*Atrevida*, Agosto/2003, p. 30)
 É que os desconfortos não são nada perto de você ver a moçada se divertindo **pra caraca**. Todas as roubadas parecem se justificar. (*Capricho*, 26 de Dezembro/2004)

Obs.: O termo, cuja formação se origina de um eufemismo de substantivo chulo, tem homônimos dicionarizados (v. AEXXI).

careta sm

NS

Cigarro.

Sou a única que fuma na minha turma. Sempre que acendo um **careta**, me pedem para sair de perto. (*Todateen*, Agosto/2003 p.40)

Obs.: Há uma relação entre *careta*, o cigarro, e uma rejeição ao fumo.

catar vtd

NS

Namorar alguém por um curto espaço de tempo.

O verbo “**catar**” para eles não é desrespeitoso. Quando eles dizem para os amigos “**catei** aquela mina” não quer dizer que ele só quis “ficar” com ela. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 91)

causador a

NS

Que causa confusão, que não sabe se comportar em um evento social.

Que tipo você faz na balada? É comportada ou **causadora**? Faça o teste e descubra. (*Capricho*, Novembro/2003, p. 36)

cerva sf

NL

Abreviação de “cerveja”.

Festa sem **cerva** é inimaginável. Se não tiver nem me convidem porque não vou. Outras bebidas não me atraem. (*Atrevida*, Junho/2002, p. 70)

Não somos de beber demais. O máximo que rola nas baladas é uma **cerva** e só. Não curtimos cair de porre e dar vexame. (*Capricho*, Novembro/2003, p. 36)

chapa quente

NLoc

Que é capaz ou confiável.

Esse cara é **chapa quente**. Torço por ele porque sei que se esforça e merece o nosso apoio e reconhecimento. É uma grande figura do rock atual. (*Toda-teen*, Agosto/2001, p.36)

Obs.: O substantivo “chapa” (s 2g) está dicionarizado com a acepção de “(Bras. Pop.) companheiro, camarada, amigo” (AEXXI)

chapar o coco

NLoc

Ingerir bebida alcoólica em excesso.

Jovem...

Se você acha que sua mãe não tá entendendo nada do que você fala, mostre para ela esse texto enviado pela Débora Thomaz Martina, 18 anos. Para ela já será meio caminho andado, saca?

... não briga, dá porrada

... não bebe, **chapa o coco**

... não cai, capota

... não entende, se liga

... não entra, invade

... não pede, impõe

... não fala, troca idéia

... não vai embora, vaza

... não reclama, protesta

... não dorme, apaga

... nunca tá apaixonado, tá a fim

... não namora, dá uns pega

... não mente, passa migué

... não se dá mal, se ferra

... não acha interessante, acha irado

... não é gente, é jovem

E para finalizar: “Sangue na veia do jovem não corre, tira racha”. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 95)

chegada sm

NS

Ato ou efeito de aproximar-se de alguém com objetivo de conquista.

Sua **chegada** na gata tem que ser bem planejada para evitar micos e furadas. (*Capricho*, Maio/2003, p.80)

chegar vti

NS

Aproximar-se de alguém com objetivo de conquista.

Se eu **chegar na** menina e ela me der um fora, eu chego na próxima que aparecer na minha frente e tento beijá-la na frente da outra. (*Atrevida*, Junho/2002, p. 49)

Se liga, tem menino muito mais interessante por aí e você nem está **chegando neles**... Você deve ter uma paciência incrível com os caras. Acha que se for muito romântica ele pode enjoar. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 73)

Outro dia foi no forró. Puxei a mina para falar do meu amigo ela disse que o achou bonito, mas me preferiu porque **cheguei nela**, lembra João. Os meninos que fazem isso não têm capacidade para **chegar em** uma menina. Eu me sinto muito mal depois de ser beijada à força, chego a sentir nojo, ódio e completo desprezo pelo menino. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p.99)

Obs.: Nessa acepção, a preposição **em** gramaticaliza-se com o valor híbrido de “destino ou finalidade de uma ação” (um dos valores da preposição *em*) e “movimento para dentro” (valor do prefixo *em-*), ambos provenientes da preposição latina *in*.

churras sm

NL

Abreviação de “churrasco”.

Nessas férias **churras** é básico. Sempre rola com a galera que não viaja. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 6)

cofrinho sm

NS

Sulco existente entre as nádegas.

Acompanhei uma excursão para um programa na Rede Bandeirantes. Chegando lá, tivemos que ficar nas arquibancadas, esperando o programa começar. Na minha frente, uns degraus para baixo, sentou uma mulher que estava com o “**cofrinho**” aparecendo. Quando um garoto comentou que não parecia um cofrinho mas sim um “vulcão”, de tão grande que era, olhei para minha colega. Ela estava engasgando com o suco, pois não tinha como parar de rir. (*Atrevida*, Dezembro/2004, p. 22)

Obs.: A carga metafórica só se manifesta na derivação com o sufixo diminutivo.

coleira sm

NS

Garoto que namora sério.

Dá para ver que ele entrou para o time dos **coleiras**. Não desgruda daquela garota. Tá perdido, coitado. (*Atrevida*, Dezembro/2004, p. 22)

Só saímos com cara sem namorada. Sair com **coleira** só se você não quiser ficar com ninguém. (*Capricho*, 2 de maio de 2003, p. 50)

Obs.: O substantivo está associado ao seu valor denotativo de algo que prende. Assim, um “coleira” é alguém que, mais que comprometido com outro, está aprisionado a uma outra pessoa.

cueca sm

NS

Garoto, menino; adolescente do sexo masculino.

Normalmente os **cuecas** adoram os programas onde aparecem mulheres de biquíni, rebolando o tempo todo. (*Capricho*, Março/2003, p. 25)

Todos os **cuecas** vão adorar a nova coleção de minissaias para esse verão. (*Atrevida*, Abril/2004, p. 32)

Obs.: O termo pode também ser empregado como segundo elemento de um composto, como em “papo-cueca” (q.v.).

da hora loc adj

NLoc

De boa qualidade, interessante; que está em evidência.

Essa roupa é **da hora**. Não tem como ficar sem comprar uma dessas para as baladas. (*Todateen*, Dezembro/2003, p. 78)

Pô, não suporto festa com pagode. Se não tiver música **da hora**, rock, nem passo na porta. (*Todateen*, Novembro/2003, p. 76)

danada sf

NS

Mulher bonita, charmosa.

As micaretas são demais. Não perco uma. Rola de tudo, eu sei, mas gosto mesmo é das bebidas e das **danadas**, que só querem saber de beijar. (*Todateen*, Novembro/2003, p. 58)

demorou interj

NS

Expressa satisfação, alegria.

Viajar de férias sem os pais? **Demorou!** É muito mais que um sonho! (*Capricho*, Julho/2003, p.31)

Se a balada está cheia de gatas, **demorou**, é essa que é a boa do final de semana. (*Capricho*, Maio/2002, p.43)

Demorou!

Veja os melhores e piores de 2004 e o resultado do nosso (seu) concurso de colírios. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 45)

Obs.: Há uma relação com a idéia de expectativa.

de pista loc adj

NLoc

De lado, sozinho (em uma festa) ou trocado por outra pessoa.

Ir pra night pra ficar **de pista** é brabo. Melhor ficar em casa dormindo e não pagar esse mico na frente de todos. (*Atrevida*, Abril/2003, p. 65)

O cara ficou **de pista**, mas saiu pegando a primeira que passou na frente. Não deu bobeira. (*Capricho*, 2 de maio de 2003, p. 47)

Obs.: Ver também “na pista”.

descontrol a

NL

Abreviação de “descontrolado(a)”.

O ciúme transtorna você? Coisa de gente insegura ou um cuidado natural com quem a gente quer bem? Cheque se você está mais para sossegada ou mais para **descontrol**. Sai de baixo quando você engata uma cena. Melhor nem provocar o monstro, né? O tipo **descontrol**, na verdade, é uma tremenda controladora. Daquelas que querem saber onde, quando e como aquela garota cruzou na frente do seu namorado. Só de imaginar que não sabe onde ele anda, você já fica paranóica. Relaxe que a vida melhora. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p. 89)

desencanado a

NL

Despreocupado.

Não adianta ficar encanada o tempo todo com o corpo. As **desencanadas** são mais felizes. (*Todate-en*, Outubro/2003, p. 34)

dibob adv

NL

Sem compromisso, à toa.

Quando não estou estudando ou surfando, curto mesmo é ficar **dibob**, ouvindo um som maneiro, deitado na minha cama. (*Atrevida*, Setembro/2003, p.80)

Minha mãe não pode me ver **dibob** que arruma lo-

go alguma tarefa para mim. Parece uma coisa. Por isso, quando ela me pergunta o que estou fazendo, digo logo que tenho prova e preciso estudar. (*Todaniteen*, Março/2002, p. 47)

Obs.: Advérbio formado a partir da locução “de boqueira”, com adaptação ortográfica da preposição e abreviação do substantivo.

dropar um barro

NLoc

Ficar com uma garota feia.

Pior que não ficar com ninguém na balada é **dropar um barro**. Ninguém merece ficar com uma garota horrorosa e depois ser zoadado por todos. (*Capricho*, 2 de Maio de 2003, p. 80)

Obs.: O termo *dropar* vem do verbo inglês *drop*, cair, que, no vocabulário dos surfistas, quer dizer descer em uma onda. Em “dropar um barro”, vemos, em primeiro lugar, o aportuguesamento do verbo inglês e a associação da garota feia com o barro. Dessa forma, ser visto com uma garota feia “suja” a imagem de um garoto da mesma forma que alguém que cai em cima de um barro (lama) se suja.

embananar vtd

NS

Ingerir banana.

Embanane-se!

A banana é uma das frutas mais ricas (só perde para o abacate) em potássio, que auxilia no bom desempenho muscular. É por isso que o Guga sempre come uma entre um set e outro no tênis: combate câibras. (*Capricho*, 25 de junho de 2004, p. 71)

Obs.: A derivação parassintética mantém o sentido literal da palavra primitiva, contrariando o uso metafórico dicionarizado. Embora o verbo, a rigor, não diga respeito unicamente à linguagem da juventude e tenha sido incorporado pelo critério da ocorrência, exemplifica a produtividade na recuperação do valor denotativo de algumas palavras.

emo sm

NL

Abreviação de “emocional”.

Relacionamentos são um tema freqüente nas músicas. No primeiro single do disco, *1x0 Eu*, por exemplo, eles dizem: “*Pois quando me tinha não soube cuidar, ganhava sempre no seu jogo de amar. E agora vem correndo pedindo pra voltar, não vai dar, não vai dar*”. Há um forte pé no **emo**, mas com uma boa dose de bom humor. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 26)

encanação sf

NS

Idéia fixa.

“Não suporto tanta **encanação** das meninas com beleza. Elas ficam obcecadas pela perfeição do corpo que se tornam chatas, inseguras, mal-humoradas e invejosas”. (*Capricho*, Maio/2004, p. 84)

Esse lance de ciúme só rola quando há muita **encanação** por parte de um dos dois. (*Atrevida*, Setembro/2003, p.80)

“Toda essa **encanação** com moda é uma jogada do mercado para arrancar dinheiro das pessoas”. (*Todateen*, Março/2003, p.55)

encanado a

NS

Preocupado em excesso.

Ficamos por mais alguns dias e eu comentei que ficava sem graça de beijá-lo na frente dos amigos do meu ex-namorado. Aí acho que ele ficou **encanado** e não quis continuar. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 82)

Será que não é hora de desencanar e aceitar que cinco meses juntos têm que significar alguma coisa? E que você deveria soltar fogos de artifício em vez de bancar a Miss **Encanada** 2004? (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 73)

Elas são **encanadas** em mostrar a barriga o tempo todo, mas, se puderem valorizar o acessório, por que não? (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 58)

Obs.: Por derivação prefixal, forma-se também “superencanada”.

“Logo no começo que rolou comigo, eu fiquei **superencanada**. Ficava me perguntando se era lésbica. Depois eu mesma, conversando com minhas amigas e vendo que o meu negócio é mesmo menino, concluí que toda essa encanação era bobagem”, relata Giovana. (*Capricho*, 6 de março de 2004, p. 23)

encanador sm

NS

Aquele que se preocupa em demasia, que não consegue se livrar

de uma idéia fixa.

Ele é um **encanador** de primeira. Não desencana das brincadeiras que faço. Fica sempre grilado com tudo. Ninguém merece! (*Atrevida*, Junho/2004, p. 40)

encanar vti

NS

Preocupar-se; ter uma idéia fixa.

Não adianta **encanar** com dieta. O lance é deixar tudo acontecer naturalmente para ver se a autoestima fica bem e a pessoa se sinta legal fazendo dieta. (*Capricho*, Dezembro/2003, p.36)

Encanar com namoro sério só atrapalha a ficada. Se tiver que rolar um namoro, vai rolar, sem encanação. (*Todateen*, Junho/2002, p.40)

Obs.: Seu antônimo “desencanar” (vti), já registrado no AEXXI (q.v.), usa a preposição “de”:

Ele é um encanador de primeira. Não **desencana** das brincadeiras que faço. Fica sempre grilado com tudo. Ninguém merece! (*Atrevida*, Junho/2004, p. 40)

encoleirado a

NL

Estar compromissado com alguém.

Não saio com quem já está **encoleirado**. Se quero xavecar, não terei uma boa companhia. Nesse caso é melhor sair com amigos solteiros. (*Capricho*, 2 de Maio de 2003, p. 87)

Marcos já está **encoleirado**. Não pode fazer um bando de coisas. Ir pra night sozinho, nem pensar, só com a namorada. (*Todateen*, Maio/2003, p. 76)

encoleirar vtd

NL

Ter um compromisso com alguém.

“Ela finalmente conseguiu **encoleirar** o carinha com quem ficou na balada reggae.” (*Capricho*, Março/2003, p. 65)

Encoleirou a menina e já se sente o dono dela. Isso é um terror. (*Atrevida*, Abril/2002, p.32)

Obs.: A acepção do substantivo “coleira” como “espécie de colar que cinge o pescoço dos animais” (AEXXI) está presente na formação da parassíntese “encoleirar”. Ver *coleira*.

espancar vi

NS

Estar muito bom.

Para a balada ser boa é preciso que vários fatores estejam funcionando legal. Se a música estiver **espancando** já é meio caminho andado. O resto vai se ajeitando. (*Capricho*, 2 de Maio de 2003, p. 45)

A praia no verão passado estava **espancando**. Espero que nesse ano aconteça a mesma coisa. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 43)

esparrar vtd

NL

Dar um fora, rejeitar.

Eles não respeitam ninguém. Vão **esparrando** todo mundo, sem dar bola para ninguém mesmo. (*Através da vida*, Junho/2004, p. 54)

Obs.: O verbo é derivado do substantivo “esparro” (Bras.), variante de “esporro”, que significa “barulho, desordem, assuada, esparro” (AEXXI).

estar à pampa

NLoc

Estar bem disposto.

Para ir pra night tem que **estar à pampa**, pronto para encarar qualquer parada. (*Capricho*, Maio/2002, p.20)

Obs.: O sintagma é uma simplificação da expressão “estar bem à pampa”, que singulariza a locução adverbial “às pampas” (forma abreviada de “às pamparras”), usada informalmente para indicar grande quantidade ou intensidade; à beça (cf. HOUAISS).

estrondar vi

NS

Passar dos limites; fazer sucesso.

Não adianta você se arrumar toda e o cara falar que você está linda. Para mim, é preciso **estrondar** logo de cara. Parar a festa é o meu objetivo. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 81)

O show foi muito maneiro; **estronudou** geral. Quem não foi não sabe o que perdeu. Pior é que agora eles não vêm mais para a América do Sul tão cedo. (*To-dateen*, Maio/2002, p.70)

ex-ficante (v. ficante)**fala sério loc interj**

NLoc

Indica indignação, surpresa.

Fala sério! Ter que sair sempre acompanhado dos pais é o maior mico. Não tem condição. Nem pensar. (*Atrevida*, Maio/2004, p. 59)

Estudar Matemática é muito chato. **Fala sério**, decorar um bando de fórmulas que eu nunca mais vou ver na vida é demais.! (*Capricho*, Agosto/2002, p. 53).

(...) ou que, quando come, fica se lastimando, reclamando, jurando que amanhã vai ficar só na água ou vai se matar na academia. Ai, **fala sério**: ninguém merece! (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

farpar vi

NS

Relacionar-se com alguém sem compromisso e por um curtíssimo período; ficar, no sentido de “namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo (às vezes, por uma noite)” (cf. AEXXI).

Hoje não é legal namorar certinho. O lance é ficar **farpando**, sem compromisso sério. (*Capricho*, Setembro/2001, p.40)

Não adianta querer encoleirar logo. A pessoa deve **farpar** muito antes disso. (*Atrevida*, Outubro/2003, p.70)

Só **farpapar** também não é legal. Queima o filme da pessoa. (*Todateen*, Maio/2002, p.45)

Obs.: O verbo se associa com o sintagma “arame farpado”, cabo de uma liga de cobre e zinco fixado com pontas metálicas, que tem como uma de suas finalidades “prender, agarrar” o que nele se encosta.

fazer o filme

NLoc

Fazer bonito; ficar bem na fita (q.v.).

Em vez de pagação de mico, acham que ter uma mãe baladeira **faz o filme**. (*Capricho*, Novembro/2002, p.49)

Obs.: Opõe-se a “queimar o filme”. Remete para o campo semântico de ficar bem, isto é, ter uma boa atuação no “filme”.

ficação sf

NL

Ato ou efeito de namorar várias pessoas, seguidamente, por um tempo muito curto.

No Carnaval, principalmente a **ficação** rola solta. As pessoas ficam com quinze, vinte numa só noite. (*Atrevida*, Fevereiro/2004, p.56)

Agora apresentamos o Dossiê 2004 da **ficação**, mas de um jeito diferente: 1438 garotas de todo o país responderam no nosso site a uma enquete sobre como agem, interagem e caem fora na hora da “caça”. (*Capricho*, 13 de junho/2004, p. 80)

ficada sf

NS

Ato de namorar alguém por um tempo muito curto.

Você é do tipo que começa com uma **ficada** e depois namora sério? (*Capricho*, Julho/2001, p.15)

Mas durante sete meses passei com uma só. A gente não namorou, mas ficava junto sempre que se via. Foi uma **ficada** aberta. Quantidade nunca foi importante para mim, acho a qualidade mais importante. (*Capricho*, 26 de dezembro/2004, p. 49)

O casal quase terminou o namoro no segundo dia em que oficializaram a relação. Os dois resolveram ter uma conversa sincera sobre as **ficadas** que rolaram antes do namoro. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 89)

ficante s2g

NL

A pessoa com a qual se fica.

Se o seu **ficante** não gostar do comprimento da sua saia, tenha uma conversa séria. Ele quer continuar ficando ou quer namorar com você? (*Capricho*, Abril/2002, p.23)

Cristiano e Michael são favoráveis a ficar com desconhecidas. Para os outros, amiga de amiga ou conhecida são a melhor opção: eles acham mais fácil já ter pontos em comum para conversar com a **ficante**. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p. 80)

Você acredita em simpatia pega-rapaz? Nickolas Fonseca, 19 anos, não mesmo. Já a **ficante** dele, Michele Gelesko, 17, jura que foi graças a uma mandinga que conseguiu pegar o cara de jeito. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 86)

Obs.: O significado do verbo “ficar” como “Bras. Pop. namorar sem compromisso durante um curto espaço de tempo” (AEXXI) serve de base para a formação dos derivados neológicos “ficação”, “ficada”, “ficante” e “ex-ficante”.

Não dá para frequentar os mesmos points da sua

ex-ficante. Assim é queimação de filme. (*Todateen*, Novembro/2001, p. 31)

ficar bem na fita

NLoc

Fazer bonito; agradar alguém; fazer o filme (q.v.).

Eu era a fim dela, mas achava que não tinha chance. Por isso, quando o menino mais bonito da escola me pediu para agitá-la, quis **ficar bem na fita** com o cara e tentei, mas ela disse que o achava muito convencido. Logo depois, a amiga dela me contou que na verdade ela era a fim de mim. No mesmo dia me ofereci para levá-la em casa e a beijei, conta Caio. (*Capricho*, Abril/2004, p. 95)

filé a

NS

Que é bonito(a), usado somente para pessoas.

Aquela menina, a Mari, é o maior **filé**. Não tem um garoto na escola que não queira ficar ou ter um rolo com ela. (*Todateen*, Maio/2002, p.45)

Se me acham ou não **filé**, não me importa. Agora sou comprometido com a minha gata e não quero saber de ninguém. Quem tem que me achar **filé** é a minha namorada. (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 84)

- filé sm

Mulher ou homem bonito.

Aquele **filé** ali, por exemplo, eu cato sem nenhum

esforço. Ela já me olhou várias vezes, tá afinzona de mim. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 37)

Obs.: Termo associado ao significado de filé (“**1**ALIM carne de boi, porco, carneiro e outras reses proveniente da região lombar do animal **2** CUL bife alto dessa carne; filé-mignon **3** CUL *B* qualquer fatia fina de carne (vermelha ou branca) <*f. de peixe*> **4** INFRM. m.q. *filé-mignon* ('o melhor quinhão') <*contentou-se com uma participação modesta nos lucros, porque o f. eles não dividiam com ninguém*>”). A metáfora se apóia no fato de o “filé” ser a melhor parte da carne de um animal.

finde sm

NL

Forma reduzida de “fim de semana”.

Praia realmente é o melhor programa para se fazer no **finde**. É show um domingo de sol. (*Capricho*, Dezembro/2001, p. 28)

Só no **finde** consigo relaxar por completo. Durmo até tarde, vou à praia. Não programo nada. (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 8)

Obs.: Exemplo de truncação, segundo Ieda Maria Alves.

fofo a

NS

Que é bom, interessante, confiável, gentil, agradável.

Ele era **fofo**, dizia que eu era linda, que estava adorando ficar comigo, mandava mensagens de texto pelo celular falando que estava com saudade. Até que a última vez que fui assistir à peça dele, ele foi frio. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 82)

E afirmam que a cabeça dos caras é bem simples: se ele gosta de você, vai ligar sempre. Se tem com-

portamentos incoerentes (é **fofo** um dia e no outro some) é porque não está a fim. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 82)

Obs.: O sentido figurado de “fofo”, como o “que encanta pelo aspecto bonito e gracioso” (*HOUAISS*), ampliou seu uso para qualificar qualquer pessoa, por seu modo de agir, como boa, agradável, confiável.

fofowear sm

NL

Estilo “fofo” (q.v.) de se vestir.

Daí percebi que todas as garotas que vêm aqui e olham minhas coisas ficam suspirando e falando “ai

que fofo”. Aí batizei meu estilo de **fofowear**. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 44)

Claro que eu me ligo em tendências. Mas a Kel tem um estilo próprio, que é o tal do **fofowear**. Gosto de coisas divertidas e exploro tudo que é bem de mulherzinha: ursinho, florzinha, estrelinha, lacinho, bolinha ... tudo inho ou inha. Não sei fazer as coisas de outro jeito. Eu adoro essas coisinhas que são fo-fas. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 45)

Obs.: O vocábulo apresenta uma composição híbrida: “fofo”, vocábulo expressivo de origem onomatopáica, + “wear”, vocábulo da língua inglesa que significa “vestimenta, modo de vestir”.

fotobloguismo sm

NL

Fenômeno relativo a quem usa o *fotoblog*, diário virtual com fotos.

O pessoal da minha cidade tá começando com ‘fo-

tobloguismo’ agora. E sempre me interessei mais pelo pessoal de fora. Sinto que meus dias aqui estão contados... Vou acabar meus estudos e cair no mundo. (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 8)

galerar vtd

NL

Enturmar.

Galere-se!

Faça parte da galera Capricho. Escreva para nós. (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 15)

garpar vtd

NL

Namorar com alguém por um curto espaço de tempo; ficar.

A galera só vai pra **garpar**. É tanta mulher que a galera não dá conta. O que rola de xaveco é incrível. (*Atrevida*, Fevereiro/2003, p. 74)

Obs.: Possível corruptela de “garfar”, cujo significado pejorativo de “prejudicar, lesar, roubar” pode ser associado à idéia de “namorar sem compromisso sério, só para tirar proveito”.

garpezar vtd

NL

Namorar alguém por um curto espaço de tempo; ficar; garpar (q.v.).

Quando a música não é boa o lance é ficar **garpe-
zando** a noite toda. Só é chato quando só tem bagu-
lho na festa. (*Todateen*, Setembro/2003, p.45)

Obs.: Variante de “garpar” com sufixo.

gastar vti

NS

Rir de alguém ou fazer-lhe uma brincadeira, por divertimento; ca-
çoar, gozar.

A galera fica me **gastando** quando eu coloco aque-
la bermuda florida. Nem ligo, meu pai comprou no
Havaí e eu me amarrei nela. (*Capricho*, 18 de abril
de 2004, p. 83)

gente a

NS

Aquele que é bom, que faz o bem.

Tia Vevete pode ter levantado poeira nos Jogos O-
límpicos com o hit Sorte Grande, ter vendido 500
mil cópias de seu Ao Vivo MTV e 300 mil do
mesmo DVD. Mas ela é muito **gente!** Duvida? Leia
aí... (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 18)

geral sf

NS

Todo o mundo.

É muito chato quando **geral** vai à festa e sua mãe

não deixa você ir. O jeito é dizer que estava passando mal, e mudar de assunto. (*Todateen*, Setembro/2003, p.54)

Obs.: Expansão de sentido do vocábulo “geral”, usado no futebol (p. ex. do Maracanã), significando “o pessoal”.

gogrin sm

NL

Gringo.

Não gosto de ir à praia cheia de **gogrin**. Eles só querem saber de ficar com aquelas prostitutas e, às vezes, ficam achando que nós também somos garotas de programa. (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 48)

Obs.: Palavra formada com a inversão das sílabas do substantivo “gringo”.

hard a

NL

Que é excessivo, violento.

A gente entrevistou malhadores tipo **hard** e elaborou um roteiro de paquera para você. Veja o que está dando certo e o que é mico total. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

inveja branca

NLoc

Inveja boa.

Acho lindo o cabelo da minha melhor amiga. Ele é bem comprido, lisinho e brilhoso. Tenho uma **inveja branca**. Não fico desejando que o cabelo dela fique feio. (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 56)

Obs.: A palavra “inveja” tem o sentido de “sentimento em que se misturam o ódio e o desgosto, e que é provocado pela felicidade, prosperidade de outrem; desejo irrefreável de possuir ou gozar, em caráter exclusivo, o que é possuído ou gozado por outrem” (HOUAISS). No neologismo locucional “inveja branca”, o adjunto adnominal branca elimina o sentido negativo da inveja.

irado a

NS

Ótimo, perfeito, excelente, interessante.

Vai ser um show **irado**, muito bom, com certeza. (*Todateen*, Agosto/2001, p.16)

Viajar sozinho é uma parada **irada** que você deve ralar para conseguir. (*Atrevida*, Janeiro/2002, p. 58)

Como se não bastasse conhecer uma galera **irada** no Oi Pegação, a Oi ainda aprontou uma surpresa para os mais fanáticos pelo serviço: escolheu os campeões de acesso, de diversos estados, para serem convidados vips no Coca-Cola Vibezone. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 7)

- iraaaaado

Você não pôde ir na balada – mas ele sim. Qual o seu comentário quando ele diz que a noite estava **iraaaaada**? (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p. 88)

Obs.: Intensificação marcada pelo alongamento da vogal. Nesse caso, a duração não tem, como no latim, ou no italiano uma função distintiva (um som longo e seu correspondente breve podem distinguir palavras.

iradaço a

NL

Muito bom; ótimo, perfeito, excelente, interessante.

Ir ao clube é **iradaço**, principalmente quando a galera está toda reunida e o clube na está muito cheio. Dá para curtir até de noitinha. (*Atrevida*, Novembro/2002, p. 29)

ir ali

NLoc

Ficar com determinada pessoa.

Se estou a fim de ficar com alguém, pergunto logo se algum amigo **já foi ali** e se valeu a pena. Só assim, não entro em furada. (*Atrevida*, Novembro/2002, p.60)

Obs.: Equivalência semântica entre o verbo “ir” dessa expressão e o verbo “ficar”, como “Bras. Pop. Namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo (às vezes, por uma noite)”. (AEXXI)

ir pra guerra

NLoc

Ficar, namorar por um curto período, com várias pessoas em uma só noite.

Não me deixo abalar. Se vejo que vou ficar pra baixo, dou uma geral no visual e **vou pra guerra** para espantar o baixo-astral. (*Todateen*, Março/2003, p.85)

Gosto de **ir pra guerra** com uma galera. Depois sempre rola uma competição para ver quem ficou com mais garotas. (*Atrevida*, Agosto/2002, p. 68)

jaburu-martelo sf

NL

Mulher feia.

Sair com um **jaburu-martelo** é uma queimação de filme de alto grau. Depois dessa, o cara não consegue pegar nenhuma menina bonita. Fica difícil. (*Atrevida*, Novembro/2002, p. 59)

já é loc interj

NLoc

Indica aceitação; o contrário de “já era” (q.v.).

Se alguém me convida para sair, **já é**. Na mesma hora me arrumo e já estou pronto para qualquer parada. (*Capricho*, Outubro/2003, p. 49)

já era loc interj

NLoc

Indica desaprovação; o contrário de “já é” (q.v.).

Se me chamam para um programa de índio, **já era**. Pulo fora na mesma hora. Não caio mais em programa furado. Prefiro ficar em casa. (*Atrevida*, Novembro/2002, p. 72)

jarmi(r) vi

NL

Urinar.

Um dia, bebi tanto que tive que **jarmi** atrás do car-

ro. Foi o maior mico porque vinha um pessoal da mesma balada e acendeu o farol bem na minha direção. (*Todateen*, Novembro/2003, p. 35)

Obs.: Palavra formada com a inversão das sílabas do verbo “mijar”. A grafia registra apócope do R no infinitivo.

josecito a

NL

Que não mede as conseqüências do que faz; sem noção (q.v.)

Não banque o **josecito**. Não deixe passar essa chance de passar as férias com toda a galera, sem gastar um tostão com hotel. Inscreva-se e concorra. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 28)

Obs.: Josecito é o nome de um personagem, representado por um apresentador da MTV, canal de TV especializado em músicas e voltado para o público jovem. Ele é atrapalhado, não mede as conseqüências de seus atos. Daí ter virado um adjetivo, caracterizando quem tem essas mesmas atitudes.

kiwi sm

NS

Homossexual forte e musculoso.

Já me chamaram de **kiwi**, que é forte e rude por fora e frutinha por dentro, mas eu não ligo. Me sinto

bem assim. (*Capricho*, Novembro/2002, p. 13)

“Ele era tido como o **kiwi** da turma mas não se importava com isso. Aproveitava para se aproximar das garotas e tirar casquinha delas.” (*Atrevida*, Maio/2003, p. 68)

Obs.: *Kiwi* é um empréstimo do inglês (*kiwi-kiwi*), proveniente do maori. É um fruto rico em vitamina C, de sabor doce e agradável, proveniente de uma trepadeira (*Actinidia deliciosa*) da família das actinidiáceas, de folhas orbiculares, flores de cor creme e bagas ovóides, com pêlos e tomento marrons, de tom claro ou dourado, e polpa verde, com pequenas sementes pretas. Foi batizado de *kiwifruit* na Nova Zelândia por seu exterior peludo, integrou-se por volta de 1970 no francês com o nome de *kiwi*, tal como o pássaro que é também símbolo da Nova Zelândia, passando a ser assim conhecido no resto do mundo. No Brasil, houve flutuação inicial entre a pronúncia [ki'vi] e [kiw'i]. A segunda parece haver suplantado a primeira na década de 1990.

lacraia sf

NS

Mulher muito magra.

Não gosto de mulher gorda, mas **lacraia** já é demais. Gosto de mulherão, bem sarada. (*Atrevida*, Novembro/2002, p. 26)

Obs.: A imagem de uma mulher macérrima, do tipo anoréxico, vem associada à figura desse artrópode.

lance sm

NS

Relacionamento.

Quando seu **lance** com o gato já passou de uma simples ficada, mas vocês ainda não estão namorando, certamente estão de rolo. (*Todateen*, Ju-

lho/2001, p.43)

É o momento para confrontar seus sentimentos com os dele. Ou o **lance** é sério, ou é fogo de palha. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 94)

Já começou o segundo semestre e você ainda não sabe se o seu pretê está a fim de namoro ou amizade? Então confira as dicas Oi para ajudá-la a dar um empurrão e definir esse **lance**. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 15)

lanchinho da madrugada

NLoc

Pessoa com quem se pode ter um relacionamento rápido a qualquer momento.

Mesmo quando não me interessa por ninguém numa balada, não fico na mão. Encontro sempre um **lanchinho da madrugada** para não ficar na vontade. (*Atrevida*, Novembro/2004, p. 72)

Obs.: A locução se explica pela associação desse tipo de relacionamento com o lanche feito na madrugada - de curta duração, sem requintes, servindo apenas para saciar a vontade de comer alguma coisa leve.

maluquinho pron

NS

Alguém.

As pessoas estão cada vez mais inovando nas roupas. **Maluquinho** chega a usar roupas todas rasgadas para ir à balada. Sou muito patricinha para isso. (*Atrevida*, Julho/2003, p. 29)

Obs.: “Maluquinho”, “neguinho” (q.v.), “cara”, “pessoal” são substantivos que passaram por processo de gramaticalização como indefinidos.

mandar a real

NLoc

Falar a verdade.

Outra coisa bacana do Oi Blog é poder sair do “clube da luluzinha” e descobrir um pouco mais sobre as angústias dos gatinhos. O Fernando é um deles. Super poético, ele **manda a real** sobre os seus sentimentos. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 7)

marcar um dez

NLoc

Fazer uma hora; dar um tempo.

Como chegamos muito cedo, resolvemos **marcar um dez**, dando uma olhada nas lojas do shopping e xavecando um pouquinho. (*Atrevida*, Julho/2003, p. 39)

mauricéia sf

NL

Grupo de mauricinhos e patricinhas.

A **mauricéia** toda nessas férias vai pra Angra. Vai rolar umas baladas sinistras de duas marcas de uísque que vão bombar. Vai ter engarrafamento de

lança, com certeza. (*Atrevida*, Julho/2004, p. 35)

O lançamento de uma conhecida grife francesa deixou a **mauricéia** agitada mês passado. Todos compraram as novidades e gastaram bastante. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 87)

Obs.: Termo derivado de “mauricinho”, vocábulo que entrou na língua em 1991, usado informalmente, com conotação pejorativa, para designar uma pessoa jovem do sexo masculino que se veste com apuro e frequenta os lugares da moda. Etimologicamente, é um diminutivo do antropônimo Maurício. Cf. patricinha. Nesse caso, é usado abrangendo tanto os jovens do sexo masculino quanto os do feminino.

meter o pé

NLoc

Ir embora.

Se eu vejo que está rolando droga na balada, **meto o pé** na hora. Não quero me encrencar à toda e queimar meu filme com meus pais. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 45)

micabraço sm

NL

Situação constrangedora, relacionada com a expectativa frustrada de um abraço.

“Micabraço”

Eu fazia um curso de informática. No último dia, o meu professor, que era horrível, chegou pra mim e disse: “Você vai ficar com saudade de mim?” Logo depois que disse isso, ele estendeu o braço e eu, crente que era para me abraçar, o abracei. Foi quando eu percebi que ele só estava tentando puxar o teclado por cima da minha cabeça! Todos começaram a rir e eu fiquei vermelha como um pimentão. (*Atrevida*, Dezembro/2005, p. 22)

Obs.: Composição por aglutinação (mico + abraço). Ao empregar as aspas, a revista indica ter consciência de que se trata de neologismo.

micado a

NL

Que representa um grande mico.

Engasgou com o confete? Escorregou na serpentina? Relaxe e leia aqui as baladas mais **micadas** do Carnaval passado, que foram enviadas à redação. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 62)

Leia as histórias mais **micadas** que chegam à redação e os comentários de Jerri. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 89)

Festa micada

A turma resolve fazer uma festa à fantasia. Você entra na brincadeira e compra uma roupa de bruxa caríssima, com direito a chapelão e vassoura. Quando chega à balada, percebe que é a única Hermione Granger entre um monte de gente vestida de jeans e camiseta. (*Atrevida*, Abril/2004, p. 58)

(um) monte adv

NS

Muito.

Para mim, é normal, sabe. Claro que viajar é bem melhor. Mas não tenho aquela obsessão. Curto um **monte** onde eu estiver. (*Capricho*, 26 de dezembro

de 2004, p. 8)

Obs.: Embora o verbete, a rigor, não diga respeito unicamente à linguagem da juventude, foi incorporado pelo critério da ocorrência. O neologismo só foi registrado ao lado do artigo indefinido *um*.

na lata

NLoc

De forma direta, sem rodeios.

Como é o namoro entre meninas?

É mais ou menos o de sempre: olhares, aproximação e conversa. “Como não dá para adivinhar que a garota curte beijar menina, tem umas que chegam **na lata** e perguntam. (*Capricho*, 6 de março de 2004, p. 25)

na pista loc adj

NLoc

Disponível.

Com todo aquele jeito sensual, está na cara que a gata está **na pista**. É só partir para o ataque e pronto, tá no papo. (*Capricho*, Junho/2003, p.61)

Obs.: Ver também “de pista”.

neguinho pron

NS

Alguém.

Normalmente, **neguinho** não quer nem saber se a garota está acompanhada ou não. Vai logo dando em cima. Por isso, ando grudada no meu namorado

para não criar uma confusão e acabar a noite na delegacia ou no hospital. (*Todateen*, Setembro/2003, p. 57)

Obs.: “Neguinho”, “maluquinho” (q.v.), “cara”, “pessoal” são substantivos que passaram pelo processo de gramaticalização como indefinidos.

nerd s2g

NL

Que é muito estudioso e inteligente.

O quarto tipo de ficante indispensável é o culto. Não culto no sentido de **nerd** e mala, mas culto no sentido de interessante e viajado. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 96)

Te chamam de **nerd**? Levou um pé? Receitas espartas de auto-estima. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p.20)

Obs.: Uso pejorativo. Anglicismo

nhacoma sf

NL

Maconha.

Não uso drogas. De vez em quando fumo **nhacoma** só para relaxar e acabo sempre dormindo. Não sou viciado, uso como um tranqüilizante. (*Todateen*, Setembro/2002, p. 69)

Obs.: Palavra formada com a inversão das sílabas do substantivo “maconha”. Por ser uma droga ilegal, “de efeito entorpecente preparada com os ramos, folhas e flores do cânhamo, cortados e secos, geralmente curtidos em substâncias como o mel, conhaque etc., consumida como o tabaco, e cujo componente ativo é o tetraidrocanabinol” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa), foi usada de trás para a frente intencionalmente como um disfarce. O *Dicionário Houaiss* enumera os seguintes sinônimos para maconha: abango, abangue, aliamba, bagulho, bango, banguê,

bengue, birra, bongo, cangonha, chá, diamba, dirígio, dirijo, erva, fuminho, fumo, fumo-de-angola, jererê, liamba, marijuana, massa, nadiamba, pango, rafi, riamba, seruma, soruma, suruma, tabanagira, umbaru.

night sf

NL

Festa, badalação.

Para ir para **night** você precisa estar com o espírito de guerreira e ir atrás do que quer. Mas é preciso conseguir bancar um fora e passar a bola pra frente, numa boa. (*Capricho*, Abril/2003, p. 34)

O bom é cair na **night** sem medo de ser feliz. Topar qualquer parada. (*Capricho*, Abril/2003, p.34)

Obs.: Anglicismo; termo preferido pelos adolescentes do Rio de Janeiro, tem como equivalente, em São Paulo, o substantivo *balada* (q.v.).

ninguém merece loc interj

NLoc

Indica insatisfação.

Dia de sol, ficar trancada em casa, **ninguém merece!** É de doer ver todo o mundo indo à praia curtir e você com febre em casa. (*Todateen*, Setembro/2002, p. 57)

Levar um fora da gata na frente de todos os amigos, **ninguém merece!** Fala sério! (*Atrevida*, Janeiro/2004, p. 42)

(...) ou que, quando come, fica se lastimando, reclamando, jurando que amanhã vai ficar só na água ou vai se matar na academia. Ai, fala sério: **ninguém merece!** (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

no suco loc adj

NLoc

Em boas condições físicas, devido à prática de uma atividade física.

Gosto quando as garotas me olham e elogiam meu corpo. Eu sei que é sincero porque eu estou **no suco**. (*Atrevida*, Maio/ 2002, p.56)

Obs.: A expressão se relaciona com o fato de, nas academias de ginástica, ser comum a ingestão de sucos energéticos.

no vácuo loc adv

NLoc

Sem resposta.

Fico bolado quando alguém me deixa **no vácuo**. Parece que não sou ninguém, que a minha opinião não tem valor. (*Todateen*, Abril/2003, p. 76)

10 coisas que você não sabe sobre os meninos. O significado das atitudes masculinas que deixam você **no vácuo**. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 91)

on-line

NLoc

Que está bem informado.

Esse é um cara inteligente, um cara **on-line**, antenado a tudo o que acontece. (*Todateen*, Julho/2001, p. 30)

Obs.: O neologismo é resultante da influência da linguagem da internet.

ops interj

NL

Exprime surpresa, admiração ou indignação.

Prô, uma dúvida!

Tenho um professor de 22 anos e estou apaixonada por ele. Ele é um cara capacitado, inteligente, bonito, lindo, perfeito... **Ops**, me empolguei! Não paro de pensar nele um minuto, é uma obsessão. Como posso me aproximar dele? (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 73)

pagar gorila

NLoc

Passar um grande vexame ou por situação ridícula.

Pagando **gorila**

Ser top em alguma coisa é ótimo para ganhar pontos com o cara de quem você está a fim. Desde que você seja a mais coordenada, não a mais sem noção. “Tem muita menina que acha o máximo pegar mais peso do que realmente agüenta ou fazer séries de exercícios muito puxados. No fim ela paga mico e ainda atrapalha a aula. É chato para ela e para quem está perto”, diz Edison. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 73)

Obs.: Gradação entre o sintagma “pagar mico”, já dicionarizado, e “pagar gorila”, um vexame bem maior, marcando a idéia de exagero.

pagar paixão

NLoc

Estar gostando de alguém.

Se encontro alguém e sinto que estou me apaixonando, não deixo que ela perceba que estou pagando paixão. Se ela percebe, vai se achar e eu estou perdido. (*Todateen*, Setembro/2003, p. 73)

papo-beijo sm

NL

Conversa sobre beijo.

Papo-beijo

Conheça Alice, a última bv! É impressionante. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 89)

Antes da balada, sempre rola aquele **papo-beijo**, para ver quem vai beijar mais. (*Todateen*, Outubro/2003, p. 34)

papo-cueca sm

NL

Conversa de homem.

Papo-cueca

Veja o que os caras estão pensando sobre as ficadas, as baladas e as garotas. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 84)

papo-fala sério sm

NL

Conversa séria para resolver algum problema.

Quando alguma coisa me incomoda em casa ou com minha ficante, sempre rola um **papo-fala sério**, para resolver o que está ruim e ficar tudo bem. (*Todateen*, Março/2003, p. 78)

Obs.: Substantivo composto de substantivo + locução interjectiva, por isso grafado com apenas um hífen.

parada sf

NS

Coisa; assunto; negócio; troço; treco; trem.

Hoje em dia, essa **parada** de namoro sério é coisa para gente mais velha. O lance maneiro é ficar várias vezes e com muitas pessoas antes de um compromisso tão sério assim. (*Atrevida*, Junho/2003, p. 56)

A **parada** é a seguinte: a camisinha é fundamental em qualquer tipo de relação; até nos namoros sérios e longos. (*Capricho*, Maio/2003, p.49)

- paradinha sf

NS

Obs.: Diminutivo afetivo ou neutro, com a mesma acepção.

Aquela era uma **paradinha** que eu gostava de fazer depois do almoço, nas férias. Andava um pouquinho e meu cachorro passeava. (*Todateen*, Julho/2003, p. 57)

passar migué

NLoc

Mentir.

Jovem...

Se você acha que sua mãe não tá entendendo nada do que você fala, mostre para ela esse texto enviado pela Débora Thomaz Martina, 18 anos. Para ela já será meio caminho andado, saca?

... não briga, dá porrada

... não bebe, chapa o coco
 ... não cai, capota
 ... não entende, se liga
 ... não entra, invade
 ... não pede, impõe
 ... não fala, troca idéia
 ... não vai embora, vaza
 ... não reclama, protesta
 ... não dorme, apaga
 ... nunca tá apaixonado, tá a fim
 ... não namora, dá uns pega
 ... não mente, **passa migué**
 ... não se dá mal, se ferra
 ... não acha interessante, acha irado
 ... não é gente, é jovem
 E para finalizar: “Sangue na veia do jovem não corre, tira racha”. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 95)

Obs.: A locução usa o antropônimo *Miguel* como epônimo, na acepção de “constrangimento”.

pati sf

NL

Abreviação de *patricinha* (cf. *HOUAISS*).

Fernanda evoluiu. Depois da **pati** horrorozinha de Malhação, ela virou um feminista legal em A Escrava Isaura. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 40)

O que atrai
 . Beleza
 . Já ter visto a menina antes. Aí fica mais natural chegar junto, sem xavecós
 . Roupa adequada ao lugar (estilo **pati** em lugar de **pati**; estilo rock em lugar de rock)
 . Ficar sempre por perto do garoto
 . Olhar recorrente
 . Mostrar animação, dançar
 . Ficar sorrindo enquanto conversa com ele (*Capricho*, 6 de março de 2004, p. 67)

- paty

var

Se alguém ainda acha que andar de skate é coisa de menino, está totalmente por fora. É cada vez mais comum encontrar nas pistas garotas como Larissa Carollo, 19 anos, de Curitiba (PR). “Tem das tatuadas de bermudão às arrumadinhas, quase **patys**”, diz ela “Eu mesma sou bem fresquinha”. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 66)

Obs.: Não foi registrada a ocorrência da grafia “páti”.

peça gringa

NLoc

Vestimenta, indumentária que ninguém tem igual.

Adoro aparecer na balada e até mesmo na escola com uma **peça gringa**. As meninas ficam e olhando e loucas de inveja. São poucas as que me perguntam onde eu comprei. (*Todateen*, Outubro/2003, p. 78)

pega sm

NS

Abraçar e beijar alguém sem que isso implique compromisso; a-masso.

Sempre que podia dava uns **pegas** nela na hora do recreio. Escondido, claro. Era uma escola de pades. (*Capricho*, Junho/2003, p. 50)

É sempre bom o **pega** no escurinho do cinema. Fica mais emocionante. (*Atrevida*, Agosto/2002, p.65)

Obs.: Deverbal de pegar, na acepção de “conseguir, obter” (cf. AEXXI).

pegada sf

NS

Jeito de abraçar e de beijar; modo de demonstrar carinho.

No namoro ou na ficada, é muito importante a **pegada** certa. É preciso conhecer o que seu parceiro gosta. O sucesso do relacionamento depende muito disso. (*Todateen*, Junho/2002, p.78)

Será que essa é a melhor **pegada**? Leia os depoimentos abaixo e veja se está no caminho certo. (*Todateen*, Abril/2003, p. 54)

Não estamos falando aqui daqueles fofos demais, sem **pegada**... Mas daqueles caras que sabem ser interessantes e charmosos. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 72)

pegador sm

NS

Que consegue namorar, “pegar” (q.v.), muitas pessoas.

Esse é mais um daqueles grupos de “**pegadores**” de carteirinha. São 18 amigos de Vitória (ES) que resolveram oficializar a turma com direito a site (www.salvagatas.com) e uniforme. Os meninos ficaram tão conhecidos na cidade que viraram celebridades. Há danceterias que, percebendo que a

presença deles atrai a mulherada, os convidam como VIPs. (*Capricho*, 11 de julho de 2004, p. 86)

Não, ele não é o maior **pegador** do Carnaval. Francisco de Assis Ângelo Júnior, o Chico, curte pacas a folia, mas trabalhando. (*Capricho*, 20 de fevereiro de 2005, p. 80)

Os **pegadores** do colégio
Pra que esperar a balada do fim de semana?
Zé e Ian faziam da escola lugar de azaração. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 72)

pegar vtd

NS

Relacionar-se com alguém por um curto período sem compromisso sério.

Nessas férias vou **pegar** todas; ninguém me escapa. Vou beijar todas também. (*Todateen*, Junho/2003, p. 85)

Não sou de confiar muito em quem eu não conheço direito. Eu fico feliz por ter ficado com uma menina e só. Acho que muita gente se preocupa com a “fama” que isso pode render depois. E fica satisfeito quando muita gente fica sabendo disso, principalmente se o cara **pega** uma menina muito bonita. É bom lembrar que as meninas fazem isso também. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p. 96)

Eu sabia que ele estava **pegando** a nova vizinha. Vi o jeito que eles se olharam. Rolou um sentimento. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p.46)

peguete s2g

NL

Pessoa com quem alguém está tendo um relacionamento rápido e sem compromisso algum; pessoa que alguém está “pegando” (q.v.).

Quando apresento uma **peguete** a um amigo, digo que é uma amiga. Não falo que é peguete na frente dele e também não vou dar mole e dizer que é ficante ou uma namorada. (*Todateen*, Agosto/2003, p. 59)

Obs.: Derivação sufixal de pega (q.v.).

peidão a

NS

Quem não tem palavra, não cumpre o combinado.

Detesto quem não faz o que promete. **Peidão** comigo não tem vez, não se cria. Só faz uma vez, porque corto logo do meu grupo. (*Todateen*, Fevereiro/2003, p. 81)

peidar vi

NS

Não fazer o combinado.

Costumo perceber se um amigo vai cumprir o que me prometeu. Se começa dando uma desculpa para não me apresentar uma garota, vejo logo que vai **peidar**. (*Todateen*, Fevereiro/2003, p. 80)

peito de pombo

NLoc

Pessoa metida, presunçosa, que “se acha” (q.v.).

Meu primo se acha. É o maior **peito de pombo**, diz que sabe tudo, pega todas, sempre é convidado para as baladas. Acho que é o maior caozeiro. (*Atrevida*,

Novembro/2003, p.41)

Obs.: Associação entre o peito de um pombo, que é empinado, imponente, e uma pessoa presunçosa, que tem a mesma postura.

péla s 2g

NS

Pessoa inconveniente. Abreviação de “péla-saco” (q.v.).

Não agüento mais meu namorado. Ele é o maior **péla**. (*Todateen*, Abril/2002, p.15)

Tem sempre um **péla** na sua sala. O lance é fugir dele ou dar um fora nele. (*Atrevida*, Novembro/2002, p.74)

péla-saco s 2g

NL

Pessoa inconveniente.

Aquela professora é uma **péla-saco**. Fica no meu pé o tempo inteiro. Isso já é marcação. Não posso nem olhar para o lado que ela me chama a atenção. Fala sério! (*Atrevida*, Maio/2003, p. 60)

perdido sm

NS

Ação de sair de perto da pessoa com quem “ficava” (cf. AEXXI), sumir e “ficar” com outra pessoa, na mesma balada (q.v.).

O clima da balada eletrônica é total de paquera. Mas também é pra ficar e nada mais, porque o mais normal é você ficar com alguém e sair andando. Pelo tamanho dos lugares e por eles estarem muito cheios, é mais fácil dar o famoso “**perdido**”. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p.81)

pilhado a

NS

Que está com disposição, energia.

A segunda temporada da série *The O.C.* começou **pilhada** com novos personagens e as encrencas de sempre, só que multiplicadas por mil. Sem falar no rock. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p.40)

Geralmente, quem vai a uma *rave* já chega **pilhado**. Ficar mais de 24 horas dançando não é para qualquer um. É preciso gostar muito e não se preocupar com a hora que vai chegar em casa. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 98)

playsom a

NL

Que tem atributos positivos.

Dá para ver quando o lance com a gata é **playsom**. Se ela é gata e não é vagal, já é um bom começo. Depois é preciso ver se tem um bom papo. (*Atrevida*, Abril/2004, p.36)

ploc a

NL

Que tem estilo próprio e é educado.

Se o carinha for legal com você e com suas amigas, isso mostra é ele é **ploc** e não vai atrás dos outros

garotos que costumam implicar com as amigas da namorada. (*Todateen*, Dezembro/2004, p.74)

plugado a

NS

Que sabe tudo o que está acontecendo no mundo.

Tati é muito **plugada**, não vive sem TV paga, lê jornal e adora fuçar as novidades sobre o mundo na internet. (*Capricho*, Novembro/2002, p. 13)

Quem não tiver o tempo todo **plugado** corre o risco de ficar de fora das conversas, sem saber o que dizer sobre o que está rolando por aí. (*Atrevida*, Fevereiro/2003, p. 62)

Obs.: Incorporado ao léxico do português, o anglicismo “plugue” (< plug) é constituinte de “plugar”, “plugado”, termos que incorporaram valores metafóricos pelo vínculo semântico com “ligar-se”, “conectar-se”.

pochete sm

NS

Gordura localizada na barriga; pneu.

Pochete incômoda

Tenho deixado de sair e ir à praia por causa da minha barriga. Ela está desproporcional ao corpo. Eu sou magra, mas ela está gigante. Me sinto inferior às outras garotas. Me ajude! (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 73)

O boxe é um tremendo esporte para garotas. “Na academia, só dou aulas para as meninas”, conta Alexandre de Almeida, treinador de boxe da Academia Fórmula. A paixão feminina pelo esporte tem uma razão bem específica: ele derrete **pochetes** e outras gordurinhas localizadas. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 58)

Obs.: Metáfora com “pochete”, galicismo que significa “pequena bolsa que se leva a tiracolo ou presa à cintura” (HOUAISS).

.com.br [ponto-com-ponto-bê-erre] a

NL

Estar informado sobre tudo o que acontece; o mesmo que *antena-do*, no sentido de quem se mantém ou procura se manter bem informado a respeito do que se passa, do que é atual; ligado, conectado (cf. *AEXXI*).

“Estou sempre **.com.br**. Nada me escapa na night e nas baladas. (*Capricho*, Maio/2002, p. 21)

Obs.: Forma extraída dos endereços eletrônicos (sítios). A representação gráfica se vale do sinal de pontuação com valor lexical (não-gráfico).

popô sm

NL

Nádega.

Não gosto de shorts que mostram meu **popô**. Acho muito vulgar e, além disso, seu usar, meu namorado me mata. (*Atrevida*, Novembro/2003, p.78)

Obs.: Palavra onomatopaica, hipocorística, resultante de provável sonorização e desnasalização de “bumbum”.

popozudo a

NL

Que tem nádega grande.

Gosto muito das **popozudas**. Nos bailes funk, encontro muitas delas. Aquelas calças apertadas me deixam doido. (*Atrevida*, Setembro/2003, p.74)

Obs.: Derivação sufixal de *popô* (q.v.), com o sufixo –udo, denotando abundância. Apesar de adjetivo flexional, parece ter seu uso restrito apenas ao feminino, o que se deve ao valor de erotismo atribuído, nas publicações, a essa parte do corpo das mulheres.

pretê s 2g

NL

Abreviação de “pretendente”.

Vou digitar o nome do meu **pretê** e investigá-lo na internet. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 94)

E se o **pretê** aparecer e você estiver com outro? Se quiser provocar ciúme, faça bem escondido! Todos os garotos dizem que deixariam a menina sozinha se descobrissem que estavam sendo usados. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p. 82)

Você não está a fim de pagar mico na próxima vez que entrar no Oi Pegação, né? Então fique ligado nas idéias que você não deve mandar para seus **pretês**. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 14)

Já começou o segundo semestre e você ainda não sabe se o seu **pretê** está a fim de namoro ou amizade? Então confira as dicas Oi par ajudá-la a dar um empurrão e definir esse lance. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 15)

Eu e minha amiga decidimos levar uma máquina para a escola para tirar uma foto do nosso **pretê**. Pedimos o favor a um amigo nosso, que é da classe dele. O amigo disse que ia dar um jeito, mas passou a bola para uma garota. Ela chegou no **pretê** e falou: “Deixa eu tirar uma foto sua para as meninas da sexta série?” Ele deixou, na boa. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 71)

pretendência sf

NL

Disposição para um(a) pretendente.

Não é fácil a gente destravar. Porque uma **pretendência** sempre parece um quiz show: se você não responder às perguntas certas... um alçapão vai se abrir e você vai ser eliminada! E enquanto a gente fica tentando acertar, acaba errando! Ou evitando se relacionar. Mantenha a calma. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p.76)

prima sf

NS

Prostituta.

Quando vejo uma menina bem vulgar, não consigo me envolver. Destesto garota que se veste como uma **prima**. (*Atrevida*, Novembro/2004, p.48)

prô sm

NL

Abreviação de professor.

Prô, uma dúvida!

Tenho um professor de 22 anos e estou apaixonada por ele. Ele é um cara capacitado, inteligente, bonito, lindo, perfeito... Ops, me empolguei! Não paro

de pensar nele um minuto, é uma obsessão. Como posso me aproximar dele? (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 73)

punk a

NS

Que é difícil, quase impossível.

Ficar trancado em casa estudando é **punk**. Não é qualquer um que suporta não. Eu acho impossível ficar horas estudando matemática e depois emendar com outra matéria. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 54)

Aprendi isso com as mortes de meus pais. Uma coisa é o respeito por aquela pessoa. Outra coisa é se alimentar de um sofrimento. Esse é o lema da minha vida: eu não sofro. Se isso tá me fazendo sofrer, então não gosto mais disso! E perder a mãe, depois o pai, é **punk**. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 22)

Tequila. A bebida mexicana é servida em copo pequeno e tomada de uma vez só, depois de lamber um pouco de sal e morder um limão. O teor dessa é **punk**: 45%. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 82)

Obs.: Metáfora com o anglicismo punk “adjetivo ou substantivo de dois gêneros **1** movimento contestador reunindo jovens que exibem vários signos exteriores (cortes de cabelos, roupas) de provocação e escárnio com relação à ordem social vigente; **2** que ou o que tem traços desse movimento ou que dele deriva, esp. a corrente musical surgida na Grã-Bretanha” (HOUAISS).

puxar o bonde

NLoc

Ir embora.

Quando eu vejo que a galera da balada começa a ficar esquisita, não penso duas vezes, **puxo o bonde** porque pode rolar briga, confusão. Não suporto vio-

lência e meus pais sabem disso. Por isso ficam tranqüilo quando vou para as baladas. (*Atrevida*, maio/2003, p. 62)

qual é loc interj

NLoc

Saudação.

No meu primeiro dia de aula no colégio novo, cheguei logo me enturmado, dizendo: “**Qual é!** Meu nome Leonardo, mas podem me chamar de Leo. Tenho 16 anos e sou novo aqui nessa cidade”. Logo o pessoal foi se chegando, sem estresse. (*Atrevida*, Setembro/2002, p. 59)

Começaram a olhar muito para mim e eu falei logo **qual é?** Não gosto de deixar nada sem uma explicação. (*Todateen*, Abril/2004)

quebrete sf

NL

Mulher desavergonhada, indecente, devassa, imoral.

Reconheço uma **quebrete** de longe. Por isso, me recuso a ir a lugares que ficam cheios delas com meu namorado. Se ele olhar para alguma ou elas se insinuarem para ele, não sei o que sou capaz de fazer. (*Atrevida*, Agosto/2004, p.75)

que pegada loc interj

NLoc

Elogio.

Se vejo uma garota gostosa na balada, chego nela e digo “**que pegada**”. Elas adoram. (*Atrevida*, No-

vembro/2004, p.59)

quiz show

NLoc

Programa de televisão que consiste em uma competição com perguntas e respostas.

Não é fácil a gente destravar. Porque uma pretensão sempre parece um **quiz show**: se você não responder às perguntas certas... um alçapão vai se abrir e você vai ser eliminada! E enquanto a gente fica tentando acertar, acaba errando! Ou evitando se relacionar. Mantenha a calma. (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p.76)

Obs.: As grafias de quiz [‘kwiʒ] e de show [‘šow] vêm diretamente do inglês.

ralar vi

NS

Ir embora.

Quando a gente vê que a mina não quer nada, antes de levar um não é melhor **ralar**. (*Capricho*, Abril/2004, 38)

Quando vejo que meus pais estão a fim de ficar sozinhos, sem a filharada do lado, eu e meus irmãos **ralamos**. (*Atrevida*, Maio/2003, p. 80)

- ralar peito

NLoc

Ir embora.

Se o gato não te dá bola, o jeito é **ralar peito** e partir para outra, sem crise. (*Capricho*, Novembro/2002, p.20)

Obs.: Verbo derivado de “ralo”, com o valor de “lâmina com orifícios para coar água e outros líquidos, especialmente a que se adapta à abertura de um encanamento.” (cf. AEXXI). O uso de *ralar* no sentido de “ir embora” associa-se metaforicamente ao ato de o líquido sair pelo ralo.

refri sm

NL

Abreviação de “refrigerante”.

Refri com comida

Poder, pode, mas há contra-indicações. Alguns **refris** têm cafeína, o que dificulta a passagem da comida do estômago para o intestino, atrapalhando a digestão. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p.6)

remar vi

NS

Ir embora.

Se eu percebo que estou sobrando no balada, **remo** logo e procuro outra balada. Não perco tempo com uma balada sem graça. (*Todateen*, Novembro/2004, p.67)

réti sm

NL

Maconha.

Se alguém puxar um **réti** na minha frente, eu me afasto para mostrar que essa não é a minha. (*Atre-*

vida, Novembro/200, p.74)

Obs.: Neologismo com formação não identificada.

roca sm

NS

Carro.

Só saio com garotos que têm **roca**. Por isso, me chamam de “maria gasolina”. (*Atrevida*, Outubro/2003 p.74)

Obs.: Palavra formada com a inversão das sílabas do substantivo “carro”.

rolo sm

NS

Relacionamento sem compromisso; estágio anterior ao namoro.

Quando seu lance com o gato já passou de uma simples ficada, mas vocês ainda não estão namorando, certamente estão de **rolo**. (*Todateen*, Julho/2001, p.43)

Vocês já ficaram algumas vezes, mas ainda não é um **rolo** firme? (*Capricho*, Novembro/2002, p. 34)
Se você quer que seu **rolo** se torne um namoro sério, leia algumas dicas que poderão resolver o seu problema. (*Capricho*, Novembro/2002, p.35)

Nunca teve um namorado, só vários **rolos**. Mas já beijou tantos meninos que nem quis revelar para a gente o número. “Eu e o meu rolo atual conversa-

mos todos os dias por ICQ, MSN, e-mail, mensagens de texto pelo celular e telefone. Mas só amenidades, nada profundo. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 83)

ronheibã sm

NL

Banheiro, escrito ao contrário.

- Aí, outro dia, no **ronheibã** (banheiro ao contrário, faz parte da gíria carioca inverter as palavras) da boate, tava com a mulé, maior banheiro de vestiário vazio, eu com a mulé, bum, joguei ela lá dentro. Entrei com a mulé pra dentro do vestiário de 20 cabines, joguei a mulé pra uma cabine e aí pá! (*Capricho*, 20 de fevereiro de 2005, p. 81)

Obs.: Palavra formada com a inversão das sílabas do substantivo “banheiro”.

saia-nave sf

NL

Saia muito curta.

Meu namorado detesta que eu use **saia-nave**. Se eu coloco, ele me faz tirar na hora. (*Todateen*, Novembro/2004, p.51)

salva-gata sm

NL

Que sabe se relacionar com as meninas.

As regras dos **salva-gatas**:

- . Nunca tratar as meninas como número.
- . Jamais forçar a barra e chegar agarrando.
- . Nunca denegrir a imagem das meninas depois de beijá-las.
- . Tentar ficar amigo das ex-ficantes.
- . Se rolar sentimento com alguma, é obrigatório avisar o resto do grupo que aquela está interdita. Assim eles evitam briga. (*Capricho*, 11 de julho de 2004, p. 86)

selinho sm

NS

Beijo rápido, com os lábios fechados.

Para falar a verdade, no comecinho rolou um constrangimento, mas passou. Hoje, nem esquento, é trabalho. Fiquei sem graça mesmo foi quando tivemos que gravar uns **selinhos** na novela *O Beijo do Vampiro*. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 15)

Seu maxilar já está com câibra de tanto beijar? É hora de fazer uma pausa, dar um descanso para o pobre coitado. Mas não dá para simplesmente largar a boca do menino, como se colocasse o talher no prato entre uma garfada e outra. A melhor maneira de terminar o beijo é dando **selinhos**. Várias bitoquinhas delicadas indicam que o fim do beijo está próximo. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 39)

sem noção loc adj

NLoc

Que não mede as conseqüências de seus atos.

Quantas vezes na balada ou na escola você já pensou em avisar uma pessoa “**sem noção**” – ou porque ela está mal vestida ou porque ela está dando um escândalo ou por qualquer outra coisa? (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 68)

“Eu tenho noção de que sou **sem noção**.” É dessa maneira bem-humorada que Tainá Tonoli, 17 anos, fala sobre o seu jeito. “Não tenho vergonha de chorar na aula de matemática se briguei com o namorado”, diz ela. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 70)

- *sem-noção* s2g

Outra clássica dos “**sem noção**”: chamar todo mundo de “melhor amiga”. Se você diz isso para alguém que não é sua melhor amiga, essa pessoa vai se ligar que rola um falsidade. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 68)

Para fazer isso, uma pessoa em sã consciência precisa ser um **sem noção** assumido. Se eu fosse um repórter com noção trabalharia no Amaury Jr. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p.101)

Obs.: Embora registrado sem hífen, assume como substantivo o papel de composto reduzido (= sem-terra, sem-teto)

seqüelado a

NL

Que sofreu conseqüência de uma seqüela.

A maioria desses caras são **seqüelados**. Não é possível gostar de pagode e freqüentar roda de samba, cara. (*Todateen*, Agosto/2002, p. 34)

Há sempre aquela turma de **seqüelados** em qualquer família. Como não tem outro jeito, só resta aceitá-los e não estressar. (*Atrevida*, Setembro/2003, p. 78)

seqüelar vtd

NL

Causar dano.

Sei não, estudar demais pode **seqüelar** qualquer um. Depois não tem mais volta. (*Todateen*, Outubro/2002, p. 25)

Pais que brigam muito e depois descontam nos filhos **seqüelam** seus filhos para o resto da vida. É claro que alguns superam, mas outros levam esse trauma para a vida adulta. (*Atrevida*, Maio/2003, p. 36)

serrote a

NS

Que vive pedindo as coisas.

Meu primo é o maior **serrote**. Quando vem me visitar, escondo tudo de novo que comprei ou ganhei porque sei que ele vai me pedir emprestado. (*Todateen*, Novembro/2004, p.38)

siamês a

NS

Que se veste com a roupa da moda e adora freqüentar lugares da moda.

O tipo ideal para você é o cara **siamês**, todo arrumadinho, antenado à moda, bem fashion. (*Todateen*, Julho/2001, p.25)

sinistro a

NS

Muito interessante e envolvente.

Acampar nas férias é uma parada **sinistra**. Quando tudo sai como programamos, então, aí que fica mais sinistra. Vale a pena repetir todas as férias. (*Toda-teen*, Julho/2002, p. 56)

Nada como ficar bonita para conquistar um gato **sinistro**. (*Atrevida*, Junho/2003, p. 66)

solteirice sf

NL

Qualidade e/ou propriedade de quem é solteiro.

Senão você corre no mínimo dois riscos. O primeiro é que quando aparecer o seu “the one” (brega, eu sei) você pode estragar tudo por ter a sensação de que não aproveitou sua **solteirice**. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

superencanado (v. encanado)

sussa a

NL

Abreviação de “sossegado”.

Gian é do tipo que sabe curtir uma boa balada e ser “**sussa**”, mas nas horas certas é sério e responsável. Gian está no 3º módulo do técnico em eletrônica e já pensa em trabalhar. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 8)

Sou “**sussa**”, não preciso de muita coisa para viver. Acho que tem esquema pra tudo na vida. Eu prefiro não me prender na parte ruim, não tem nada a ver comigo ficar de bode. Procuro ver o lado bom das coisas. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 8)

Praia sussa!

Veja o que é certo e errado em relação aos biquínis, cangas, shorts e acessórios. (*Capricho* 26 de dezembro de 2004, suplemento especial (ed. nº 3), capa)

Você sabe quando deve sugerir programas e quando deve ser **sussa**, no seu canto, pra não atrapalhar a vontade da galera. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 71)

A calça larga e a camiseta fazem referência à capoeira, esporte **sussa**. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 51)

Obs.: O desvio ortográfico (*sossa**) decorre do debordamento do o átono pretônico. Nota-se nas duas primeiras abonações que o verbete vem entre aspas, fato que demonstra o sentimento de que é um neologismo recém-criado. Já nas seguintes ele é usado sem esse sinal gráfico, representando sua incorporação ao léxico do adolescente.

tanquinho sm

NS

Abdômen bem definido.

Para turbinar o **tanquinho**

Abdominais para a sua barriga ficar igual à da Laila. Faça cada série 15 vezes. (*Capricho*, 4 de abril de 2004, p. 53)

tapu sf

NL

Piranha; prostituta (pejor).

Quando vejo uma **tapu** numa balada tenho até pena. É triste uma garota se submeter a esse tipo de profissão. (*Atrevida*, Janeiro/2004, p.66)

Obs.: Palavra formada com a inversão das sílabas do substantivo “puta”.

tchu-tchu sm

NL

Tocar em uma pessoa de um modo inconveniente.

A onda de fazer **tchu-tchu** vem deixando algumas menina irritadas com esse tipo de “carinho” um tanto inconveniente. (*Capricho*, 24 de junho de 2004, p. 50)

A gente até gosta de um **tchu-tchu** de vez em quando, mas não desse jeito. Achei ridículo o comportamento dos garotos! (*Capricho*, 11 de julho de 2004, 105)

A reportagem “**Tchu-Tchu** hardcore” despertou polêmica entre os leitores. (*Capricho*, 11 de julho de 2004, p.105)

Obs.: Redobro, com repetição da sílaba semanticamente vazia *tchu* formando um vocábulo hipocorístico, sendo que apenas à palavra plena se pode atribuir significado. A grafia *tch* não é vernácula, mas corresponde a uma realização alofônica de /t/.

tdb s2g

NL

Tudo-de-bom (q.v.).

Aquele gato é **tdb**, o máximo do máximo. Faria de tudo para ficar com ele. (*Capricho*, 11 de julho de

2004, p. 67)

Nossa, acampar é **tdb**! Vale a pena ficar no mato e sem conforto. (*Capricho*, 11 de julho de 2004, p.34)

Obs.: Sigla. Não foi registrada a grafia “tedebê”, embora seja assim escrito o nome de uma personagem do seriado *Malhação*, da Rede Globo.

telescópio a

NS

Que agrada bastante uma pessoa, fazendo-a “ver estrelas”.

Ele é o tipo **telescópio**. Seu beijo me tira o fôlego, me deixa nas nuvens. Vejo estrelas, cara. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 40)

teu tio

NLoc

Policial.

A galera que se envolve com drogas tem um vocabulário parecido com o dos traficantes, sei lá. Morrem de medo dos **teus tios**, isto é, da polícia. (*Atrevida*, Novembro/2002, p.74)

the one

NLoc

Pessoa destinada para ser o seu par romântico.

Você está solteira? Então saiba de uma verdade que toda solteira precisa saber: não dá para abrir mão do quesito “variedade” na hora de escolher seus fíctos. Senão você corre no mínimo dois riscos. O primeiro é que quando aparecer o seu “**the one**” (brega, eu sei) você pode estragar tudo por ter a sensação de que não aproveitou sua solteirice. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

Todas essas categorias vão expandir seus horizontes e enriquecer sua vida afetiva enquanto seu “**the one**” não chega. Peraí, mas e se não chegar? Bom, isso fica para a coluna “Será que existe esse negócio de **the one**?” (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

Obs.: Anglicismo. Empréstimo usado entre aspas de ênfase, equivalente aos sintagmas vernáculos “cara metade”, “alma gêmea”.

tipo conj

NS

Como.

Amigas na novela, Luma Costa e Juliana Lohmann são **tipo** irmãs na vida real. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

A gente entrevistou malhadores **tipo** hard e elaborou um roteiro de paquera para você. Veja o que está dando certo e o que é mico total. (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

Um: eu nunca disse que era um filme. É a última

temporada de um seriado que eu amo, mas que não vai adiantar falar o nome porque você não conhece. Dois: para ficar à vontade, né, mãe? **Tipo** rir sem ter pais carentes perguntando “O que é tão engraçado, hein, gente?” (*Capricho*, 13 de junho de 2004, p. 98)

Se você é gente boa: marque uma balada com os melhores amigos dele, **tipo** surpresa. (*Capricho*, 2 de maio de 2004, p. 92)

Prefiro uma coisa mais simples, **tipo** calça jeans e blusinha. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 54)

- *tipo assim*

Como.

Não sei se vai rolar uma ficada com aquela gata. Mas eu estou levando fé, pois tem tudo para dar certo. **Tipo assim**, a música vai ser irada, a bebida vai ser boa, enfim, vai ser show. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p.38)

Obs.: O *assim* é expletivo.

toco sm

NS

Fora; tratamento desdenhoso; recusa, rejeição.

Os meninos, geralmente, são mais medrosos que as meninas. Eles têm medo de chegar nas meninas e levar um **toco**. Por isso, muitas vezes deixam de falar com elas por puro medo. **Toco** faz parte da vida. Se não arriscarmos, não conseguimos nada. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 73)

tomar balão

NLoc

Ser enganado.

Não admito **tomar balão**. É uma questão de honra me vingar e pagar com a mesma moeda. (*Atrevida*, Novembro/2002, p.64)

Obs.: Neologismo diastrático. Vem do futebol (“jogada na qual a bola é chutada por cima do adversário e recuperada logo adiante, às suas costas” HOUAISS).

topre sm

NL

Preto (pejor.).

Geralmente, rola um preconceito contra os **topres**. Não sou racista. Tenho amigos de tudo o que é raça. (*Atrevida*, Novembro/2004, p.42)

Obs.: Palavra formada com a inversão das sílabas do substantivo “preto”, com a intenção de camuflar preconceito racial.

tudo-de-bom a

NL

Que é muito bom.

“Fiz a minha cama e agora tenho de deitar nela todos os dias!”, diz o vocalista **tudo-de-bom**, explicando mais uma vez o rolo em que se meteu. (*Atrevida*, Junho/2004, p. 24)

- *tudo-de-bom* s2g

Por trás dos músculos de Dionísio Sardinha há um garoto romântico que gosta mais de namorar do que de ficar, e que escrevia poemas para as meninas na adolescência. Conheça melhor esse **tudo-de-bom!** (*Atrevida*, Junho/2004, p. 60)

Obs.: Usado também na forma abreviada *tdb* (q.v.).

uó a

NL

Que é desagradável, ruim.

Beijo **uó**

“Eu conheci um menino chamado Robison, que era muito lindo! As minhas amigas falavam que ele estava a fim de mim, que eu só esnobava, coisa e tal. No baile da escola resolvi chegar nele. O pior é que todo mundo estava sabendo que eu ia falar com ele, então ficaram na maior expectativa. Quando estava chegando perto, percebi que ele estava beijando outra pessoa... Outro menino! Ele é homossexual! Eu não tenho nada contra, mas ser trocada por um homem é **uó**. (*Capricho*, 18 de abril de 2004, p. 55)

... síndrome de Peter Pan é **uó**

Quem é que não se lembra do Peter Pan, aquele personagem que se recusava a crescer? Hoje em dia muita gente prefere ser criança até depois dos 30 anos. E fica brincando de adolescente quando já é adulto. Isso é péssimo. Ser adulto não é sinônimo de ser careta: você pode crescer e continuar moderno e irreverente. Mas dá uma preguiça quando você encontra alguém que já tem 26 anos e age como se tivesse 13. Crescer pode ser doloroso, mas... tem outro jeito?! (*Capricho*, 20 de fevereiro de 2005, p. 74)

Obs.: Termo originado de “o ó”, no qual o substantivo se origina de valor semântico pejorativo atribuído à vogal *o*.

vagal a

NL

Abreviação de vagabundo; que não faz nada.

A professora daquela matéria que você manja muito anuncia um trabalho em grupo com peso de prova. Quando seu amigo mais **vagal** e a turma dele pedem para fazer com você, qual sua reação? (*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 78)

Obs.: Forma alternativa a “vagaba”, também abreviação de “vagabundo”.

vamos combinar loc interj

NLoc

Indica desaprovação.

Vamos combinar! Ficar segurando vela para a irmã mais velha não está com nada. (*Capricho*, 21 de março de 2004, p. 89)

verme sm

NS

Polícia.

A polícia, entre os usuários de drogas, também é conhecida como “os **vermes**”. Eles usam vários nomes para camuflar e despistar possíveis delatores. (*Atrevida*, Outubro/2004, p.70)

Obs.: Neologismo diastrático, provavelmente proveniente da linguagem dos marginais, para os quais os policiais são como um verme (“Derivação: sentido figurado.indivíduo impotente, insignificante, abjeto, desprezível” HOUAISS). Embora o verbete, a rigor, não diga respeito uni-

camente à linguagem da juventude e tenha sido incorporado pelo critério da ocorrência, exemplifica a produtividade na recuperação do valor denotativo de algumas palavras.

visu sm

NL

Abreviação de visual.

Reza a lenda que passar o cabelo a ferro dá o mesmo resultado da chapinha...

... Olha, até dá, mas é perigoso porque pode queimar o cabelo ou a pele. Na época das nossas avós essa era a única alternativa para mudar o **visu**. Mas hoje é desespero, né? (*Atrevida*, Junho/2004, p. 15)

xavecar vtd

NS

Paquerar; conquistar; aproximar-se de alguém com o objetivo de namorar.

Mas a maior estratégia de venda deles é **xavecar** a acompanhante de quem está experimentando a roupa. “As meninas são muito influenciáveis pela opinião da amiga. A melhor forma de persuadi-las é ganhar a acompanhante. Fica mais fácil quando quem está junto é a amiga mais feinha. (*Capricho*, Maio/2004, p. 85)

Uma vez dois caras nos **xavecaram** numa viagem. Eles pensavam que éramos amigas. Quando descobriram que éramos mãe e filha, mudaram de postura e se tornaram apenas amigos. (*Capricho*, Novembro/2002, p. 50)

Caio namora há cinco meses uma colega de escola que ele já **xavecou** para um amigo. (*Capricho*, Abril/2004, p. 95)

Em primeiro lugar, não é pecado estar a fim de um garoto. Ou **xavecar** váários. Você é livre e desim-

pedida e uma das boas coisas de ser solteira é essa.
(*Capricho*, 26 de dezembro de 2004, p. 75)

Obs.: Metáfora de “xavecar”, arabismo *šabbak* que significa “trapacear”, por expansão semântica de sua acepção de gíria “patifaria” “trantice”.

xaveco sm

NS

Ato de paquerar, conquistar.

Eles próprios não precisam de intermediários quando estão a fim de alguém. “Confio mais no meu **xaveco** do que no de um amigo”, diz João. “E tem muita menina que acha bobo o cara que não tem coragem de chegar. Ela pode estar até a fim, mas, quando vê que o cara é inseguro, cai fora”. (*Capricho*, Abril/2004, p.95)

“Ninguém esquece de avisar, parece que é de propósito. Não tem como sair limpo. Se rolasse **xaveco**, então, eu ia me vingar e fazer o mesmo, pagar na mesma moeda! Só terminaria em caso de traição.”(*Capricho*, Março/2004, p. 89)

Paquero no shopping. Tem bastante menina bonita e eu me sinto mais à vontade para me aproximar e jogar um **xaveco**. (*Atrevida*, Maio/2002, p. 52)

Obs.: Deverbal de “xavecar”.

x-9 s2g

NL

Alcagüete, delator.

Detesto **X-9**. Muitos são incentivados pelos pais e professores para delatarem os colegas que infringem algumas regras. (*Todateen*, Março/2003, p.44)

Minha irmã é a maior **X-9**. Tudo o que faço ela corre e conta para minha mãe. (*Atrevida*, Setembro/2004, p.24)

Obs.: Neologismo diastrático, oriundo do vocabulário de marginais.

7. CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou levantar os neologismos presentes nas publicações voltadas para os adolescentes (*Atrevida, Capricho e Todate-en*), de julho de 2001 a dezembro de 2004, com o objetivo de mostrar que essa faixa etária possui uma linguagem expressiva e rica, embora muitas vezes seja vítima de preconceito por boa parte da sociedade.

Como foi dito inicialmente, o *corpus* pesquisado representa uma manifestação lingüística *para* o adolescente e não *do* adolescente. Além disso, embora ele apresente uma faceta dupla, já que a fronteira existente entre a linguagem da imprensa e a linguagem do adolescente pode suscitar outras investigações interessantes na área da linguagem, nosso propósito não foi fazer essa interface, focalizando-se aqui apenas o léxico, com o levantamento dos neologismos.

Uma pesquisa na linguagem do adolescente, mais especificamente no léxico, exige, como se pôde observar, conhecimentos que vão além do campo lingüístico, invadindo a Biologia, a Psicologia e a Sociologia. Essa interdisciplinaridade tornou necessária, primeiramente, além das considerações sobre a língua, uma abordagem dos aspectos relacionados às características fisiológicas do adolescente, bem como aos aspectos psicológicos, relativos às transformações mentais decorrentes das mudanças físicas.

Além disso, foi preciso situar o adolescente na sociedade contemporânea, caracterizada pelo “culto à juventude”, cheia de apelos e situações

responsáveis pela forma como agem e pela sua linguagem característica, que reflete, claramente, a sociedade em que vivem e os conflitos que enfrentam.

Para tentarmos entendê-los por completo, é necessário ter essa visão “biopsicossocial”. Daí, a afirmação de Louis Guilbert, em *La créativité lexicale*:

... o léxico jamais pôde ser definido como um sistema fechado, em razão de sua abertura sobre o referente, a evolução do mundo, do pensamento, sobre a transformação da sociedade.¹⁰ (1975: 32)

Partindo para a abordagem propriamente relativa à língua, retomando-a como um fato social, foi necessário discutir-se a questão de a linguagem dessa faixa etária ser considerada gíria ou linguagem especial. Chegou-se à conclusão de que é um caso particular de linguagem especial, já que contém características da gíria, mas, ao mesmo tempo, se insere nas relações comunicativas com a língua comum.

Como o foco desta pesquisa foram os neologismos encontrados nas publicações voltadas para os adolescentes, apresentaram-se algumas considerações a respeito da linguagem dessas revistas. O fato de estarem comprometidas com um determinado público faz com que tenham características específicas e uma linguagem que, embora não seja *do* adolescente, é voltada *para* ele. Logo, reflete o vocabulário utilizado pelo jovem.

Em seguida, como abordamos um fenômeno lexical, buscou-se tratar do léxico e das ciências responsáveis por ele: a Lexicologia e a Lexicografia. Com isso, foi possível confirmar que o léxico é um campo aberto a

¹⁰ ... le lexique n'a jamais pu être défini comme un système clos, en raison de son ouverture sur le référent, l'évolution du monde, de la pensée, sur la transformation de la société. (GUILBERT, 1975: 32)

inovações decorrentes da necessidade dos falantes. Essas inovações, os *neologismos*, e o processo de criação, a *neologia*, também tiveram seus conceitos aqui analisados.

Definiram-se, também, os critérios utilizados para a seleção do *corpus*, a organização da nominata e a definição dos verbetes.

Por fim, foi apresentado o glossário dos neologismos retirados das publicações mencionadas, que reuniu 189 verbetes, com as respectivas abonações. Foi encontrado o seguinte resultado:

Neologismos Lexicais (NL)	77
Neologismos Semânticos (NS)	73
Neologismos Locucionais (NLoc)	39

Desse levantamento, é importante que se destaquem algumas considerações.

A primeira delas diz respeito ao campo semântico da maioria dos verbetes. Ele se insere, na maior parte das vezes, na área referente aos relacionamentos amorosos, fato explicável pelas transformações típicas da adolescência, abordadas no segundo capítulo.

Diante do glossário apresentado, pode-se dizer que essa produtividade lingüística nos mostra o uso de mecanismos de formação de palavras, através da derivação e da composição, e da ampliação do campo semântico de palavras já existentes na língua portuguesa. Com isso, observou-se a atividade criadora e sua constante evolução, provocada, muitas vezes por relações metafóricas e metonímicas. Também encontramos no *corpus* alguns neologismos diastráticos, provenientes do vocabulário de outras clas-

ses ou grupos. Observou-se, por fim, um equilíbrio quanto ao número de ocorrências dos neologismos lexicais e semânticos.

Isso tudo serve para comprovar a vitalidade e a riqueza da língua portuguesa, do ponto de vista semântico, fonológico, morfológico, sintático e estilístico e para abordar também a questão dos empréstimos lingüísticos, da gíria e das linguagens especiais.

Cabe ainda dizer que a criatividade dos adolescentes certamente continuará lançando sementes que irão inspirar a criação de novos termos e expressões que servirão para enriquecer a nossa língua e para mostrar que, diferentemente do que se pensa, o vocabulário dos adolescentes, reflexo de suas transformações físicas, psicológicas e sociais, muito tem a acrescentar ao estudos lingüísticos. Espera-se, com isso, que este trabalho possa contribuir para os estudos lexicográficos, estimulando outras pesquisas nessa área.

E, por fim, como o tema aqui desenvolvido está permeado por emoções e descobertas, abre-se espaço para que a sensibilidade tome conta do último parágrafo deste trabalho, esperando que este estudo represente a união de três paixões: a adolescência, o léxico e a língua portuguesa.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Academia, 1999.
2. AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: UEL, 1999.
3. ALI, Said. *Gramática secundária*. São Paulo, Melhoramentos, 1923.
4. ALVES, Ieda Maria. *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.
5. ----- . *Neologismo, criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
6. ----- . *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: CITRAT FFLCH/USP, 1998.
7. ----- . “Neologia e Tecnoletos”. In: OLIVEIRA, Ana M.P.P. de. & ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS, 1998, pp. 23-29.
8. ASSUMPCÃO JR., Antônio Pio de. *Dinâmica Léxica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
9. AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
10. BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
11. BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1998.
12. ----- . *Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

13. BASÍLIO, Margarida. *Teria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
14. ----- . *Estruturas lexicais do português, uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
15. ----- . “Produtividade e função do processo de formação de palavras no português falado”. In: Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, 9, 1990. Campinas, 1990: p.1-9.
16. ----- . “Questões Clássicas e Recentes na Delimitação de Unidades Lexicais”. *Palavra*. Rio de Janeiro, 5: p. 9-18. Rio de Janeiro: Grypho, 1999.
17. ----- . *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
18. BECHARA, Evanildo Cavalcante. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
19. BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
20. BIDERMAN, Maria Teresa C. *Teoria lingüística – lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora., 1978.
21. BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
22. BOSSIER, Willem. *Os sufixos verbalizadores complexos no léxico do português moderno*. Antuérpia: Instituto Superior de Tradutores e Interpretes, 1998.
23. BOULANGER, Jean-Claude. “Néologie et terminologie”. In: *Néologie en marche*, série b, nº 4, office de la langue française. Québec, oct. 1979.
24. BURKE, Peter & PORTER, Roy (org.). *Línguas e jargões. Contribuições para uma história social da linguagem*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. 267p.
25. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gra-*

- mática*. 15ª ed., Petrópolis: Vozes, 1986. 262p.
26. -----. *Princípios de lingüística geral*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1989.
 27. -----. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1989.
 28. CARDONA, Giorgio Raimondo. *Diccionario de lingüística*. Barcelona: Editorial Ariel, 1991.
 29. CARLSON, Richard. *Não faça tempestade em copo d'água – para Adolescentes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
 30. CARNEIRO, Marísia, org. *Pistas e travessias*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
 31. CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 3ª ed., Madrid: Editorial Gredos, 1974.
 32. CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo?* São Paulo: Brasiliense, 1987.
 33. -----. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.
 34. CASTILHO, Ataliba T. de. *Para a história do português brasileiro, vol. I, primeiras idéias*. São Paulo: Humanitas/USP, 1998.
 35. -----. “Sincronia, diacronia e história”. In: ---. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979, p. 201-38.
 36. CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *A linguagem da política: inovações lingüísticas no português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2004.
 37. COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença/Ed. USP, 1979.
 38. COSTA, Sérgio Corrêa da. *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
 39. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
 40. CUNHA, Celso Ferreira da. “Conservação e Inovação no Português do Brasil”. In: *O eixo e a roda, Revista de literatura brasileira*, Belo Hori-

zonte: v.5, 1986. pp. 199-215.

41. ----- & CINTRA, Luiz Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
42. DIAS, Luiz Francisco. *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.
43. DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EUFC, 1999.
44. FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
45. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
46. ----- . *Dicionário Aurélio Século XXI*. 3ªed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
47. FINATTO, Maria José B. “O papel da definição de termos técnico-científicos”. In: *Revista da ABRALIN*, vol. 1, nº 1, Rio de Janeiro, julho de 2002, pp.73-97.
48. FREUD, S. “A metamorfose da puberdade”. In: *Três ensaios para uma teoria sexual. Obras Completas*, vol. II. Madri: Biblioteca Nueva, 1976, p. 1216.
49. GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1988.
50. GOFFMAN, Erving. “A situação negligenciada”. In: RIBEIRO, B.; GARCEZ, P.M. (Orgs.). *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.
51. GUILBERT, Louis. *La Créativité Lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
52. GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni Puccinelli (orgs.). *Língua e cidadania: o português no Brasil*.
53. HECKLER, Evaldo. *Estrutura das palavras: famílias, morfologia, análise, origem*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.
54. HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia portuguesa*. Rio de Ja-

neiro: IL, 2001 – texto digitado.

55. ----- . *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997. 139p.

56. ----- . & PEREIRA, Maria Teresa G.(orgs.). *Língua e Transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

57. ----- . & SIMÕES, Darcília. (orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

58. ----- . *Língua e cidadania: novas perspectivas de ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

59. HORTA, José Nunes. & PETTER, Margarida. (orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002.

60. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

61. JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

62. KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 2002.

63. KEHL, Maria Rita. “A juventude como sintoma da cultura”. In: NOVAES, Regina. & VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo / Instituto Cidadania, 2004. pp. 89-114.

64. KHEDI, Válder. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1992.

65. ----- . *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2003.

66. KOCOUREK, Rostislav. *La langue française de la technique et de la science*. John Benjamins Pub. Co., Aufl edition, 1984.

67. LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas & Juiz de Fora, Pontes/Ed. UFJF, 1994.

68. LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas/USP, 1999.

69. LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua*

portuguesa. 30^a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

70. LIMA SOBRINHO, Barbosa. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

71. LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3^a ed., São Paulo: Ática, 1995.

72. MACIEL, Maximino. *Gramática descritiva*. 5^a ed. aum. e refund. Rio de Janeiro, F. Alves, 1912.

73. MARTINET, André. *A lingüística sincrônica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

74. ----- . *Elementos de lingüística geral*. 5^aed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1975.

75. MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística*. s/ed., São Paulo: EDUSP, 1989. 226p.

76. MATHEWS, P. H. *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

77. MAURER JR., Th. Henrique. “Um Sufixo de Comportamento Original: O Diminutivo em -ZINHO”. In: BARBADINHO NETO, Raimundo, org. *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1968, p. 233-46.

78. MC LOUGHLIN, Linda. *The language of magazines*. London: Routledge, 2000.

79. MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

80. MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massas*. s/ed. Petrópolis: Vozes, 1973, 177p.

81. MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

82. ----- . *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

83. MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. Porto Alegre: Sulina, 1983.

84. MOUNIN, Georges. *Dictionnaire de la linguistique*. Paris: Quadrige / PUF, 1993, 346p.
85. MUSSALIM, Fernanda. & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2v. São Paulo: Cortez, 2001.
86. NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
87. OLIVEIRA, Ana M.P.P. de. & ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS, 1998.
88. PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
89. PEREIRA, Cilene da Cunha. *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ABL, 2004, pp.237-262.
90. PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
91. PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. 2 v. Rio de Janeiro & São Paulo: Livros Técnicos e Científicos & EDUSP, 1978 e 1981.
92. ----- . “De neologismos”. In: *Revista Confluência IV*. pp. 25-32.
93. PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
94. POSSENTI, Sírio. “Ordenação e interpretação de alguns advérbios do português”. In: ILARI, Rodolfo(org.). *Gramática do português falado*. vol. II. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 305-14.
95. PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984.
96. ----- . (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.
97. ----- . (org.). *Léxico na língua oral e escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.

tas/FFLCH/USP, 2003.

98. QUINTANA, Mário. *Nariz de Vidro*. São Paulo: Moderna, 1984.
99. RASSIAL, J.J. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
100. RECTOR, Mônica. *A linguagem da juventude: uma pesquisa geosociolinguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.
101. RIFATÉRRE, Michel. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
102. RITO, Lucia. *Adolescência: um lance que rola*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
103. ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
104. ROCA-PONS, J. *Introducción a la gramática*. Barcelona: Editorial Teide, 1976.
105. ROCHA, Luiz Carlos de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
106. ----- . “Guimarães Rosa: criação lexical, bloqueio e desbloqueio”. In: *Seminário Internacional Guimarães Rosa* (1998: Belo Horizonte). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000, pp. 364-370.
107. SANDMANN, Antônio J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.
108. ----- . *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
109. ----- . *Competência lexical*. Curitiba: Ed. UFPR, 1991.
110. ----- . *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.
111. SILVA, Dinorá Fraga da. *Pensar e argumentar: a linguagem do adolescente*. São Paulo: Cortez; Ed. UNISINOS: São Leopoldo, RS, 1998.
112. SILVA, Fábio Lopes & MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *O*

- direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.
113. SILVA, M. Cecília P. de Souza e & KOCH, Ingedore V. *Lingüística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 1997.
114. SILVA, Maria Cristina Figueiredo. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
115. SILVA, Maria Emília Barcellos da. “Competência e perspectivas dos estudos de base lexical”. In: OLIVEIRA, Ana M.P.P. de. & ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS, 1998, pp. 115-121.
116. ----- . “O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia”. In: AZEREDO, José Carlos (org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 142-146)
117. VALENTE, André Crim. *A Linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.
118. ----- . “Letras de música nas aulas de português: estilo, cultura e cidadania”. In: HENRIQUES, Claudio C. & SIMÕES, Darcília. (orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004, pp. 194-207.
119. VARELA, Soledad, org. *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria, 1993.
120. VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.
121. ----- . *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.
122. ----- . *Léxico e Gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.
123. ----- & KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.
122. YULE, George. “Morphology”. In: ---. *The study of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

123. ZAGURY, Tania. *Encurtando a adolescência*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Revistas consultadas:

- ATREVIDA. São Paulo: Símbolo Editora e Comunicação Integrada, números publicados entre julho de 2001 e dezembro de 2004.
- CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, números publicados entre julho de 2001 e dezembro de 2004.
- TODATEEN. São Paulo: Ed. Alto Astral, números publicados entre julho de 2001 e dezembro de 2004.